UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Bruna Martins Bulegon

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO DIGITAL: REDES DE MOBILIZAÇÃO FEMINISTA

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Bruna Martins Bulegon

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO DIGITAL: REDES DE MOBILIZAÇÃO FEMINISTA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa Estratégias de Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Comunicação**

Orientadora: Prof.ª. Drª. Maria Ivete Trevisan Fossá

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Bulegon, Bruna Martins
Estratégias discursivas na construção do ativismo digital: redes de mobilização feminista. / Bruna Martins Bulegon.- 2009.
151 p.; 30 cm

Orientadora: Maria Ivete Trevisan Fossá
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2009

1. Movimentos Sociais 2. Mobilização Feminista 3. Estratégias Discursivas 4. Ativismo Digital 5. Análise de Redes Sociais I. Fossá, Maria Ivete Trevisan II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO DIGITAL: REDES DE MOBILIZAÇÃO FEMINISTA

elaborada por
Bruna Martins Bulegon

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Maria Ivete Trevisan Fossá, Dra.
(Presidente/Orientadora)

Aline Roes Dalmolin, Dra. (UFSM)

Juliano Domingues da Silva, Dr. (UNICAP)
(por videoconferência)

Santa Maria, 09 de janeiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi construída com o apoio contínuo e compreensão de afetos que me levaram a conseguir realizar este processo de pesquisa. Assim, inicio com o sentimento de agradecimento para todas e todos que contribuíram.

Agradeço imensamente à minha família (mãe, pai e mana), que dedicaram parte de suas vidas a mim. Minha base fundamental, pelo apoio e compreensão pelas minhas escolhas. Ao incentivo em todos os momentos e todas as formas possíveis, presentes em todos os instantes.

Agradeço especialmente a minha orientadora, Maria Ivete Trevisan Fossá, por demonstrar confiança e apoio neste caminho de processo de pesquisa. Obrigada por ter me acolhido como orientanda e aceitar este projeto de pesquisa, por incentivar as escolhas e toda a compreensão envolvida.

E, também, aos professores da banca, que aceitaram o convite de participar e acompanharem o processo de qualificação e agora de defesa desta dissertação. Aline Dalmolin e Juliano Domingues, obrigada por terem sido tão dedicados em suas contribuições no exame de qualificação e aceitarem continuar a colaborar com reflexões sobre esta pesquisa, que agregam muitíssimo a este trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM pelas leituras e diálogos em sala de aula, pelo espaço de aprendizado e crescimento acadêmico. Ao Maurício e demais colaboradores com atenção e auxílio constante. Aos colegas de mestrado, com quem pude compartilhar muitas inquietações e momentos entre ansiedade e felicidade nesta trajetória construída nos dois anos do mestrado.

Agradeço ao grupo de pesquisa, espaço de diálogos e muito aprendizado. Em especial à Fabrise Müller, Natália Flores, Kauane Müller, Gustavo Freire, Kalliandra Conrad e Solange Prediger.

À UFSM, por oferecer um curso de qualidade e gratuito, com espaços com possibilitam a permanência acadêmica e crescimento pessoal.

Ao Instituto Federal Farroupilha que me possibilitou a oportunidade de trabalhar e conseguir conciliar os estudos. No primeiro ano, com afastamento parcial e no segundo ano, com afastamento para qualificação integral

Agradeço ao Lucas pela cumplicidade, pelo apoio constante, amizade, carinho e por não me deixar desistir nesse percurso. Às minhas amigas (presentes que recebi neste mestrado) Alice Pavanello e Aline Paz, por tantos dias de apoio, contribuições, diálogos, lágrimas, risadas e abraços, obrigada por ouvirem desabafos e entre momentos difíceis me ensinarem o valor da amizade. Agradeço à Giovana Possati e Carolina Weber por serem sempre minha fonte de inspiração e orgulho. Agradeço à Marilice Daronco por sempre me auxiliar com tantas dúvidas e estar disposta a ajudar. Agradeço à Cadiane por ter se mostrado um ser humano capaz de auxiliar em todos os momentos.

Ela não terá como ler este agradecimento, mas obrigada a Piti minha cãopanheira de tantas madrugadas de estudo.

E, enfim, e não menos importante, agradeço todas as mulheres. Às mulheres que constroem o mundo, somos fortes e devemos buscar por nossos espaços. Para todas que fazem da luta por respeito e direitos uma construção de vida.

EPIGRAFE

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.
(Rosa Luxembugo)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO DIGITAL: REDES DE MOBILIZAÇÃO FEMINISTA

AUTORA: BRUNA MARTINS BULEGON
ORIENTADOR: MARIA IVETE REVISAN FOSSÁ
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 09 de janeiro de 2019.

Esta dissertação buscou compreender como as redes de mobilização feminista brasileiras utilizam estratégias discursivas na construção do ativismo digital no site de rede social Facebook. Ao compreender o contexto atual de uma sociedade em rede, este estudo se destinou a perceber e analisar quais estratégias discursivas foram empreendidas por esses movimentos sociais para potencializar o ativismo digital. Temos como contexto de referencial teórico, as compreensões sobre a sociedade em rede e suas características, com os autores Harvey (2008), Thompson (2008, 2011) e Castells (1999, 2008, 2013, 2017). Ainda, apresentamos abordagens sobre a construção de gênero na sociedade, por meio das autoras Beauvoir (2009), Butler (2015), Scott (1995, 1998) e Louro (2008). A construção do movimento feminista brasileiro perpassa pelas autoras Pinto (2010) e Matos (2015). Percebemos questões sobre os movimentos sociais enquanto ações coletivas por Gohn (2008), Melucci (1989), Scherer-Warren (2003), Ugarte (2008) na compreensão das redes de ação no ativismo digital. Nesta perspectiva, observamos as estruturas das redes das páginas selecionadas neste *corpus* de pesquisa e as dimensões das publicações por meio da abordagem de análise de redes sociais e com a abordagem da análise crítica do discurso construímos um processo metodológico que consistiu em duas etapas de descrição e interpretação dos dados minerados. Dessa forma, foram pesquisadas quatro páginas referentes a diferentes vertentes do movimento feminista e que possuem maior número de engajamento no Facebook, com o recorte de coleta de dados durante o mês de março. Na primeira etapa fizemos um mapeamento dos atores sociais. Na segunda, com a análise tridimensional discursiva (Fairclough, 2001), orientados pelos dados obtidos na primeira fase, selecionamos publicações de maior destaque e foi realizado um aprofundamento para analisar e compreender como as estratégias discursivas e escolhas de recursos de linguagem construíram engajamento no site de rede social. Percebemos que os usos de recursos de linguagem envolvem ao mesmo tempo a representação do feminismo na busca por romper silêncios e uma constante legitimação das suas publicações, o que está interligado a um objetivo de construir laços sociais mais densos e menos efêmeros.

Palavras-chave: movimentos sociais, mobilização feminista, estratégias discursivas, ativismo digital.

ABSTRACT

DISCURSIVE STRATEGIES IN THE CONSTRUCTION OF DIGITAL ACTIVISM: FEMINIST MOBILIZATION NETWORKS

AUTHOR: BRUNA MARTINS BULEGON
ADVISER: MARIA IVETE TREVISAN FOSSÁ
Defense Place and Date: Santa Maria, January 9nd, 2019.

This dissertation aimed to understand how Brazilian feminist mobilization networks use discursive strategies in the construction of digital activism in the social network site Facebook. Understanding the current context of a networked society, this study was intended to perceive and analyze what discursive strategies were undertaken by these social movements to enhance digital activism. We have as theoretical background, the understandings about the network society and its characteristics, with the authors Harvey (2008), Thompson (2008, 2011) and Castells (1999, 2008, 2013, 2017). Also, we present approaches on the construction of gender in society, through the authors Beauvoir (2009), Butler (2015), Scott (1995, 1998) and Louro (2008). The construction of the Brazilian feminist movement runs through the authors Pinto (2010) and Matos (2015). We perceive questions about social movements as collective actions by Gohn (2008), Melucci (1989), Scherer-Warren (2003) and Ugarte (2008) in understanding networks of action in digital activism. In this perspective, we observe the network structures of the selected pages in this corpus of research and the dimensions of the publications through the approach of social networks analysis and the approach of the critical analysis of the discourse we constructed a methodological process that consisted of two stages of description and interpretation of the mined data. In this way, four pages were searched referring to different aspects of the feminist movement and that have a greater number of engagement in Facebook, with the clipping of data collection during the month of March. In the first stage we did a mapping of social actors. In the second, with the discursive three-dimensional analysis (Fairclough, 2001), guided by the data obtained in the first phase, we selected more prominent publications and a deepening was carried out to analyze and to understand how the discursive strategies and choices of language resources constructed engagement in the site of social network. We perceive that the uses of language resources involve at the same time the representation of feminism in the quest to break silences and a constant legitimation of their publications, which is intertwined with a goal of building dense and less ephemeral social bonds..

Keywords: social movements, feminist mobilization, discursive strategies, digital activism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Tela com as reações disponíveis na plataforma Facebook..... 69
Figura 2 – Tela da página inicial Não Me Kahlo 74
Figura 3- Tela da página inicial Feminismo Sem Demagogia - Original..... 75
Figura 4 - Tela da página inicial 8M Brasil..... 76
Figura 5 – Tela da página inicial Feminismo Radical Didático 76
Figura 6 - Tela da publicação com destaque nas interações – Não Me Kahlo 88
Figura 7 – Captura de tela da publicação com destaque nas interações (com algumas imagens destacadas publicação) – Feminismo Sem Demagogia - Original..... 91
Figura 8 – Tela de publicação com destaque em interações..... 93
Figura 9 – Tela de postagem com maior interação e também as algumas imagens do álbum – Feminismo Radical Didático 96
Figura 10 – Tela da publicação – Não Me Kahlo (14 de março) 109
Figura 11 – Tela da publicação do dia 15 de março – Feminismo sem Demagogia-Original..... 114
Figura 12 - Tela da publicação do dia 15 de março – 8M Brasil 119
Figura 13 – Tela de comentários da publicação 122
Figura 14 – Tela de compartilhamentos 123
Figura 15 –Tela da publicação – Não Me Kahlo..... 124
Figura 16 – Tela de comentários da publicação 126
Figura 17 – Tela de compartilhamento da publicação..... 128
Figura 18 - Tela da postagem – Feminismo Sem Demagogia – Original 129
Figura 19 – Tela de compartilhamentos – 8M Brasil..... 132
Figura 20 –Tela da publicação – 8M Brasil 133
Figura 21 –Tela da publicação – Feminismo Radical Didático 137

LISTA DE TABELA E QUADRO

Tabela 1 Informações coletadas no Facebook sobre páginas feministas brasileiras 70

Quadro 1 - categorias de estratégias discursivas das páginas feministas 139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Rede da página Não Me Kahlo 81
Gráfico 2 - rede da página Feminismo Sem Demagogia - Original 82
Gráfico 3 - Rede da página 8M Brasil 83
Gráfico 4 – Número de interações no mês de março - Não Me Kahlo 85
Gráfico 5 – Conteúdo das postagens por engajamento - Não Me Kahlo 86
Gráfico 6 - Grafo gerado da Modularidade da Rede - Não Me Kahlo 87
Gráfico 7 – Numero de interações no mês - Feminismo Sem Demagogia Original 89
Gráfico 8 - Representa o tipo de postagem com maior engajamento total – Feminismo Sem Demagogia - Original 90
Gráfico 9 – Grafo de Modularidade da Rede – Feminismo Sem Demagogia- Original 92
Gráfico 10 – Número de interações no mês – Feminismo Radical Didático 94
Gráfico 11 – Postagens com maior engajamento total – Feminismo Radical Didático 95
Gráfico 12 – Grafo de Modularidade da Rede – Feminismo Radical Didático 98
Gráfico 13- Número de interações no mês – 8M Brasil 99
Gráfico 14 - Postagens com maior engajamento total – 8M Brasil 100
Gráfico 15 – Grafo de Modularidade da Rede – 8M Brasil 102
Gráfico 16 – Dados obtidos pela mineração das informações 103
Gráfico 17 – Grau de saída do nó – Não Me Kahlo (14 e 15 de março) 105
Gráfico 18 – Grau de centralidade (eingevector) da página Não Me Kahlo (14 e 15 de março) 106
Gráfico 19- Modularidade da Rede – Não Me Kahlo (14 e 15 de março) 107
Gráfico 20 – Número de publicações e interações em relação ao assunto – Não Me Kahlo (14 e 15 de março) 108
Gráfico 21 - Grau de Saída (outdegree) Feminismo Sem Demagogia (14 e 15 de março) 110
Gráfico 22- Grau de centralidade (eingevector) da página Feminismo Sem Demagoria - Original (14 e 15 de março) 111
Gráfico 23 –Número de publicações e interações em relação ao tema Marielle Franci – Feminismo Sem Demagogia Original (14 e 15 de março) 112
Gráfico 24 – Grafo de Modularidade da Rede Feminismo Sem Demagogia - Original 113
Gráfico 25- Grau de saída do nó – 8M Brasil (14 e 15 de março) 115
Gráfico 26 - Grafo da centralidade do nó – 8M Brasil (14 e 15 de março) 116
Gráfico 27 – Número de publicações e interações em relação ao tema Marielle Franco – 8M Brasil (14 e 15 de março) 117
Gráfico 28 – Grafo de Modularidade da Rede – 8M Brasil (14 e 15 de março) 118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 SOCIEDADE EM REDE E O PODER DA COMUNICAÇÃO 23
2.1 A sociedade em rede 23
2.1.1 Espaço de fluxos e tempo intemporal 27
2.1.2 Como funcionam as redes 28
2.1.3 A construção da autonomia e o poder da comunicação no fluxo em rede 30
2.2 Representatividade e contrapoder 33
2.2.1 O papel do sujeito nas formações discursivas 38
2.3 Discurso para mudança social 40
3 REDES DE MOBILIZAÇÃO DE FEMINISTA 44
3.1 Mobilização e ação coletiva 44
3.1.1 Redes de atores sociais 47
3.2 Ativismo Digital 48
3.3 O movimento feminista 50
3.3.1 Feminismo 51
3.3.2 O movimento feminista brasileiro – das ruas e nas redes 57
4 PERCURSO METODOLÓGICO 62
4.1 Análise de redes sociais 62
4.2 Análise Crítica do Discurso 65
4.3 Corpus de análise 68
4.3.1 Site de Rede Social Facebook 68
4.3.2 As páginas feministas brasileiras 69
4.3.3 Recorte de tempo 77
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS 79
5.1 a estrutura da rede pela análise de redes sociais 79
5.1.1 Análise de Redes Sociais – As redes das páginas 79
5.1.2 Análise de Redes Sociais – mês de março de 2018 85
5.1.3 Análise de Redes Sociais – o assassinato de Marielle Franco 103
5.2 Estratégias Discursivas no Facebook das páginas feministas 120
5.3 Análise das estratégias discursivas 138
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 147

1 INTRODUÇÃO

Este estudo investiga os modos emergentes de mobilização social, construídos na esfera da sociedade em rede. Buscamos pesquisar como os movimentos feministas brasileiros interagem em sites de rede social, no caso desta pesquisa, no Facebook. Essa escolha parte do contexto no qual temos diferentes apropriações de espaço e tempo na sociedade em rede, o que possibilita novos espaços de cidadania em que atores sociais encontram possibilidades pelo uso de escolhas discursivas trazer a tona temáticas que envolvem posições de contrapoder. Percebemos um novo caminho de processos comunicacionais que não dependem de mídias de massa.

O contexto desde projeto de pesquisa, apresenta um país que tem passado desde a eleição presidencial no Brasil em 2014, na qual passamos por processos de crise política e econômica que refletem em perdas de direitos. Em 2015, o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência, um governo que ao longo do seu mandato manteve a busca da estabilização. Foi um Governo que assumiu o poder após um duvidoso processo de *impeachment* contra a ex-presidente Dilma Rousseff, aprovado pela Câmara dos Deputados, em agosto de 2016. Com isso, iniciou-se um processo de mudanças que trazem transformações significativas na formação do governo, como, por exemplo, a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, deixando suas ações a cargo do Ministério da Justiça. O que significa a perda de autonomia deste órgão, assim como a capacidade de implementar ações foi reduzida, refletindo diretamente na redução das políticas ligadas aos direitos das mulheres. Destacamos a reestruturação nos Ministérios, cujos representantes passaram a ser apenas homens, uma composição majoritariamente masculina que não ocorria desde 1979 e que, de certo modo, denuncia uma mudança de postura ideológica do Governo. Como nos diz Beauvoir, assim que iniciam as crises políticas, econômicas ou religiosas, os direitos das mulheres serão questionados, pois os direitos não são permanentes e é preciso manter-se vigilante.

De acordo com Almeida (2017), novas forças têm se apresentado a favor da restrição e retrocesso de garantias fundamentais em uma oscilação para uma onda conservadora que persiste em uma polarização política. A partir da compreensão de Castells (2013 e 2018), podemos perceber que, nesta complexidade de forças, os movimentos articulados em rede têm tomado novos espaços no País e no mundo, pelas apropriações feitas da tecnologia. Como as manifestações de junho e #15M que se constituíram de compartilhamento em compartilhamento, a cada curtida ou comentário, ganhando a força do engajamento e o alcance

das bandeiras presentes nestas ações coletivas, que tiveram como parte da engrenagem as redes sociais.

Dessa maneira, este trabalho assume como **tema de pesquisa** a mobilização dos movimentos feministas em sites de redes sociais. Sua delimitação é: as estratégias discursivas de mobilização dos movimentos sociais feministas brasileiros constituídos no Facebook. O período de março de 2018 justifica-se por englobar datas importantes para a discussão da representatividade feminina, como o Dia Internacional da Mulher.

Os movimentos sociais feministas foram escolhidos devido à sua importância frente à atual sociedade em rede, por representarem as mulheres que se posicionam na busca por direitos, bem como defendem causas que são de interesse das minorias. E desempenham na sociedade a função de buscar equidade entre mulheres e homens, assim como a luta por espaços de debate e diálogo sobre temas inerentes às mulheres, trazendo à tona questões que envolvem o social, o econômico e político.

Como **objetos empíricos**, escolhemos quatro (4) páginas declaradas como feministas e ativas no Facebook. A escolha partiu de informações dos números de seguidores e curtidas [1] e por representarem diferentes vertentes do movimento feminista. Essa opção resultou na escolha das seguintes páginas: "Feminismo Sem Demagogia - Original", "Não Me Kahlo", "Feminismo Radical Didático" e "#8M Brasil". A página "Feminismo Sem Demagogia - Original" tem 1.075.104 curtidas, se descreve como representante do movimento feminista pelo viés marxista e tem como enfoque a luta contra o machismo interligada diretamente à luta de classes. Já a página do Coletivo Feminista "Não Me Kahlo" possui 1.236.013 curtidas, apresenta-se como um espaço de estudo e debate sobre o feminismo, abrange diversas vertentes, caracteriza-se de forma mais interseccional, uma construção que propõe interligar diferentes processos de exclusão (raça, cor e classe) e assinala o intuito de desconstruir o machismo na sociedade. A página "Feminismo Radical Didático" tem 48.674 curtidas e, apesar de apresentar menor número de curtidas em comparação aos outros objetos desta pesquisa, foi selecionada por representar a vertente radical do movimento feminista brasileiro, com um perfil que apresenta pontos de vista, por vezes, excludentes entre as minorias, com as pessoas transexuais, por exemplo. Por fim, selecionou-se também a página "#8M Brasil", com 23.106 curtidas. Essa escolha justifica-se devido ao fato de estar interligada ao movimento da Marcha Mundial das Mulheres (Greve das Mulheres) e participar de organização da mobilização nas ruas em

[1] Número de curtidas atualizado em 29 de novembro de 2018

marchas e propor a Greve das Mulheres no Brasil, mobilização social que inicia na interação pelo Facebook e conflui na presença em manifestações nas ruas de diversas cidades do País.

A maneira como se percebe o espaço e a territorialidade modificou devido, principalmente, às tecnologias digitais e às formas de interações que elas proporcionam. De maneira que as interações se dão de formas mais globais, interacionais e contínuas nas redes sociais. Assim, os movimentos sociais representam um papel importante na atual conjuntura social, econômica e política, visto que os movimentos sociais feministas brasileiros, presentes no Facebook, possuem um importante papel no processo de desenvolvimento político, econômico e social pela sua capacidade de influência, de divulgação e, principalmente, de apropriação das programações possíveis dentro da rede estruturante da sociedade. Nesse sentido, percebemos os movimentos e ações em rede partindo de uma possibilidade da rede ser modificada em novos caminhos e fluxos informacionais que refletem em construir e modificar relações. Temos com os sites de redes sociais, um processo interacional que se caracteriza como não-vertical, sem imposições hierárquicas e sua independência de instituições, como governos e empresas de mídias. Assim, há a possibilidade de criar e modificar relações sociopolíticas, caraterizadas por serem descentralizadas, sem polaridades e com multideterminações e influências.

O ativismo digital amplia, dessa forma, o campo interacional construído faz com que os sujeitos possam ter o papel de atores sociais, na medida em que possuam acesso à rede e possam criar processos de comunicação que escapam das mensagens pré-construídas ou moldadas. O ativismo localiza-se na interação presente na rede. Os movimentos sociais, assim, tornam-se atores nesta rede e devem ser percebidos como impulsionadores da mudança social.

Dessa forma, esta pesquisa, busca a compreensão sobre quais estratégias discursivas podem contribuir para a mobilização e engajamento dos movimentos sociais na sociedade em rede em uma mídia que se apresenta como potencialmente democrática para os atores sociais dos sites de redes sociais. Além disso, visa estudar as possibilidades de apropriação de ações e discursos na busca por maior interação e informação quanto às lutas dos movimentos feministas brasileiros. Diante do exposto, elege-se como **problema de pesquisa** a seguinte questão: que estratégias discursivas empreendidas pelos movimentos sociais feministas brasileiros no Facebook potencializam o ativismo digital?

Esta pesquisa vai sustentar-se com a **justificativa** de que, ao se estudar o contexto da sociedade em rede e de convergências midiáticas, percebe-se que, de uma forma contínua e acelerada, tem se constituído a busca pela transformação social coletiva, através de movimentos sociais. Estes passam a ser atores sociais, como um possível ponto de apoio, de inclusão e de

emancipação no mundo globalizado, que, ao mesmo tempo em que une culturas, separa e oprime aqueles que não possuem forças suficientes para estar neste jogo, que envolve relações de poder e controle social.

As ferramentas de comunicação dos sites de redes sociais têm a possibilidade de apresentar uma forma de comunicação interligada à sociedade atual em rede, com potencial estratégico de novas formas do processo comunicacional, em especial, quando se estuda movimentos sociais que buscam agregar interação, mobilização e compartilhamento de informações, a partir de um pensamento contra uma sociedade ainda patriarcal.

As estratégias discursivas disponíveis em rede social não dependem diretamente da grande mídia de massa e nem de grandes investimentos de custos financeiros, o que permite alcançar e ultrapassar diferentes fronteiras, tanto geográficas, quanto relacionais. Da mesma forma, as conexões têm capacidade de gerar espaços para focar em um tema específico e aprofundar o debate abertamente.

A questão de gênero tem ganhado visibilidade como um tema presente na atualidade, sendo debatida em diferentes mídias e (re)construindo ordens discursivas sobre o assunto. Assim, chegamos ao potencial de mudança social advindo do feminismo e uma nova construção discursiva contra o patriarcado, em um contexto da sociedade em rede, no qual as possibilidades que os sites de redes sociais possuem de novos processos comunicativos tornam-se engrenagens que visam potencializar novos espaços de posicionamento nos debates atuais. Esta compreensão é fundamental para percebermos o feminismo na construção da transformação social, que ao utilizar de sites de redes sociais, com seus nós e conexões, tem a possibilidade para estabelecer e fortalecer novos laços sociais. Significa tratar da presença de diferentes contestações na sociedade dentro do seu contexto cultural-histórico, construído por meio de formações de significações discursivas.

É no movimento feminista que se pode encontrar espaço para o enfretamento de retrocessos presentes em forças conservadoras e fundamentalistas religiosas, em um movimento populista com viés patriarcal. Encontra-se, dessa forma, no feminismo e na presença nos sites de redes sociais, o potencial discursivo que permite inspirar e compartilhar questões que possam ir ao encontro do alcance de maior compreensão pelas lutas por direitos e justiça social, com diálogos que têm como objetivo permanecer transversais entre as representações do gênero feminino.

Assim, as inquietações aqui apresentadas tornam-se um fator importante na busca por compreender as mobilizações sociais no ambiente digital como objetos que estão em constante modificação e movimento, que buscam uma ativa participação e inserção dos atores sociais. As

organizações de movimentos feministas possuem como foco a questão do empoderamento das mulheres, através da difusão das informações, criando uma mobilização em rede por meio da coletividade.

Dessa forma, faz-se necessário compreender como essas organizações articulam seus processos de comunicação e analisar quais estratégias discursivas são utilizadas na construção da mobilização, como, por exemplo, publicações com imagens, chamamentos, textos agressivos ou mais aproximativos, diferentes tipos e escolhas de recursos de linguagem.

Pretende-se entender a maneira pela qual os movimentos traçam as conexões, na tentativa de gerar uma mobilização com cada vez maior capacidade de produzir interações e ativismo. Assim, parte-se do mapeamento de formas de distribuição de informações e da estrutura da rede, assim como perceber possíveis desdobramentos, como a inserção do debate na política e na sociedade. Investigar as novas formas de atuação dos movimentos sociais feministas no Brasil no contexto atual representa alinhar-se às reflexões que incluem as lógicas das redes e o papel de contestação na sociedade contemporânea.

O **objetivo geral** deste estudo é de analisar as estratégias discursivas na construção da mobilização pelos movimentos feministas brasileiros no site de rede social Facebook, levando em conta como se estruturam as redes das páginas ativistas feministas no site de rede social. Para isso, elencam-se como **objetivos específicos**: mapear a estrutura da rede das páginas por meio do desenvolvimento das dimensões e o alcance das interações dos movimentos no site de rede social; identificar os elementos sociais e relacionais que vão levar às escolhas discursivas no site de rede social Facebook e identificar as estratégias discursivas que potencializam o ativismo feminista brasileiro no Facebook.

Buscou-se construir o estado da arte com o intuito de compreender como esta pesquisa pode somar no campo da comunicação e das estratégias feministas, ligadas aos estudos de movimentos sociais e às questões do feminismo. Essa compreensão começou com a utilização de ferramentas de busca em sites de bancos e teses de dissertações da CAPES, Google Acadêmico e Banco de Dissertações e Teses de algumas universidades com as palavras-chaves “movimentos sociais e ativismo na Internet”, “movimentos feministas” e “estratégias discursivas dos movimentos sociais”.

Como resultado da busca, encontrou-se um número relevante de estudos quanto a questão do ativismo na internet, porém, na maior parte das pesquisas não se percebe a questão de compreender o processo das estratégias discursivas nas redes sociais. Ao modificar uma das palavras-chaves para “movimentos feministas nas redes sociais”, foram encontradas algumas descrições de operações de blogs e funcionamento de páginas no Facebook. Esses estudos

demonstraram uma revisão teórica voltada a compreender o histórico da construção social do movimento e, através de recortes de publicações, contextualizar o movimento no Facebook ou Twitter. Desse modo, considera-se destacar estudos que se apresentaram nos resultados e demonstraram maior interligação com o tema deste projeto e que podem auxiliar na produção deste tema de pesquisa.

No Banco de Dissertações e Teses da CAPES, foi realizada a primeira pesquisa com as palavras "feminismo, ativismo e redes sociais", resultando num total de 246.054 trabalhos. Refinando a pesquisa para "mobilização feminista", a busca apresentou 7.396 trabalhos, demonstrando, então, uma grande diferença de trabalhos na forma quantitativa, enquanto que, quando se voltou a busca para "ciberativismo", foram encontrados apenas 78 resultados. Ao se analisar esse resultado, foi possível assinalar que grande parte das pesquisas abrangem mais a discussão da questão de gênero (palavra-chave feminismo) na construção da identidade e da cultura, sem envolver a questão do feminismo enquanto movimento social.

É possível destacar também que, quando os temas de busca incluíam "movimento social feminista e redes sociais", a resposta da pesquisa demonstrou que o foco de estudo principal estava em acompanhar, apresentar e estudar a Marcha Mundial das Mulheres ou o coletivo Marcha das Vadias, abordando, em sua maioria, a contextualização histórica do movimento e como ele ocorre em muitos países, tratando da articulação deste por meio das redes sociais.

No entanto, não se encontrou um estudo que demonstrasse as estratégias discursivas que auxiliam e geram a mobilização das redes para as ruas. Também, como resultado da busca, encontrou-se teses e dissertações que tratam do movimento feminista ligado às questões políticas, expõem o tema contando a história do movimento, discorrem sobre a formação do feminismo brasileiro e o entendimento sobre os usos e limites do conceito de gênero. Nesse sentido, as pesquisas demonstram sua relevância ao apontar os estudos que apresentam o histórico do feminismo, como ocorreram as mudanças dentro do contexto social e político e, ainda, trazer para o momento atual em que está o movimento feminista, buscando encontrar potencialidades também nos sites de redes sociais.

Ao se modificar, novamente, uma das palavras-chaves para "Internet e ativismo", obteve-se, na maior parte dos resultados, trabalhos referentes às Jornadas de Junho de 2013, nas quais foi possível perceber um estudo mais aprofundado das estratégias sobre as publicações com engajamentos e estratégias de viralização, entre análises discursivas, análise de conteúdo e descrição dos memes que fizeram parte da construção do movimento das redes às ruas. Sob a ótica do estudo de estratégias discursivas nas redes, encontraram-se exemplos de pesquisas sobre o uso do Facebook por figuras políticas (Dilma Roussef, Aécio Neves e outros políticos

regionais). Essas pesquisas buscaram demonstrar o funcionamento de discursos nas redes sociais, porém, não envolviam diretamente os movimentos sociais como atores principais e responsáveis pelo processo de comunicação neste espaço.

Foi realizada também uma pesquisa sobre grupos de pesquisa pelo site da CAPES, que apresentou como resposta o número de 169 grupos que envolvem a questão de gênero e feminismo, no entanto, grande parte deles aparece com a classificação de "excluído" ou desatualizado. Os grupos que estão certificados são, em sua maioria, grupos que iniciaram entre 2005-2017, com exceção do grupo de pesquisa FAGEs – Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade da Universidade Federal de Pernambuco, que iniciou em 1983, assim como o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia e o grupo PAGU da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), institucionalizado em 1993, que faz a publicação de um periódico de mesmo nome.

Destacou-se o perfil interdisciplinar entre os grupos pesquisados e também que os núcleos estão voltados, em grande parte, para os estudos de gênero e saúde, gênero e direito e, em menor quantidade, gênero e cultura. A maioria tem como foco compreender a questão de gênero e políticas públicas, ou incluem gênero como uma categoria junto com outras minorias, como a desigualdade racial ou de classe. Destaca-se o grupo Gig@ - UFBA, que desenvolve suas pesquisas nas áreas de comunicação, cultura e as tecnologias digitais, tendo como enfoque as relações de gênero, e também o Instituto de Estudos de Gênero ligado à UFSC, que tem como foco a manutenção de projetos de cursos e seminários na área e a publicação da revista "Estudos Feministas".

Desta forma, elencou-se pesquisas relatadas neste texto que procuram demonstrar características interligadas a esta dissertação como uma forma de contribuírem para o processo de constituir a pesquisa. Percebemos pesquisas que envolviam acontecimentos e as interações na construção de identidades nas redes sociais, assim como apontam a questão do feminismo na sociedade em rede, abordando os usos das redes sociais como passíveis de apropriação para construir diálogos e gerar mobilização social, ressaltando que abrem espaço para continuar pesquisas mais aprofundadas sobre como se dá o funcionamento do uso dos recursos das redes sociais para o movimento feminista.

Assim, pode-se perceber, ao realizar esta pesquisa, a confirmação da importância de buscar um posicionamento nos estudos dos movimentos sociais, pensando estes como ações coletivas e como potencial de defesa das bandeiras do feminismo. Destaca-se, ainda, a centralidade de compreender o movimento feminista brasileiro frente ao contexto político atual. Esse cenário provocou preocupação de institutos defensores dos direitos das mulheres, como a

ONU Mulheres Brasil, que, em nota pública [2], assinalou a existência da desigualdade de gênero e outros tipos de discriminação limitadores da realidade de milhares de mulheres no Brasil, em relação à violência contra a mulher, à falta de acesso de igualdade salarial no mercado de trabalho, entre outros (ONU MULHERES BRASIL, 2017). Outro fator podemos perceber enquanto as mudanças que retiram posicionamento estratégico da Secretarias de Política para as Mulheres e a de Promoção de Igualdade Racial junto ao Poder Executivo, deixando de ter capacidade de tomada própria de decisão e gestão.

Defende-se, com isso, que estudar os movimentos sociais feministas com a utilização da lógica da sociedade em rede, através do olhar comunicacional, aprofunda o entendimento das estratégias e os usos dos recursos de linguagem como ferramentas com potencial mobilizadoras, em uma democracia que sirva de base para reivindicar espaços de debate, mobilização dos direitos sociais e cidadania.

O primeiro capítulo teve como proposta contextualizar em qual momento sócio-histórico tem se construído os movimentos feministas brasileiros e a atual sociedade em rede. Dessa forma, tem-se a fundamentação teórica na qual serão dialogados com os conceitos de sociedade em rede e suas características, assim como a fragmentação da individuação e autonomia dos indivíduos e coletividade. A compreensão dos conceitos da sociedade em rede parte de Castells (1999, 2013 e 2017), que defende que os indivíduos e as organizações têm a possibilidade de gerir conteúdos e compartilha-los nas redes sociais como uma forma de evitar o controle total das corporações e burocracias, porém sem deixar de ser uma liberdade limitada. Elencamos compreender as características dessa sociedade, envolvendo o tempo intemporal, o espaço de fluxos, o funcionamento das redes e, enfim, a construção de um espaço de autonomia.

São essas novas redes horizontais de comunicação que constituem a nova sociedade, na qual os governos encontram, na comunicação de outros atores sociais, uma diferença de como funcionava o processo comunicacional anterior, o que traz temor para o poder das grandes mídias de massa, Estados e outros representantes do poder capital. Essa forma de comunicação digital torna-se uma ferramenta capaz de conectar diferentes indivíduos em diferentes locais e tempo para uma mobilização social de contrapoder.

Tem-se, também, no posicionamento de Castells (2017), que a comunicação e poder são tanto constituidores inerentes da sociedade em rede e na relação de como os movimentos sociais são uma forma de agir do contrapoder, pois os atores sociais que buscam modificar os caminhos

[2] ONU Mulheres Brasil. Nota Pública: ONU Mulheres externa preocupação com a redução de status das Secretarias de Políticas para as Mulheres e de Promoção de Políticas de Igualdade Racial. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/noticia/notas-publicas/>. Acesso em: 24 de junho de 2017.

pré-estabelecidos na rede (programando ou reprogramando). Soma-se a essa compreensão da sociedade, as questões estabelecidas por Harvey (2008) referentes ao pós-modernismo pela abordagem que trata das mudanças ocorridas no contexto social e econômico, que vão representar em uma individuação dos sujeitos e sua busca por identificação.

No segundo capítulo serão abordados os movimentos sociais, compreendidos através de diálogo entre autores como Touraine (1998), Di Felice (2013), Melucci (1989) e Gohn (2013) e também sobre o feminismo e os movimentos feministas no Brasil, na estruturação de conceitos e compreensão acerca de gênero. Para que seja possível se tratar dos movimentos sociais no Brasil atualmente, é necessário compreender como se deu a evolução desse movimento e seu contexto histórico. Traz-se autoras como Céli Pinto (2003) e Marlise Matos (2010) para se definir um processo de maior acessibilidade do gênero no campo das instituições e uma nova formulação/criação de políticas públicas referentes ao tema. Tem-se a revitalização do enfoque clássico do feminismo na construção de direitos, no contexto da globalização e também nas agendas locais de gênero, passando, assim, para estratégias feministas horizontais, devido à multiplicação de modalidades e organizações com identidades feministas.

No terceiro capítulo, construímos o percurso metodológico, que engloba as questões sobre estratégias discursivas e o mapeamento da rede social. Busca-se compreender as estratégias discursivas e discurso, conforme Norman Fairclough (2001). Também é necessário apresentar a Análise de Redes Sociais e as modalidades de medidas de nó e rede envolvidas nessa metodologia, para analisar os movimentos no Facebook. Ao estudar uma rede social, é necessário também pensar que a rede, apesar de representar uma estrutura estática, está sempre em movimento. Desse modo, segundo Recuero (2006), redes sociais na internet apresentam comportamentos emergentes, a cooperação, a adaptação e a auto-organização, bem como o aparecimento de mundos pequenos e *clusters*. Ao criar mapeamentos na observação da estrutura, a ARS oferece formas de coleta e sistematização de dados que proporcionam uma abordagem mais completa dos vestígios dos atores sociais nas ferramentas de comunicação. Dessa maneira, os passos a serem seguidos, durante a Análise de Redes Sociais, passam pelo mapeamento das relações estabelecidas dos movimentos estudados na rede e tratam de seguir uma abordagem em dois níveis: primeiro sobre a posição do nó e as medidas de rede – coleta de dados relacionais – e, depois sobre o que as medidas querem dizer no contexto – os laços sociais.

Assim, com a Análise Crítica do Discurso, coloca-se em funcionamento uma compreensão partindo da dimensão textual, das práticas sociais e das práticas discursivas presentes nas publicações realizadas pelas páginas selecionadas; estuda-se a aderência na

sociedade em atos promovidos por atores sociais (neste caso, os movimentos sociais feministas), que pode ser resultado a partir de escolhas e recursos de linguagem, inerentes aos processos históricos construídos e marcados pelas relações de poder. Fairclough (2001) propõe uma análise a partir de três dimensões: compreender o texto (análise linguística), a prática discursiva (modos de articulação dos sistemas de produção, distribuição e consumo) e a prática social (analisa e identifica influência do contexto histórico, político e social sobre os discursos).

Ainda, apresentamos a análise que envolveu as abordagens metodológicas para perceber as construções de escolhas de recursos de linguagem e estratégias discursivas interligadas ao entendimento referencial teórico sobre construções ideológicas compreendidas nas publicações selecionadas e pelas características estruturais da rede. Percebemos como as estratégias discursivas e a estrutura da rede vão conjecturar em escolhas que buscam pelos usos das publicações das páginas feministas pela legitimação nos sites de redes sociais. Se dão por meio de escolhas entre a publicação de fotos nas postagens, para gerar mais engajamento, quanto apresentar temáticas ligadas ao feminismo junto ao fato e acontecimentos atuais.

Nas considerações abordamos como estas construções discursivas refletiram em formas de agregar engajamento pelas páginas feministas brasileiras no site de rede social Facebook, por meio do mapeamento das redes e nós, seguindo os vestígios estudados pela abordagem da análise crítica discursiva, podemos perceber que a apropriação dos usos das redes sociais na ambiência digital envolve diretamente estratégias que legitimam, buscam visibilidade e assim fortalecer novos laços sociais. Da mesma maneira que constrói a visibilidade pelo uso de comentários e compartilhamento de publicações e links.

2 SOCIEDADE EM REDE E O PODER DA COMUNICAÇÃO

A sociedade em rede estabelece e constrói o envolvimento sócio-histórico das potencialidades dos processos comunicacionais a partir da a ascensão da individuação com as modificações referentes a diferenças estruturais no entendimento de tempo e do espaço. Nas relações construídas nas interações nas redes sociais construídas na ambiência digital temos os vestígios da presença de ideologias hegemônicas, como o patriarcalismo. No entanto, há uma construção de autonomia de atores sociais, que utilizam da rede para amplificar a capacidade de se tornarem sujeitos ativos do processo comunicacional. É por meio dos processos comunicativos digitais que novas combinações na sociedade e espaços de fluxo se formam, como o caso dos sites de redes sociais. Ao se analisar a interação entre poder e contrapoder, tem-se que essas relações são construídas nas relações de comunicação e assim utiliza de fluxos informacionais, percebendo na interação o papel primordial para funcionamento deste processo, no qual se fundamenta o comportamento cultural e social. “Isso acontece porque as tecnologias de redes digitais permitem que indivíduos e organizações gerem seus próprios conteúdos e mensagens e o distribuam no ciberespaço, evitando amplamente o controle de corporações e burocracias” (CASTELLS, 2017, p.30). Com isso, as mudanças principais baseiam-se na individuação e na interligação em rede.

Assim, este capítulo tem como objetivo abordar como os atores sociais podem construir uma autonomia frente às instituições e buscar a mobilização como uma forma de contrapoder na sociedade atual. Compreende-se os atores sociais tratando da questão da autonomia e as relações de poder na sociedade pós-moderna, assim como compreenderemos a comunicação como um processo de interação caracterizada por uma autocomunicação de massa, características necessárias para constituir os movimentos sociais como ações coletivas contra hegemônicas.

2.1 A SOCIEDADE EM REDE

Para pensarmos o contexto que forma a sociedade em rede, dedica-se a leitura em David Harvey (2008) para compreender a questão do pós-modernismo e a individuação. Assim, ao desenvolver o pensamento sobre essa mudança na sociedade, o autor assinala a “heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural. A fragmentação, a indeterminação e intensa desconfiança de todos os discursos universais ou totalizantes são o marco do pensamento pós-moderno” (HARVEY, 2008, p.19). Enquanto que Thompson (2011) expõe que embora os processos de secularização e racionalização não tenham

sido tão avassaladores, a principal compreensão deve estar no desenvolvimento de um conjunto de instituições relacionadas com a produção e distribuição de bens simbólicos.

Na sociedade pós-moderna percebe-se a tentativa de uma representação mais pluralista, com uma abordagem envolta na questão do desenvolvimento humano orgânico. O contexto se dá em uma presença que modifica as formas de sistemas de conhecimento e, apesar de tratar da questão do direito de fala por si, é preciso pensar como este deve colocar-se de maneira legítima. Pois temos uma fragmentação e pluralismo das possibilidades de novas relações sociais que conseguem abarcar outras e diversas vozes em representações. Dessa forma, para Harvey (2008), o questionamento principal está exatamente em encontrar meios de exercer o comando com legitimidade.

Tais modificações e características da pós-modernidade abrem espaço para que novos movimentos contraculturais surjam. Ao mesmo tempo que há uma abordagem em torno da exploração presente pelas formas de poder institucionalizado, há também uma crítica da vida cotidiana que de forma corporativa imperialista. Ela se fortalece na mesma medida que em que há uma dominação e sucesso do capitalismo liberal, que busca uma constante hegemonia e também reflete no surgimento de um movimento de resistência global. Portanto, há uma guinada que, ao mesmo tempo que aceita, estimula o efêmero, a fragmentação.

> Isso, contudo, não implica que o pós-modernismo não passe de uma versão do modernismo; verdadeiras revoluções da sensibilidade podem ocorrer quando ideias latentes e dominadas de um período se tornam explícitas e dominantes em outro. Não obstante, a continuidade da condição de fragmentação, efemeridade, descontinuidade e mudança caótica no pensamento modernista pós-moderno é importante. (HARVEY, 2008, p. 49)

No entanto, é necessário salientar que a fragmentação na pós-modernidade, significa que, além dos caminhos e espaços de aceite do múltiplo e transitório, há uma produção capitalista e uma cultura que incentivam novas formas de consumo simbólicos, que utilizam desse esforço por um lugar da individuação. Temos na instabilidade um novo "fluxo perpétuo de desejos, gostos e necessidades do consumidor se tornam um foco permanente de incerteza e de luta" (HARVEY, 2008, p.103).

Assim, pós-modernidade é, sobretudo, mudança, uma ruptura com o pensamento racionalista, em confluência com as mudanças advindas também motivadas pelas guerras, pelas crises econômicas, pela questão ambiental. Temos a concepção de uma mudança no caminho para tratar da realização pessoal do indivíduo, se opondo a uma racionalização técnica. A linguagem está tematizada quanto a presença da intertextualidade e também sobre o discurso

como um potencial espaço para representar as fragmentações e a diversidade não-generalizadora de pensamentos e posições presentes nas relações de poder. Ao prevalecer, neste cenário, a informação posiciona então as mídias de comunicação como um espaço privilegiado, que exerce influência diretamente sobre a estruturação da vida social. Assim, a sociedade em rede se constrói em um circuito de redes individuais, coletivas, institucionalizadas, que são mobilizadas em teias de processos comunicacionais digitais, porém, perante um crescimento na sociedade centrado no indivíduo. As formas de comunicação afetam padrões tradicionais de interação, assim como Thompson (2002) sinaliza:

> [...] o desenvolvimento de novos meios de comunicação não consiste simplesmente na instituição de novas redes de transmissão de informação entre indivíduos cujas relações sociais básicas permanecem intactas. Mais do que isso, o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação de interação e novos tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana. (THOMPSON, 2002, p. 77)

A estrutura social compreendida como a sociedade em rede está inerente ao processo de informação, pelo motivo no qual "a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico" (CASTELLS, 1990, p.108). Assim tem-se a lógica das redes, uma configuração adaptada à complexidade das interações possíveis e aos modelos imprevisíveis, leva em consideração as estruturas como arranjos possíveis e organizacionais nas quais os sujeitos constroem suas relações de produção, de poder e de consumo que estão entremeados por codificações socioculturais.

A sociedade em rede tem como propriedade sua formação própria de espaço, tempo e fluxos relacionais, tornando os nós pontos passíveis de mudanças e abertos a reformulações, significa que são redes dinâmicas estruturalmente. Essas redes dependem dos interesses e valores programados nela e para ela, como também comporta configurações globais e locais dentro de um espaço multidimensional. Portanto, as redes são entendidas como formas organizacionais eficientes, pois abarcam em sua constituição a flexibilidade de se reconfigurar e manter metas (mesmo modificando componentes); a escalabilidade, ou seja, a capacidade de aumentar ou diminuir sem interrupções; e a capacidade de sobrevivência, que faz a rede suportar diferentes perdas e mudanças em seus nós e não sofrer danos por não possuir um único centro de operação. Assim, faz com que passemos a ter uma redefinição de espaço e tempo na nova estrutural social. Apesar da formação global da sociedade em rede não significa que não existam exclusões ou que todos têm espaço de inclusão nela. Porém, toda sociedade é alcançada

por mudanças que ocorrem nas redes globais que formam a estrutura social, pois “as principais atividades que moldam e controlam a vida humana em todos os cantos do planeta estão organizadas em redes globais” (CASTELLS, 2017, p.71).

As redes nas quais a sociedade está estruturada têm sua programação baseada na flexibilidade. Significa que os processos se dão de forma a serem reversíveis e que pode haver modificações ou reprogramações na rede. É por meio dessa capacidade de reconfigurar-se que temos as apropriações para uma estrutura fluida e adaptável, sem interrupções. Para esse funcionamento se dar entre os processos comunicacionais e a sociedade, se tem a convergência de tecnologias integradas no sistema de informação. Portanto, se obtém uma forma de poder que está na informação e nas representações pelas linguagens, que são representações nas quais a sociedade se organiza. Ressaltamos que o poder está em uma relação de jogo contínuo entre os códigos culturais da sociedade. Dessa maneira, vamos ter uma sociedade que se fundamenta dentro de um processo de comunicação híbrida, em que os diferentes processos e modos de comunicar se referem uns aos outros e a comunicação enraíza ainda mais o seu papel na constituição de processos de relações de poder.

A sociedade em rede, na concepção de Castells (2017), deve ser estudada partindo de três abordagens: de como ela é formada – uma arquitetura que se autorreconfigura; das redes – por ela ser resultado da interação entre diferentes espaços, geometrias e geografias; e por ser resultado de uma interação de segunda ordem, na qual tem-se redes dominantes e formações sociais excluídas da operação da rede. Essa estrutura social multidimensional organizada em redes globais tem como valor, dependendo da especificidade de sua configuração e programa, a expressão do poder, já que são os atores sociais que o detêm ou que podem ter o poder de decisão sobre o que é valioso.

A estrutura social é constituída, assim, no contorno de redes com processos de comunicação digitais, que, ao mesmo tempo em que formam essa rede, são formados por ela. A dinâmica presente no contexto atual, assim, ocorre de maneira aberta, interativa e com maior fluxo de informação entre os sujeitos que participam das relações de comunicação, como podemos perceber na interação presente nas redes construídas pelos movimentos feministas na busca por agregar maior número de engajamento pelos usuários. As relações de poder passam por transformações que tem processo de construção simbólica inerente às redes digitais. Temos, como o exemplo, o uso de *hashtags* ou publicações das páginas feministas brasileiras que constroem conexões entre ela e outros atores sociais que fazem do Facebook uma ferramenta para o ativismo. Temos, portanto, que a internet não é apenas um fator tecnológico. Há uma

construção simbólica construída na comunicação que desafia o poder, há uma quebra entre uma hegemonia institucionalizada e experiências individuais em uma nova coletividade.

Temos, dessa forma, duas formas sociais de compreender a construção social de tempo e lugar, o espaço de fluxos e o tempo intemporal. As redes dos processos de comunicação e os atores sociais se interconectam, o que faz com que surja a necessidade de analisar e conhecer as redes em que se dão as relações e sua configuração na sociedade. Os pontos de intersecção entre os nós e as programações da rede se reconfiguram em uma dinâmica que vai contra a imposição de limites territoriais.

2.1.1 Espaço de fluxos e tempo intemporal

As novas possibilidades de interação agora podem ser assíncronas e independentes da distância física. Há o espaço de fluxos, segundo Castells (1999), que se encontra simultaneamente no entre lugar em que as atividades de comunicação foram construídas, suas redes materiais que se conectam e os caminhos do fluxo de informação relativo à sua construção de significados, o que faz com que existam temporalidades diversas devido a esse espaço fragmentado. De acordo com Thompson (2002), foi com o uso dos meios de comunicação que novas formas de interação se ampliaram independentemente de sua posição geográfica, fazendo com que cada indivíduo pudesse interagir com outras pessoas sem necessariamente partilhar o mesmo espaço temporal. O tempo que deixa de ser reduzido a uma ligação ininterrupta de acontecimentos, pois há nesse processo comunicacional a possibilidade de temporalidades diversas entrarem numa mesma interação nas redes digitais, diluindo uma a dependência de uma sincronia temporal.

Para complementar a ideia de fluxos, Castells (1999, p.502) a aprofunda como "sequencias intencionas, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade". Assim, o espaço de fluxos trata de como o suporte dos processos e as funções dominantes presentes na sociedade é entendido a partir de três camadas. A primeira é o suporte material, abordando a questão de circuitos eletrônicos e a base material da tecnologia, que é essencial para as redes. Por se tratar de um suporte de práticas simultâneas, torna-se um local de organizações reconfiguráveis. A camada seguinte são os nós e os centros de comunicação que funcionam como arranjadores das interações, integrando os elementos na rede. Mas que seguem uma forma de hierarquia, com funções estratégicas e pesos diferentes. A terceira camada trata da organização das elites gerenciais dominantes, que têm o papel de

direcionar a articulação do espaço, feita por atores sociais que estabelecem as programações e os caminhos possíveis das interações. Ou seja, temos as redes da materialidade dos processos de comunicação, os locais por onde fluem os acontecimentos e os caminhos que esses fluxos de informação se constroem estruturalmente a partir de escolhas pré-determinadas.

As mudanças de ordem de espaço e temporal, refletem o pensamento pós-moderno. Temos uma intensificação que parte da fragmentação e da descontinuidade, que desenvolve uma compressão da memória por uma história que é submergida como um presente contínuo e um espaço, numa dinâmica de espaço de fluxos. Dessa forma, temos no espaço a extensão das práticas sociais de um novo compartilhamento. O que, segundo Harvey (2008), faz a busca por uma identidade lugar ser uma percepção dentro de uma sobreposição de imagens espaciais, pois cada sujeito tem uma apropriação de espaço de individuação e a maneira como nos colocamos nesse aspecto também molda a identidade para uma ordem social.

O tempo intemporal significa que enquanto a dinâmica de um espaço de fluxos se torna presente, cria um contexto no qual se interrompe a ligação de sequência direta do tempo e passa a ser uma outra temporalidade dominante na sociedade atual. O tempo "costumava ser definido como sequenciamento de práticas (...) o tempo burocrático, que é a organização do tempo, em instituições e na vida cotidiana, pelos códigos de aparatos miliar-ideológicos, impostos sobre ritmos do tempo biológico" (CASTELLS, 2017, p.81). Na sociedade em rede, há um empenho em reorganizar sequenciamentos, há simultaneidade construída nas interações em temporalidades fragmentadas e diversas. A sociedade, dessa maneira, está relacionada pelo ordenamento da atual compressão do tempo e espaço

2.1.2 Como funcionam as redes

A rede é compreendida como a inserção do indivíduo em um grupo social, ou parte deste, em uma relação complexa que está manifesta entre normas e oportunidades. É a estrutura social na qual os atores formam seu comportamento e colocam-se no processo da construção de relações discursivas. Também é preciso perceber que assim como a rede estrutura a sociabilidade dos indivíduos, o processo oposto também ocorre, devido a rede se moldar e adaptar na perspectiva de novas conexões para laços sociais.

A rede social é uma metáfora estrutural, não é o mesmo que tratarmos de site de rede social, pois este é a plataforma utilizada das redes informacionais para proporcionar relações de interação. Na rede, percebemos os nós posicionados na teia relacional e interligada como os

atores sociais e as conexões como as interações construídas entre os atores e mantidas por um sistema estrutural com formalidade e opções de programação.

> Quando focamos um determinado grupo como uma "rede" estamos analisando sua estrutura. De um lado, estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões. Enquanto os nós são geralmente representados pelos atores envolvidos e suas representações na internet (por exemplo, um blog pode representar um ator), as conexões são mais plurais em seu entendimento. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 155)

As redes sociais na internet são construídas pela mediação dos fluxos informacionais que se dão pelas representações dos atores sociais e caracterizam as relações de sociabilidade. Os sites de redes sociais (SRS) são ferramentas de suporte da rede social, pois tem a possibilidade de aumentar a capacidade dos nós (atores sociais) no processo de agregar e produzir espaços de comunicação. Desse modo, os movimentos sociais podem fazer uso desta ferramenta para construir o ativismo digital. Portanto, é nos SRS que temos uma ligação intrínseca com as redes na vida em sociedade em geral, uma interligação entre diferentes redes e diferentes mundos, tanto *online*, quanto *offline*. Assim como diz Castells (2017, p. 41),

> Os SRS são espaços de convivência que conectam todas as dimensões das experiências das pessoas. Eles transformam a cultura por que as pessoas compartilham tendo um custo emocional baixo e, portanto, economizam energia e esforços. Elas transcendem o tempo e o espaço, porém produzem conteúdos, estabelecem vínculos, conectam práticas.

Nessa direção, Castells (2017, p. 66) conceitua rede como "um conjunto de nós interconectados". Pode-se, assim, perceber que os nós possuem sua relevância pela função de poder criar significados em dependência ou não com os programas da rede e na sua interação com outros nós. Essa rede processa fluxos de correntes de informação entre os nós e é definida pelo programa que atribui a ela suas regulamentações de desempenho e apropriação simbólicas, como, por exemplo, o uso de recursos de linguagem. Os atores sociais, enquanto nós, podem promover uma nova interação entre outros atores e estão na origem da criação desse programa das redes.

> Assim, as redes são estruturas complexas de comunicação construídas em torno de um conjunto de metas que simultaneamente garantem a unidade de propósito e a flexibilidade de execução em virtude de sua adaptabilidade ao ambiente operacional. Elas são programadas e, ao mesmo tempo, autoconfiguráveis. (CASTELLS, 2017, p.67)

Os movimentos sociais em rede não possuem um centro identificável, no entanto possuem uma coordenação que atua a partir de deliberações entre os múltiplos nós no espaço de fluxos, pano de fundo dessa autocomunicação de massa. Assim, como o poder tem suas fronteiras e limites não determinadas nem pelo tempo, nem pelo espaço, temos a construção das possibilidades de um maior número de participações e interações de uma diversidade de sujeitos no movimento. Os movimentos sociais têm como característica suas formações de rede como

> Redes horizontais multimodais, tanto na Internet quanto no espaço urbano, criam sentimento de unidade; isso é importante porque é através da unidade que as pessoas superam o medo e descobrem a esperança. Unidade não é o mesmo que comunidade, uma vez que esta última implica um conjunto de valores comuns, que, dentro do movimento, é algo que está em processo. (...). Dessa forma, comunidade é um objetivo a se alcançar, quanto unidade é o ponto de partida e a fonte de empoderamento: Juntos podemos. (CASTELLS, 2017, p.50)

Os movimentos sociais contemporâneos adaptam-se ao papel de agentes de contrapoder devido ao fato de estarem em um forte contraste com as estruturas de instituições do Estado e políticas, estruturas que são historicamente deslocadas do contexto atual. O que acaba por delinear uma diferente forma de ativismo, mediado pelas redes sociais digitais e capaz de reconfigurar o caminho das informações, contestando as mídias tradicionais.

2.1.3 A construção da autonomia e o poder da comunicação no fluxo em rede

Nesse processo de mudança na sociedade, temos uma transformação cultural devido a uma emergência de valores que são a individuação e a autonomia. Segundo Castells (2013), a individuação é a tendência na qual os projetos individuais orientados em comunidade estão à frente das escolhas comportamentais. A individuação diferencia-se da individualização pois esta é sobre ter um enfoque em projeto particular, mas que acontece também em confluência com uma ação coletiva. No entanto, abordar a questão de autonomia corresponde melhor a essa proposição de individuação em uma sociedade em rede, devido que os atores tanto podem ser tanto individuais quanto coletivos.

Os valores sobre a individuação são fundamentados nas mudanças da vivência do tempo e do espaço, incluindo o trabalho e a cultura. O sujeito passa a perceber-se pelo individualismo conectado e por uma permanente busca por sociabilidade entre uma coletividade com semelhanças de escolhas e pensamentos, e reconstitui-se em interação. Há uma tendência à

fragmentação, mas que não é obstáculo para a geração de caminhos de uma coletividade que busca por transformação social, pois há um novo protagonismo dos indivíduos nas redes.

Perceber uma trajetória da individuação para autonomia é motivada pela sociedade atual operar em redes, o que permite que os atores possam construir projetos de sua escolha. A autonomia faz referência às possibilidades de um ator social ser sujeito que define ações com foco em projetos segundo seus valores e interesses próprios, desconectados de uma aprovação de instituições da sociedade, como, por exemplo, a responsabilidade ambiental ou a luta por acesso à moradia em uma comunidade. “Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da internet incorpora a cultura da liberdade, como mostra o registro histórico de seu desenvolvimento” (CASTELLS, 2013, p.137). Os sujeitos formam as redes para estar em contato, temos uma rede que se autoconstrói fundamentada na conectividade.

Podemos perceber que a sociedade contemporânea não deve mais ser compreendida por uma ideal globalizante que unificava os indivíduos, temos agora a “vontade pessoal de individuação que nos leva a combinar nossa personalidade individual e nossa herança cultural com a participação no mundo das técnicas da economia e da gestão da vida coletiva, para construir nossa experiência de vida pessoal” (TOURAINE, 1997, p.165). No entanto, essa individuação pode ser percebida pelo viés de que, ao mesmo tempo em que há uma busca por um mérito individual, por reconhecimento, temos também posições que se propõem a pensar em uma coletividade a partir de ideais deslocados dos posicionamentos já institucionalizados por uma hegemonia.

Assim, esse processo de individuação tem como elemento constituinte a autonomia construída pelos atores sociais na rede, quando os indivíduos encontram um espaço de cidadania para perceberem a possibilidade de tonarem-se sujeitos ativos no processo dos fluxos informacionais. Devido ao fato de que na internet há um espaço de liberdade de opiniões pelas plataformas de comunicação, em que há percepção de uma capacidade de influência e, simultaneamente, segurança por estar nesse espaço de fluxos. De acordo com Castells (2000, p. 567), as “redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”. Destacando-se que a capacidade flexível da rede e sua multimodalidade levam-na às conexões de formação, programação e reprogramação de sua estrutura, em que há escolhas de processos sociais predominantes.

Para Castells (2017), o poder é a peça fundamental da sociedade, o que leva em conta que a sociedade se estrutura pelos valores e instituições e que é nas relações de poder que se

tem uma definição do que é institucionalizado e representado socialmente. O poder pode ser demarcado pela repressão ou pela construção simbólica em formações discursivas de atores sociais, ainda que a influência na relação se dará de forma assimétrica. É pelo uso do poder que o sujeito como ator social pode influenciar outros sujeitos em rede. O processo de formação e relações de poder possui dois mecanismos principais, que são a violência e o discurso.

A dominação, assim, pode estar incluída internamente em discursos como uma forma complementar ou principal do exercício do poder, pois é nas formações discursivas que são concebidas pelo autor, seguindo a tradição foucaultiana, que as combinações de conhecimento e linguagens podem construir e fortalecer ideologias e laços da sociedade. É importante destacar que, no contexto atual, globalizado e da sociedade em rede, as relações de poder encontram nas redes de comunicação o espaço para processar conhecimento e ideias que podem modificar o entendimento e as aceitações da dominação.

Há um espaço de autonomia que está nessa ligação dos movimentos sociais ao estarem em interação, tanto nas redes digitais, quanto na ocupação de áreas, protestos e ações coletivas. Porém, esse espaço de contrapoder consegue resistir em um contexto de governos e economia em que se tem essa possibilidade e abertura para autonomia ou a luta pela busca desses espaços. Tais espaços foram multiplicados com a estrutura da sociedade em rede, na qual a globalização e os fluxos informacionais pela internet contribuem para processar conexões em diferentes lugares, por um público com diversidades de níveis econômicos e de acesso ao conhecimento. Temos um compartilhamento de espaços de expressão, mobilização e um acesso à representatividade das diversidades.

Porém, de acordo com Harvey (2008, p.112), há ainda uma perspectiva de reconhecer a autenticidade de outras vozes, que cria um "gueto de alteridade opaca, da especificidade de um ou outro jogo de linguagem". O acesso ao espaço de expressão de minorias está circunscrito num constante embate entre as relações de poder assimétricas construídas histórica e simbolicamente por uma hegemonia, que priva ou nega o espaço de autonomia a mulheres, povos, desempregados, negros, indígenas, jovens, etc.

Ainda assim, podemos compreender que uma transformação relevante é a transição dos valores da comunicação de massa para a intercomunicação individual, que tem o potencial de alcançar uma audiência de massa. Castells chama essa mudança de autocomunicação de massa. Ele compreende que "a produção da mensagem é autogerada, a recuperação da mensagem é autodirigida, e a recepção e a recombinação do conteúdo oriundo das redes de comunicação eletrônicas são autos selecionadas" (CASTELLS, 2017, p. 29). Dessa forma, são redes horizontais que abrem a possibilidade de uma nova comunicação. Enfatizando uma nova

abordagem do poder nessa sociedade em rede formada, que envolve do poder social e ao poder político em processos comunicacionais na era da internet.

O primeiro mecanismo citado por Castells (2018) é a programação na rede, um material cultural, que possui a característica de ter um traço comum de ideias e projetos que vão gerar os programas e o controle dos pontos de conexão. Enquanto que o segundo, a comutação, ocorre entre várias redes estratégicas, funciona como uma interface para articular o sistema operacional da rede. Ainda dentro do processo de formação de poder, tem-se dois polos: o primeiro é o que reforça a dominação e segundo é a resistência ao poder, que resiste à dominação e que busca, por meio de ações dos atores e movimentos sociais, coletivamente, trazer novas programações para as redes. Portanto, os conflitos na sociedade em rede estão no âmbito da comutação das redes de comunicação multimídia.

> A resistência à programação e a interrupção da comutação a fim de defender valores e interesses alternativos são as formas de contrapoder postas em prática pelos movimentos sociais e pela sociedade civil – com a dificuldade adicional de que as redes de poder são normalmente globais, enquanto a resistência de contrapoder é normalmente local. (CASTELLS, 2017, p.98)

A partir de relações de poder que formam esta sociedade em rede, existe uma batalha entre o poder e o contrapoder, que se utilizam da estrutura da teia em rede sem o domínio institucional. Esse ponto de conexão para desconstituir certas programações, encontra na comunicação vertical reformulada para a horizontalidade informacional e multimodal apoio para operacionalizar. Por conseguinte, é na forma em que são construídas essas redes que se tem a base e o espaço para mobilizações para a mudança social, visto que ela é resultado de uma ação de comunicação que envolve interação entre redes de comunidades em busca de uma unidade.

2.2 REPRESENTATIVADE E CONTRAPODER

Para Alain Touraine (1996), a democracia é um caminho para o desenvolvimento, que apenas é alcançado com a confluência da razão, do desenvolvimento econômico, da soberania da individuação e da soberania popular, em um contexto no qual as diversas esferas sociais tenham sua autonomia. Assim, existe uma liberdade pessoal em busca de uma luta por desenvolvimento. Devido que temos no entendimento do autor a cultura democrática, na qual compreender a democracia fundamenta-se na persistência e mudanças entre os laços e

afiliações, confluídos em territórios sociais, econômicos e políticos com as diferentes identidades.

> A cultura democrática só pode surgir se a sociedade política é concebida como uma construção institucional cujo objetivo principal é combinar a liberdade dos indivíduos e coletividades com a unidade da atividade econômica e de regras jurídicas. [...] A cultura democrática define-se como um esforço de combinação entre unidade e diversidade, liberdade e integração. É a razão pela qual, desde o início, foi definida aqui como a associação entre regras constitucionais comuns e a diversidade de interesses e culturas. É preciso cessar de opor, retoricamente, o poder da maioria aos direitos das minorias. (TOURAINE, 1996, p. 29)

A abordagem de democracia, para Touraine (1996), está ligada a uma disputa entre o indivíduo na sua cultura e a uma lógica de dominação pelos sistemas sociais, seguindo dois caminhos que envolvem criar espaços de participação mais abertos para os sujeitos e garantir para eles o respeito ao pluralismo. Essa concepção é inerente ao entendimento de uma busca por cultura democrática, em que se compreende a democracia como fundamentada em laços e afiliações, confluídos em territórios sociais, econômicos e políticos com as diferentes identidades. Pode-se perceber que, para o autor, os movimentos sociais devem questionar orientações dominantes da sociedade, ao utilizar-se de processos que envolvam as construções culturais, como o uso das mídias, para agregar alcance e mobilização. Assim, impulsionada pelas transformações da sociedade em rede, há uma dinâmica em que a fragmentação e, ao mesmo tempo, novas lógicas de coletividades geram conflitos e redirecionamentos nas relações de poder. Temos um ambiente de ação que é menos estruturado, mais fluído e, ao mesmo tempo, mais ativo.

É importante salientarmos que a democracia participativa ou democracia direta se realiza quando temos tomadas de decisões são feitas em comum por todos sujeitos participantes dessa sociedade. Há uma limitação para que ela se dê por completo, visto que não há como garantir a participação de todos os afetados em todas as tomadas de decisão. Mas há determinados aspectos que são refletidos nas sociedades atuais, como a participação em referendos, em que, porém, já há uma formatação em pré-determinadas opções (GIDDENS, 2008). A democracia representativa, por sua vez, dá uma natureza prática ao ideal da democracia participativa, que não é viável em larga escala. “Hoje é mais comum a democracia representativa, sistema político no qual as decisões que afetam uma comunidade são tomadas, não por esta como um todo, mas por pessoas eleitas para esse propósito” (GIDDENS, 2008, p. 427).

Coleman e Blumer (2017) têm como proposta entender a democracia a partir de um viés que pense o papel da comunicação a seu serviço. Dessa forma, a democracia deve ser entendida sob o ideal de autodeterminação coletiva. Para os autores, a questão da democracia sempre envolve disputas de poder com forças mais poderosas (hegemônicas) e uma tendência associada que busca um ideal democrático, além de que o ideal não deve ser colocado como um sistema de organização política apenas.

Contudo, na sociedade em rede, temos propriedades que a fazem refletir em transformações na expectativa social sobre governos e suas formas de representatividade, há uma espera de proteção estatal e, em paralelo, uma busca por construir uma ambiência diferente de política, desconectada de uma institucionalidade que impõe, o que acarreta em uma movimentação contínua por autonomia e contrapoder. Percebemos, assim, o reflexo de uma fragmentação que alimenta a afirmação de que a segmentação de um agir em sociedade não seja necessariamente cristalizador de interesses de apenas uma pequena parcela que está nas relações assimétricas de poder. Estamos tratando de uma democracia que utiliza o meio digital como potencial legitimador e um espaço de participação para atores sociais e/ou por porpor ações coletivas.

Apresentamos a emergência de um engajamento e ativismo com a tendência de crescer nas redes em ações coletivas com sustentações ideológicas e políticas. Soma-se que em decorrência do processo de individuação na sociedade pós-moderna, temos nos ativistas o potencial de luta por direitos e, simultaneamente, a busca por reconhecimento. Assim, os indivíduos em interação não escolhem por anular a sua vida em função de uma única luta, mas optam por estar em uma multimodalidade que assume diferentes papéis em mobilizações, sem seguir rotinas que podem se tornar fixas ou institucionalizadas e tem como maior ferramenta as interações da conectividade.

A democracia digital perpassa a tradição da concepção de como entendemos a democracia, por meio de seu caráter normativo e prático e pelas inovações encontradas nas interações pelas plataformas das tecnologias digitais. O uso das tecnologias digitais funciona como uma forma de buscar concretizar novos avanços em uma cultura democrática.

É ainda nesse desenho estrutural da sociedade em rede e nas possibilidades de suas apropriações que devemos compreender que as identidades culturais (CASTELLS, 2017) são parte de uma autonomia que está na borda da resistência para grupos e indivíduos que combatem dentro de uma lógica de rede dominante. Tem-se uma sociedade na qual existe uma dualidade entre a lógica da rede global e a busca por afirmação do sujeito. “É o processo pelo qual atores sociais conscientes e de origens múltiplas trazem seus recursos e crenças para

outros, esperando receber o mesmo em retorno, e mais ainda: o compartilhamento de um mundo diverso, pondo assim fim ao medo ancestral do novo" (CASTELLS, 2017, p.84). A possibilidade de reconfiguração dessa rede se fundamenta nos processos de formação dos programas que a controlam. Para tanto, os atores sociais podem colocar-se como parte de uma nova estruturação ou modificação de novas programações dessa rede.

Conforme Di Felice (2013), as redes de ação e dos seus atores desenvolvem-se frente a uma complexidade de relações

> Essa possível interpretação das qualidades reticulares das interações que se desenvolvem nesse breve conto resulta uma contribuição fértil para pensar as qualidades da complexidade das ações que desenvolvemos cotidianamente nas redes digitais, conectados a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas por suas vezes também conectadas a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas. (DI FELICE, 2013, p.269)

Ainda é importante compreendermos como a ideologia se reproduz e está presente em toda constituição e interpretação discursiva. O conceito de ideologia, para Thompson (2011), trata de referir a como o significado, dentro de particularidades, estabelece e mantém as relações de poder assimétricas, em relações de dominação. "Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é o sentido a serviço do poder" (THOMPSON, 2011, p.31). Para compreender a inscrição ideológica na sociedade e historicamente, faz-se necessário estudar os contextos dentro dos quais as construções de significação se deram e são articuladas. Esse processo de significação, chamando por Thompson de reprodução simbólica dos contextos sociais, envolve perceber que o significado é fundamentado nas formações simbólicas e como estas se colocam em produção nas relações de comunicação. O autor propões cinco formas de operação da ideologia: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação.

As formas como as relações de poder são articuladas pelas ideologias se dão por construções simbólicas e a legitimação se fundamenta em estratégias que envolvem a racionalização (regras inscritas em pré-ditos), a universalização (quando a representação de uma parte substitui a do todo) e a narrativação (para justificar relações atuais, busca narrativas históricas). Enquanto isso, a dissimulação operacionaliza por deslocamento (recontextualização de termos de um campo com a aplicação de valores positivos ou negativos), eufemização (quando abarca escolhas que buscam subtrair os pontos negativos) ou tropo (emprego de palavras em sentido figurado). Já a unificação vai operar através da padronização (ao implementar um referencial padrão) e da simbolização (construção de símbolos para serem compartilhados pelas coletividades). Outro modo de construção simbólica é a fragmentação que

se dá pela diferenciação (a partir de características identificadas, diferenciar e criar grupos) e por expurgo (quem ameaça a hegemonia é caracterizado como hostil, para gerar combatividade). E, por último, temos a reificação que pode agir através da naturalização (constituições sociais e culturais não dependem do indivíduo), da eternalização (apresentando elementos como permanentes, descolados da história) e da nominalização (constrói o privilégio de temas sobre outros).

Estas formas de construções simbólicas de ideologia e imposição nas relações de poder podem demonstrar o funcionamento do discurso como legitimador ou como forma de evitar a manutenção de ideologias, como a patriarcal. Assim, estas percepções conseguem abranger usos de recursos de linguagem que podem auxiliar na análise crítica discursiva presente neste estudo, no funcionamento da linguagem como constituidor da estrutura social e na mudança das estruturas na sociedade.

Assim, podemos perceber que a ideologia parte de construções da realidade, que são formadas e moldadas a partir de formações discursivas que fornecem meios para produção ou reprodução das relações de poder na sociedade. Ao perceber as diferentes formas de cristalização ou de imposição de ideologias, deve-se pensar como as práticas discursivas podem se interpor nesse fluxo com o objetivo de fornecer novos espaços comunicacionais como contrapoder. Como abordado em Fairclough (2001, p. 117),

> As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de "senso comum"; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência a transformação aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva.

As ideologias se dão por representações de aspectos da compreensão do mundo e contribuem para estabelecer e manter as relações de poder e dominação. Segundo Fairclough (2004), podem ser percebidas nas formas de interações e em expressões de identidades. O uso dos recursos de linguagem, dessa maneira, está na base da construção simbólica e naturalização de ideologias. Para buscar uma reestruturação de práticas sociais, é preciso constituir uma outra ordem do discurso que modifique as relações pré-estabelecidas.

Devemos perceber os usos de estratégias discursivas em construções simbólicas por uma ideologia no entendimento desse referencial teórico e de acordo com Louro (1997) que não podemos perceber como natural e não problemática que se tenha apenas um pólo de poder. Assim,

> Em vez disso, deve-se supor que o poder é exercido pelos sujeitos e que tem efeitos sobre suas ações. Torna-se central pensar no exercício do poder; exercício que se

> constitui por "manobras", "técnicas", "disposições", as quais são, por sua vez, resistidas e contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas. (LOURO, 1997, p 38-38)

Dessa maneira, compreende-se a importância de buscar nas posições sujeitos dentro de processos comunicacionais formas de construir e reconstruir novos caminhos na teia da rede que abarca um novo espaço de visibilidade e de espaço de contrapoder à uma hegemonia, como perceberemos na compreensão do potencial do papel do sujeito no uso das formações discursivas.

2.2.1 O papel do sujeito nas formações discursivas

A fim de compreender a produção do sentido na essência do discurso e este como prática social, uma via de representação culturalmente construída no contexto, partimos de Foucault, que destaca o discurso como uma representação formada em um processo comunicacional e histórico, formado por um conjunto de enunciados. O autor expressa que o discurso tem como engrenagem os signos. E é compreendido como uma prática escrita historicamente, que se entrecruza por outros discursos, assim como também é uma atividade que produz efeitos.

> [...] o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante. (FOUCAULT, 1996, p.49)

O conceito de discurso de Eni Orlandi (2002) aborda como palavra em movimento, a linguagem na prática. E a análise do discurso vai buscar compreender a língua enquanto produtora de sentido, que é constitutivo do homem sócio-histórico. Assim, compreende o discurso na relação com uso da língua, os sujeitos que falam e o contexto em que é produzido, relação essa que estabelece, engloba e caracteriza o discurso. A materialidade desse discurso vai além das mensagens a serem codificadas e decodificadas. Para a autora, devemos entender os efeitos de sentido que são constituídos dentro de um contexto sócio-histórico e que simbolicamente estão presentes dentro do discurso e deixam vestígios. “Na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2002, p.25).

Assim, podemos compreender que para a autora não existe fala que seja propriedade única e particular do sujeito, pois as significações não são individuais e nem originais, as palavras só podem significar quando inscritas numa história e na língua. Então, é no já-dito que

temos a base de todo dizer, pois este é fundamental para compreender como o discurso significa na sua relação com o contexto, com o sujeito e com a formação de ideologia. De forma que temos na observação do interdiscurso vestígios explícitos ou implícitos, que demonstram como o discurso está inserido em uma própria historicidade e significância.

A produção de um discurso engloba um conjunto de operações das matérias significantes, como operações discursivas, é possível descrever por semelhança um certo número de enunciados, por meio de escolhas temáticas e regularidades. Ainda inerente a esse processo produtivo, temos a percepção da necessidade manter-se interligado o entendimento sobre seu funcionamento com as práticas sociais e discursivas.

O sujeito do discurso é a posição do papel do falante dentro do uso da linguagem, porém, a competência deste sujeito vai além da questão linguística, ela abrange a formação sócio-histórica do indivíduo na sociedade e pressuposições sobre o interlocutor e saberes colocados nas relações de comunicação. Diante disso, temos um sujeito estabelecido dentro de um jogo de forças, no qual, de um lado, tem-se uma coação na questão de sofrer condicionamentos de linguagem e de contexto e, de outro, o sujeito tem liberdade no seu uso de estratégias, escolhas que constituem seu discurso. Ele é um sujeito polifônico, dividido e tem os papéis de codificador e decodificador:

> [...] o papel do sujeito que produz a linguagem e o colocar em cena, imaginando como poderia ser a reação do seu interlocutor, e papel do sujeito que recebe e deve um interpretar um ato de linguagem em função do que ele pensa a respeito do sujeito que produziu esse ato. Cada um desses papéis conduz o sujeito do discurso a se lançar em operações diferentes. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2012, p.458)

Definir os discursos como práticas sociais implica dizer que eles são constituídos dentro de um contexto sócio-histórico, assim como também o formam. Dessa maneira, os discursos são formadores e formados pelo viés ideológico

> [...] têm assim um papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade, pois é por meio dos textos que travam as batalhas que, no nosso dia-a-dia, levam os participantes de um processo comunicacional a procurar "dar a última palavra", isto é, a ter reconhecido pelos receptores o aspecto hegemônico do seu discurso. (PINTO, 2002, p.28)

As estratégias utilizadas para construir a formação discursiva ligam-se diretamente às formas como o sujeito tece as escolhas de seu discurso dentro das regras linguísticas possíveis, no sentido de que o evento comunicativo está relacionado a alinhamentos, convenções e regras do contexto sócio-histórico. E, ainda assim, ao possuir um objetivo no discurso, o sujeito vai

projetar uma resolução do problema da incerteza da relação comunicacional sobre a recepção. Conforme o ponto de vista da teoria do discurso social, as estratégias discursivas abordam uma interpretação da ação do dizer e da enunciação, o evento comunicativo se dá na relação do jogo entre universos simbólicos e intencionalidades.

Podemos considerar, assim, que o processo de produção do discurso está na construção de operações que buscam investimento de sentidos entre os atores da relação comunicativa. Ao utilizar os recursos da materialidade do texto deve-se operar sempre de forma interligada ao contexto comunicativo na dimensão de ser socialmente pré-determinados, construindo no paradigma simbólico a questão ideológica do indivíduo. Os efeitos de sentido dos discursos possuem a capacidade de reconstruir ou reafirmar posições socioculturais, que são gerados por meio de estratégias discursivas.

2.3 DISCURSO PARA MUDANÇA SOCIAL

Para tratar como o discurso pode ser um mecanismo de poder, temos que a relação de dominação vem do processo da ação comunicativa, porque nela que se constituem significados e valores no processo democrático. Assim, as sociedades não podem ser simplificadas como comunidades que compartilham valores, elas são estruturas sociais estabelecidas dentro de negociações entre diferentes atores sociais.

> Assim, o poder não está localizado em uma esfera social ou instituição específica, mas está atribuído por toda a esfera da ação humana. No entanto, há expressões concentradas de relações de poder em certas formas sociais que condicionam e forjam a prática do poder na sociedade como um todo ao reforçar a dominação. O poder é relacional, a dominação é institucional. (CASTELLS, 2017, p.61)

Diante disso, é possível perceber que com os usos da internet e a consequente formação da sociedade em rede, amplificam-se as formas de visibilidade dentro dos processos comunicacionais midiáticos e que igualmente tornam-se mais complexos.

> Além disso, dada a natureza da Internet, é muito mais difícil controlar o fluxo de conteúdo simbólico dentro dela e, dessa forma, muito mais difícil para aqueles que estão no poder se assegurarem de que as imagens disponíveis aos indivíduos são as que eles gostariam de ver circulando. Desde o advento da imprensa, os líderes políticos descobriram ser impossível controlar inteiramente o novo tipo de visibilidade possibilitada pela mídia e deixá-la completamente a seu contento; agora, com o nascimento da Internet e de outras tecnologias digitais, isso ficou mais difícil do que nunca. (THOMPSON, 2008, p. 23-24)

Os atores sociais estão agora visíveis para outros, existe uma presença mediada que não está mais ligada ao espaço e ao tempo. Nesse contexto agregam-se atores em uma rede que podem criar existência ou permanência, ou serem dispersos e isolados. Assim como para Di Felice (2013), em que a lógica da rede corporifica a estrutura da sociedade, a comunicação deixa de ser apenas unilateral, os indivíduos passam a serem atores que participam do processo de comunicação.

A interação presente nas redes se dá pela mudança das tecnologias de comunicação com a implementação dos meios digitais, a internet surge como ponto de colaboração e mídias para os atores sociais. Segundo Di Felice (2008), essa mudança trata de uma alteração do processo informacional, modificando os sentidos no fluxo de comunicação e o modo como os sujeitos passam a interagir e representar-se em diferentes posições. O processo de comunicação é colocado em jogo na rede, que tem como engrenagem a interação e implica na substituição das posições fixa de emissor e receptor. Assim, temos um processo de trocas simbólicas que modifica e gera conexões diversas, não podemos mais determinar uma única fonte de emissão de informação, nem um único direcionamento. Sobre o conceito de interação,

> [...] torna-se necessário, atribuir a tal conceito um significado de um devir transorgânico, com o qual, ao invés de pôr ênfase na significação da mensagem, indicam-se as práticas habitativas e conectivas de interações entre mente, sujeito, redes, circuitos, informações e inteligências. (DI FELICE, 2008, p. 46)

Percebe-se que essa interação construída nas redes deve ser compreendida além da materialidade da mensagem, devemos estudar as ordens discursivas nas suas práticas sociais e discursivas. Dessa maneira, o discurso é visto nesta pesquisa como um momento e também como formador das práticas sociais, interconectado a seu contexto. A abordagem da análise do discurso crítica contribui para mapear as relações nas escolhas de recursos de linguagens empreendidas pelos atores sociais e os aspectos em rede de práticas de interações.

A sociedade em rede, que traz novos caminhos de apoderar-se das programações de comunicação como potencialmente democráticas, abarca as possibilidades de encontrar no discurso uma apropriação para mudanças de usos linguísticos. Isso porque, ao modificar os modos de produção da construção simbólica, interfere-se diretamente nas construções de práticas sociais. Para isso, temos na abordagem de Fairclough (2001), o entendimento de que é preciso uma análise linguística que contribua na investigação da mudança dessa linguagem, na proposição de mudança social e cultural. Assim, encontra-se na análise crítica discursiva o uso

de métodos que analisa a linguagem inerente ao pensamento social e político, desenvolvendo uma teoria que compreende o discurso como engrenagem para a mudança social.

> Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a 'doença mental', a 'cidadania' ou o 'letramento') de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

As possibilidades de reprogramação da rede fazem com que o indivíduo busque autonomia e tenha a possibilidade de transformar as redes em movimentos sociais, em contraposição à lógica da rede global.

> Em um mundo de redes, a capacidade de exercer controle sobre outros depende de dois mecanismos básicos: (1) a capacidade de construir rede(s) e de programar/reprogramas a(s) rede(s) em termos das metas a ela(s) atribuídas; e (2) a capacidade de se conectar e garantir a cooperação de várias redes, por meio do compartilhamento de metas comuns e associação de recursos, ao mesmo tempo que se afasta a competição por parte de outras redes por meio do estabelecimento de uma cooperação estratégica. (CASTELLS, 2017, p.91)

Entretanto, as mudanças sociais não envolvem apenas o uso da linguagem, pois são constituídas por mudanças nas práticas discursivas, na tentativa de uma variabilidade presente na heterogeneidade discursiva nos processos de mudanças sociais, constituídos pela luta de relações de poder. Isso implica na relação dialética entre discurso e estrutura social, porque, enquanto um é moldado e restringido pelo outro, o processo no sentido contrário se dá como reflexo.

O autor Fairclough (2004) aborda os textos como elementos de eventos sociais geradores de efeitos que acarretam em mudanças de conhecimento, crenças, atitudes e valores. Percebe, dessa forma, os usos discursivos na continuidade do tempo contribui para moldar as identidades individuais e coletivas, como por exemplo, enquanto sujeitos consumidores e em suas percepções sobre gênero. No entanto, essa não é uma causalidade mecânica, nem regular, é importante perceber como o contexto também determina as formas discursivas, em diferentes interpretações. "The social effects of texts depend upon processes of meaning-making – we might want to say that the social effects of texts are mediated by meaning-making, or indeed that it is meanings that have social effects rather than texts as such" [3] (Fairclough, 2004, p.11).

[3] Os efeitos sociais dos textos dependem de processos de construção de significado - podemos dizer que os efeitos sociais dos textos são mediados pela criação de significado ou, na verdade, que são significados que têm efeitos sociais e não textos como tais.

Assim, atribui-se efeitos causais aos discursos, com a condição essencial de manter na abordagem de análise aprofundada que inclua significado contexto.

Com isso, podemos perceber que as maneiras que os movimentos feministas brasileiros estão fazendo uso das possibilidades dos sites de redes sociais como um processo para a mudança social são uma forma de se opor à hegemonia imbricada pela ideologia patriarcal. De acordo com Wodak (1997), a abordagem discursiva sobre a institucionalização de gêneros é um processo que incorpora a construção social, demarcando apropriações.

> The institutionalization of gender can easily be connected to the use of clearly determinable features as a basis for the distribution of resources and power, namely biological features. This embedding process is social in all its shades. Although the social expressions of masculinity and femininity have little to do with biology, it helps to demarcate differences between the sexes which can be exploited in creating patriarchal systems.[4] (WODAK, 1997, p. 10)

Assim, temos um processo constitutivo dos discursos que incorpora e reflete a construção social em todos os aspectos da identidade das mulheres, dentro da imposição de uma ideologia pelo sistema patriarcal. Essa forma de construir representações sociais e simbólicas sobre gênero influencia na sociedade.

Este capítulo apresentou as compreensões sobre como a sociedade em rede está construída e suas relações de poder estão em jogo em um novo espaço de autonomia que tem se consolidado nas apropriações da internet. Este processo advém de fatores como as modificações que ocorreram na sociedade pós-moderna desde a fragmentação do indivíduo até uma nova percepção de tempo e espaço. Desta maneira, se abre um campo para a atuação como contrapoder frente a uma hegemonia patriarcal pelos usos das interações e busca por reprogramações nas redes. No caso deste trabalho, buscamos entender o potencial que as estratégias de escolhas de recursos de linguagem têm para transformar os sujeitos, na construção de uma autonomia na busca de uma mudança social.

Para isso, aprofundaremos a temática dos movimentos sociais e do ativismo nas redes no próximo capítulo que busca traçar um caminho entre a compreensão dos movimentos sociais, das ações coletivas e de como estas se caracterizam em um ativismo. Também se torna necessário, devido ao objeto empírico deste trabalho, compreendermos a história do movimento feminista brasileiro.

---

[4] A institucionalização do gênero pode ser facilmente conectada ao uso de características claramente determináveis como base para a distribuição de recursos e poder, a saber, características biológicas. Este processo de incorporação é social em todos os seus aspectos. Embora as expressões sociais de masculinidade e feminilidade tenham pouco a ver com a biologia, ajuda a demarcar diferenças entre os sexos que podem ser exploradas na criação de sistemas patriarcais.

3 REDES DE MOBILIZAÇÃO DE FEMINISTA

Na perspectiva de compreender os conceitos de movimentos sociais e como os autores observam essas características, provocamos diálogos entre eles, para que seja possível reconhecer no ativismo digital tais traços e os jogos de relações de poder presentes nos sites de redes sociais. Acrescenta-se a compreensão da importância do movimento feminista nesta esfera de autonomia, para isso apresentaremos as marcações em torno dos conceitos de gênero, a importância do feminismo na sociedade e o histórico da construção de um movimento feminista brasileiro.

3.1 MOBILIZAÇÃO E AÇÃO COLETIVA

Nas relações de poder, tem-se as dinâmicas entre o poder e o contrapoder. Enquanto o primeiro foca na manutenção das institucionalizações, o segundo possui o papel do desafio por meio de um ator social, mais frequentemente exercitado por um movimento social. Segundo Castells (2017), os movimentos sociais devem ser percebidos como os impulsionadores da mudança social. Da mesma forma, para Gohn (2008, p.14), compreender o movimento social engloba:

> [...] uma ação coletiva e decorrente de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações.

A autora estabelece um entendimento que caracteriza os movimentos sociais a partir de ações sociopolíticas que partem de diferentes atores das mais diversas classes sociais. São ações que envolvem processo de criação de identidades em espaços de fluxos e que não precisam ser institucionalizadas. Para Melucci, a ação coletiva deve ser entendida como um conjunto de recursos internos e externos mobilizados. Essa ação se dá pela construção dessas estruturas organizacionais, assim, o movimento social é “sistema de ação que liga orientações e significados plurais” (MELUCCI, 1989, p.56- 57). Soma-se ainda que:

> Eu defino analiticamente um movimento social como uma forma de ação coletiva (a) baseada na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação. Estas dimensões permitem que os movimentos sociais sejam separados dos outros fenômenos coletivos (delinquência, reivindicações

> organizadas, comportamento agregado de massa) que são, com muita frequência, empiricamente associados com "movimentos" e "protesto". (MELUCCI, 1989, p.56-57).

Os autores Toro e Werneck (2004) posicionam-se por um entendimento que não reduz a mobilização social apenas quando há manifestações de pessoas em local público, temos a compreensão que a mobilização a ocorre quando há um grupo de pessoas ou uma comunidade que age em torno de um objetivo comum e que busca continuamente resultados em torno de bandeiras de propósito para todos. Temos a caraterística de envolver nessa constituição a interpretação e sentidos compartilhados. Assim, percebemos que o propósito de um movimento social não pode ser passageiro.

Para Henriques (2012), os movimentos podem ser vistos como uma reunião de sujeitos que têm como objetivo transformar uma realidade. E que por essa causa são formados há o compartilhamento de sentimentos e conhecimentos. A mobilização tem início com objetivos que são pré-definidos, orientada para construir um projeto de futuro da sociedade. Para Touraine (2011), o movimento social tem que ser entendido como uma ação coletiva que vai colocar em causa um modo de dominação social, que se trata de:

> Uma relação social de dominação só pode suscitar uma ação que mereça o nome de movimento social se atuar sobre o conjunto dos principais aspectos da vida social, ultrapassando as condições de produção em um setor, de comércio ou de troca ou, ainda, a influência exercida sobre os sistemas de informação e de educação. (TOURAINE, 2011, P.18-19)

Dessa forma, compreendemos segundo o autor que para haver um movimento social deve existir uma oposição à hegemonia, que busque gerar impacto maior que a defesa de interesses individuais, e, sim, como comunidade. A definição de movimento social refere-se na combinação do princípio da identidade, no princípio da oposição (a existência de um adversário) e no princípio da totalidade (pensando no contexto social e histórico).

> As novas contestações não visam criar um novo tipo de sociedade, mas ‘mudar a vida’, defender os direitos do homem, assim como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de uma história de vida pessoais. (TOURAINE, 1998, p.262)

Em visto disso, podemos caracterizar os movimentos sociais contemporâneos por diferença em relação à algumas características de outros do passado, pois temos a necessidade de qualificar os tipos de ações coletivas presentes e sua rede. Segundo Gohn (2013), os

movimentos deixam de ser apenas reativos e se tornam movidos por alguma necessidade ou opressão ocorrida, que faz desenvolver essa busca por um espaço de autonomia. Também Scherer-Warren (2006), afirmam que há uma mudança na qual as representações simbólicas de determinados grupos advém do reflexo de necessidades. Temos a construção de pautas políticas que tanto podem ser reivindicativas para a transformação social e, dessa forma, temos a construção de uma ação coletiva ou de um movimento social específico.

Assim, ao seguir as características sobre a compreensão de engajamento social do sujeito, que faz com que passe do individualizado ao coletivo, temos que a participação nas ações envolve ter como orientação ir contra uma forma de dominação social, em que se recorra a valores, orientações gerais e normas dentro da convivência em comunidade. Por isso, compreendemos que os movimentos sociais são ações coletivas, de acordo com Melucci (1989 e 1996) e Scherer-Warren (2003 e 2006), que as percebem como uma forma de um futuro alternativo a longo prazo, mas que se dá a partir de um embate contínuo, pontual e que tenha como bandeira de luta a democratização das relações sociais. Considera-se, então, que estas ações de mobilização vão tematizar questões que não está ligada apenas na esfera privada, envolvem também questões de gênero, étnicas, de classe, e, ainda assim, compartilham-se as lutas pela igualdade, distribuição de renda, entre outras. Demarcamos, dessa maneira, o processo de comunicação como a prática na qual os sujeitos podem se reconhecer, atuar e fazer agenciamentos simbólicos, indo além de um recurso utilizado por essa forma de organização.

Ainda, no Brasil, os movimentos sociais têm um histórico que inclui momentos de fluxos e refluxos, entre institucionalização, proibições e cerceamentos. O processo de evitar a institucionalização (percebida como um risco de controle) foi se modificando simultaneamente com as formas de governar o Estado. Assim, passou-se para um primeiro momento histórico de reinvindicações que enfraqueceram com o início e a manutenção da ditadura militar, e que, depois de alguns anos, voltaram a ganhar força para lutar contra esse regime. É importante ressaltar que, com o retorno da democracia e com governos que buscavam legitimação pelo viés popular, trouxeram uma forte institucionalização dos movimentos sociais, que passam a organizar-se como ONGs e, até mesmo, como órgãos acessórios governamentais.

De certa forma, essas mudanças ocorreram pelo aumento de novas leis e incentivos de proteção e apoio à população, geralmente excluída das demandas sociais hegemônicas. No entanto, com a evolução do cenário da sociedade em rede, recomeça um novo fluxo de movimentos que visam modificar, agregar ou reconstruir valores imbricados por uma visão excludente de algumas identidades brasileiras, como as mulheres negras, a comunidade LGBTQ+, os que lutam por terra, entre outras lutas por direitos.

3.1.1 Redes de atores sociais

Os atores sociais têm como função revelar e estar à frente de projetos interligados a problemas de uma cultura ideológica e assumem uma] função simbólica ao deixar vestígios de sua presença na rede. “Eles lutam por projetos simbólicos e culturais, por um significado e uma orientação diferentes da ação social. Eles tentam mudar as vidas das pessoas, acreditam que a gente pode mudar nossa vida cotidiana quando lutamos por mudanças mais gerais na sociedade” (MELUCCI,1989, p.59). No entanto, ressalta-se que o ator social não luta sozinho, ele atua em uma rede de articulação.

As redes de atores sociais, de acordo com Melucci (1989), são organizadas em pequenos grupos que fazem parte de uma continuidade da sociedade com fins específicos, possuem uma associação múltipla e, em alguns casos, efêmera e têm na busca por visibilidade uma forma estratégica de enfretamento de contrapoder. Em concordância, Scherer-Warren (2003) tem a proposta de uma ação coletiva que, na perspectiva das redes sociais, realiza um papel estratégico de empoderamento, como forma de expressão de articulações política e ideológicas.

Os atores são os sujeitos que formam e participam da estruturação da rede social. Eles são caracterizados na sociedade em rede como agentes no uso das tecnologias digitais, através de ferramentas mediadas pelos sites de redes sociais. São os atores que tem a possibilidade de constituir, enquanto agentes comunicacionais, novas formações discursivas que se imbricam nas relações de lutas hegemônicas. Soma-se a isso, o entendimento de que, para Fairclough (ACD), devemos entender que, para os sujeitos, a ideologia funciona pela sua constituição enquanto atores sociais e cria posições de sujeito. Além disso, “os sujeitos sociais constituídos não são meramente posicionados de modo passivo, mas capazes de agir como agentes e entre outras coisas, de negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que eles recorrem”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 87)

Dessa maneira, quando se fala do poder presente nas redes, trata-se do poder que os atores – individuais ou coletivas – possuem sobre outros grupos ou indivíduos. O poder pelo uso das redes se dá pela determinação do par inclusão/exclusão da presença dentro das redes globais, dado que atores que possuem recursos dentro da rede podem exercer estratégias, como o *gatekeeping*. Enquanto isso, o poder da rede deriva dos padrões e protocolos de comunicação, que determinam regras que são aceitas no exercício das conexões dos nós em rede, pois o poder está na imposição de regras. Para Castells (2017), o poder na sociedade em rede pode funcionar pela capacidade de construir uma rede junto da capacidade de programá-la ou reprogramá-la e também pela possibilidade de, nas conexões, os nós entrarem em cooperação com outras redes,

utilizando o compartilhamento de mesmas metas e associando recursos, em uma cooperação estratégica.

Os movimentos sociais, percebidos como ação coletiva, possuem como objetivo interligar e apresentar fluxos diferentes dos já estabelecidos pela hegemonia, com novos códigos nos programas das redes. São como processos de compensação, que vão resistir a uma dominação estabelecida em nome de interesses dos sub-representados. Outra forma de contrapoder é bloquear as formas de comutar as conexões entre as redes, por exemplo, regulamentando o uso da internet por determinado tipo de acesso. Assim, a internet adequa-se a essa busca pela autonomia comunicativa, pois grandes corporações e os governos dificilmente conseguem controlar facilmente os processos comunicativos, sem conseguir interromper o movimento.

3.2 ATIVISMO DIGITAL

No contexto atual, as ações coletivas têm a possibilidade de construir ações diretas e coletivas imbricadas em práticas sociais e comunicativas específicas. Recuero (2009) destaca que as redes sociais na internet são agrupamentos instituídos de forma complexa e por meio de interações que têm como base os usos das tecnologias digitas de comunicação. Dessa maneira, os processos comunicacionais que são mediados pelo uso dos fluxos de informação das tecnologias em rede criam um ambiente convidativo à articulação dos sujeitos e atores sociais em rede.

Como característica dessa mobilização nas redes, Roza (2012) apresenta as condições para o funcionamento das ações coletivas que a englobam, como o local de origem e a dimensão que ultrapassam as questões geográficas, demonstrando sua forma de difundir informação e constrói um local de diálogo contínuo *online*. Esse espaço tem como características a opção pelos sujeitos de estar em anonimato e também o fluxo não vertical em seus processos informacionais, baseando-se em formas colaborativas entre as subjetividades. Temos também recusa de luta pelo poder que significa envolver uma busca de construir um espaço de debates e construções em novas formas de gestão de governo. Assim, não têm como objetivo assumir o papel de autoridade, mas sim de criar um novo ambiente na sociedade para uma construção mais democrática.

O ativismo digital potencializa, dessa forma, em espaço de cidadania na construção na qual os sujeitos podem tornar-se atores sociais, na medida em que passam a ter acesso a essa rede, e conseguem criar processos de comunicação que escapem das mensagens pré-construídas

moldadas pela grande mídia. A definição de Di Felice (2013) para ciberativismo explicita-o como a forma de fazer os usos dos recursos de Internet o suporte dos movimentos, tanto globais quanto locais, utilizam essa arquitetura de fluxos de informação para buscar difundir informação e promover a discussão de ideias de maneira coletiva e propor ações partindo dos diálogos construídos em rede.

O ativismo localiza-se na interação presente na rede. De acordo com Castells (1999 e 2013) assim como para Touraine (1996), há a busca em desenvolver uma cultura democrática em que "Há necessidade de produzir uma cultura global que acrescente algo às identidades culturais específicas em vez de suplantá-las, para pôr em prática os programas de redes que são globais em seu alcance e objetivo" (CASTELLS, 2017, p.98).

Em Ugarte (2008), o autor o determina o ativismo digital como uma forma de expressão de ativismo ligada ao embate por visibilidade dentro de esferas de programações pré-determinadas pela rede – institucionalizadas. É uma estratégia que busca por mudanças na agenda pública e que utiliza de três meios para fundamentar-se: o discurso enquanto aquele que permite criar uma identidade dentro de uma união de desconhecidos, o uso de ferramentas, como as plataformas que suportam redes sociais, para impulsionar a capacidade de alcance dos nós na rede e a visibilidade como o objetivo desse ativismo.

A organização dessas mobilizações enquanto rede pode ser de dois tipos, segundo Scherer-Warren (2003). Eles podem ser as manifestações simbólicas massivas e/ou as redes de comunidades virtuais identitárias. A primeira se dá por resposta, em uma forma de contestar medidas do Estado, que ainda tem seu lugar marcado como o mediador de uma hegemonia capitalista, ou ligadas aos fundamentalismos religiosos, enquanto que as redes de comunidades virtuais identitárias

> [...] são a forma que os múltiplos atores específicos dos novos movimentos sociais têm encontrado para marcar sua presença e dar continuidade ao movimento no cenário globalizado. Estas comunidades são mais virtuais, baseadas em intercâmbios solidarísticos, do que formas de organizações coletivas centralizadas, e como exemplo temos as múltiplas redes que se tem organizado no espaço cibernético. (SCHERER-WARREN, 2003, p.33)

Essas redes de comunidades virtuais identitárias podem ser percebidas como ações coletivas, pois têm como características as referências simbólicas, os canais de solidariedade, uma relativa autonomia de ação e uma referência de reconhecimento dos sujeitos parte dessa mobilização, há um espaço de pertencimento, em redes que não são efêmeras, apesar de fragmentadas e fluidas.

Assim, temos na interação, de acordo com Di Felice (2008), uma alteração do processo informacional, modificando os sentidos no fluxo de comunicação e o modo como os sujeitos passam a interagir e representar-se em diferentes posições. O processo de comunicação é colocado em jogo na rede (que tem como engrenagem a interação), o que implica na substituição das posições de emissor e receptor. Assim, temos um processo de trocas simbólicas que modifica e gera conexões diversas, não podemos mais determinar uma única fonte de emissão de informação, nem um único direcionamento.

A interação está no compartilhamento simbólico, no desenvolvimento e na prática de estratégias que são caracterizadas pela possibilidade de reciprocidade. Significa dizer que as redes sociais são mantidas pela interação, que são as conexões entre os nós, as pontes que interligam e se dão como um processo de comunicação dos indivíduos na sociedade. Um processo que se dá em um fluxo de retroalimentação, pois, enquanto o indivíduo forma a rede, ele também molda suas conexões por meio das regras e possibilidades já presentes nessa teia, que são as programações da rede.

Portanto, o essencial é perceber que a interação se enfatiza na participação em processos que possibilitam condições e situações de trocas, compartilhamentos e a não fixação do papel de emissor e receptor. A construção da interação é o entrenós, fundamentada no pertencimento dos indivíduos na rede. São as conexões que acontecem entre os nós que se fazem por meio de linguagens que permitem o entrelaçamento das relações.

3.3 O MOVIMENTO FEMINISTA

O movimento feminista atualmente age na representatividade das ações coletivas na sociedade em rede e é por meio da construção de seu ativismo que poderemos encontrar a capacidade de constituir um caminho democrático que envolva desconstruir ideologias excludentes ou exploratórias, como a patriarcal. Conhecer o potencial do feminismo e como este se dá em contrapoder a uma hegemonia é necessário à constituição desta pesquisa, já que temos como objetivo compreender como as estratégias constroem e conseguem ampliar, por meio do ativismo digital, uma nova posição de autonomia. Assim, discutiremos como o feminismo se dá como opção de visibilidade a uma minoria e como se deu a construção do movimento feminista no Brasil para compreender o contexto atual.

3.3.1 Feminismo

Na sociedade atual, as mulheres ainda são consideradas uma minoria não devido aos números e medidas populacionais, mas em função de uma sociedade que possui uma visão hegemônica patriarcal, reflexo de um histórico de construções simbólicas sobre o gênero feminino. Segundo Sodré (2005), minoria é um dispositivo que tem intenção ética e política dentro das lutas contra-hegemônicas. Para o autor, as características da minoria envolvem a vulnerabilidade jurídico-social e uma identidade *in status nascendi* – a identidade se dá na condição de um recomeço contínuo – pela luta contra-hegemônica e, destacamos esta última propriedade, pelo uso das estratégias discursivas como principal recurso que pode ser utilizado pelas minorias.

Compreender a importância do feminismo como um movimento social significa pensá-lo como um ator social junto a uma coletividade em rede social, que tem seu potencial de gerador de novas conexões e processos comunicacionais que façam frente ao atual contexto de sociedade patriarcal e seu controle regulador, no qual as mulheres ainda sofrem por desigualdade salarial, violência doméstica, impossibilidade de fazer escolhas sobre seu corpo (como em relação ao aborto), entre outras questões. Esse autoritarismo é gerado em práticas cotidianas que refletem a construção ideológica conservadora. O feminismo busca a equidade social entre mulheres e homens, no sentindo de descontruir o sistema de dominação e exploração.

Segundo Aguiar (1997), devemos perceber o patriarcado como uma construção de autoridade de dominação que antecede à estruturação do capitalismo.

> De fato, várias teóricas do feminismo identificam a separação das esferas pública e privada como o eixo central do problema das relações patriarcais, quando do processo de emancipação dos filhos adultos; com relação à autoridade do chefe de família, foi mantida a subordinação das mulheres, enquanto esposas também sujeitas ao mesmo sistema de dominação. Esse rompimento teria consequências acentuadas pela emergência do sistema capitalista. (AGUIAR, 1997, p. 169)

É importante ressaltar que, com a forma capitalista de estruturar as relações econômicas, esse tipo de imposição social tem se fortalecido ainda mais, visto que se acentua uma primeira separação do domínio privado e as possibilidades de diminuir custos com a classe feminina na mão de obra que envolve menor valor de manutenção.

Compreender gênero é relevante porque nos permite aprofundar a realidade da sociedade em rede, papel dos movimentos sociais feministas nela e reafirmar as construções simbólicas em torno. Na revisão das questões de formação dos entendimentos em torno de

gênero, iniciamos com Simone de Beauvoir, depois passamos pela mudança proposta de Judith Butler e explicamos o porquê da nossa escolha pelo entendimento de Joan Scott.

No contexto da Revolução Industrial, o papel da mulher se modificou, especialmente com a expansão contínua do período, que viu na mulher uma ferramenta de trabalho oportuna, que começa a impetrar gradualmente e de forma lenta sua dignidade como ser humano. Apesar das poucas conquistas do gênero feminino desse contexto, tem-se, em Beauvoir (2009), uma compreensão do feminino que se construiu junto com as mudanças econômicas e políticas. Ou seja, foi o trabalho fora "do lar", que fez quebrar o isolamento vivido na rotina de grande parte das mulheres, trazendo uma nova postura diante do mundo exterior.

O livro "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir, que teve sua primeira edição em 1949, tem como objetivo apontar uma visão que a sociedade mantinha na identidade feminina cerceada dentro do espaço doméstico, em sua expressão de identidade deveria estar apenas entre o casamento e a maternidade, ou seja, a sociedade do final da década de 40 exercia um processo de colocar como cristalizada a posição feminina como subalterna. A obra de Beauvoir foi de grande influência teórica para o feminismo, entretanto, apresentava uma posição de binarismo de gênero, em que só era possível ser homem ou mulher. Para Beauvoir, existe uma divisão no entendimento entre sexo e gênero. Enquanto que o primeiro vai partir de um entendimento biológico, o segundo é uma construção moldada pela cultura, tem-se uma sociedade dividida entre homens e mulheres, dentro de uma matriz necessariamente heterossexual. Essa primeira posição, demarcada por Beauvoir, representa uma tentativa de libertação das mulheres de um sistema em que há uma dominação imbricada em um patriarcalismo cultural. A autora estuda a mulher e não as mulheres em suas múltiplas identidades. Referindo-se a uma mulher universal, homogeneíza o entendimento ao não caracterizar as identidades.

As teorias de construção do gênero feminino são complexificadas pelas abordagens contemporâneas sobre subjetividade, dentre as quais destaca-se o trabalho de Judith Butler (2015). A autora segue uma perspectiva foucaultiana, entendendo o gênero feminino como um elemento performativo, ou seja, construído discursivamente, por meio da repetição de atos, gestos e signos que se inscrevem nos corpos, constituindo socialmente os sujeitos. São essas normas e discursos reproduzidos e repetidos que reificam a imagem social sobre a mulher.

Com isso, essa construção da subjetivação quanto às identidades sexuadas e com gêneros determinados é construída por sujeitos dentro de uma estrutura de relações de poder já existentes. O gênero não é dado, mas construído. Assim, chega-se à questão do gênero performativo, constituído através da repetição de atos, de usos e escolhas de linguagem e de signos corporais. Compreender o gênero envolve estudá-lo em suas interligações com a política

e a cultura e como essas e outras esferas de poder buscam reproduzir ou produzir uma generificação. Sobre o termo feminismo, a autora entende que

> Há quem afirme haver uma especificidade ontológica das mulheres enquanto mães que forma a base de um interesse específico legal e político na representação; há outras que entendem a maternidade como uma relação social que é, nas atuais circunstâncias sociais, a situação específica das mulheres, comum em todas as culturas. [...] No começo da década de 1980, o "nós" feminista foi atacado com justiça pelas mulheres de cor que diziam que aquele "nós" era invariavelmente branco e que em vez de solidificar o movimento, era a própria fonte de uma dolorosa divisão. O esforço para caracterizar uma especificidade feminina recorrendo à maternidade, seja biológica ou social, produz uma formação de facções semelhante e até uma rejeição completa do feminismo, pois é certo que nem todas as mulheres são mães: algumas não podem sê-lo, algumas são jovens ou velhas demais para sê-lo, outras escolhem não sê-lo, e para algumas que são mães, esse não é necessariamente o ponto central de sua politização no feminismo. (BUTLER, 2013, p.24)

Dessa maneira, o gênero, para autora, é uma construção contínua e não apenas um produto de relações culturais individualizadas. Falar em gênero é situar as escolhas dentro de normas pré-construídas em um estilo de vida.

O conceito de gênero para Scott (1995) parte de uma tendência de incluí-lo no pós-modernismo. A compreensão sobre gênero deve perpassar a forma de complexidade presente nos sistemas simbólicos, dos modos como as sociedades representam e servem-se do conceito para criar regulamentações sobre formar o sentido de experiência. Dessa forma, ela compreende gênero como uma categoria dentro das ciências sociais, que vai utilizar de formulações que partem de diferentes posições de pensamento. Busca evitar o caráter limitador que entende as generalizações como redutoras ou simples demais na busca de uma abordagem alternativa.

> Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos(as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) "os papéis sexuais", estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do "gênero" coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. (SCOTT, 1995 p. 73-74)

A história do pensamento feminista frente à questão de gênero é a de representar uma recusa da formação hierárquica entre o masculino e o feminino, na busca por uma percepção que desloque ou mesmo reverta esse funcionamento. Scott (1995), assim, percebe o gênero na conexão entre a compreensão como um elemento formador das relações sociais e como essas relações são solidificadas nas diferenças para explicar as relações de poder. Isso significa

perceber que as mudanças nas relações sociais revelam uma mudança nas representações do poder, mas sem seguir um sentido único, tem-se uma forma de interpretação do sentido e compreensão das relações complexas nas interações das estruturas sociais.

"A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos" (SCOTT, 1998, p.115). O entendimento de gênero é construído nas relações sociais e nos símbolos culturais para suas representações.

Assim, o gênero dentro de uma concepção de oposição binário se torna uma parte de como se dão as relações de poder social e político e estudar, compreender e desconstruir estas posições se dão como uma forma de colocar em questão aspectos de um sistema social imposto. Abre-se a possibilidade para refletir sobre visões de igualdade e política social que devem incluir não só o sexo, mas também classe e raça.

O gênero, para Castells, é uma categoria analítica e, ao mesmo tempo, um processo social, ele está nessa relação. "Ou seja, as relações de gênero são processos complexos e instáveis (ou "totalidades" temporárias na linguagem da dialética) constituídos por e através de partes inter-relacionadas. Essas partes são interdependentes, ou seja, cada parte não tem significado ou existência sem as outras" (CASTELLS, 2017, p.228). As relações, nesse jogo em torno das apropriações de gênero, são diluídas de diversas maneiras nas culturas e nos discursos.

Por conseguinte, devemos perceber que os movimentos feministas são norteados pela luta das transformações da experiência social e questionam como o gênero pode modificar posições sociais e as relações de poder em uma construção simbólica difundida. Essa mudança quer amplificar o questionamento político e cultural, não mais apenas na esfera privada e representa uma proposta de lutas por direitos, como o voto e o corpo, contra a violência, aumento do número de creches, por igualdade salarial, entre outras bandeiras.

Assim, para Soares (1994), pensar o papel da mulher torna-se diferente, pois na constituição social econômica

> As mulheres - novas atrizes - ao transcenderem seu cotidiano doméstico, fizeram despontar um novo sujeito social: mulheres anuladas emergem como mulheres inteiras, múltiplas. Elas estavam nos movimentos contra a alta do custo de vida, pela anistia política, por creches, criaram associações e casas de mulheres, entraram nos sindicatos onde reivindicaram um espaço próprio, realizaram seus encontros. Novos temas entraram no cenário político, novas práticas surgiram. (SOARES, 1994, p. 12)

O movimento feminista, da mesma forma que outros movimentos sociais, é constituído de ações coletivas. Porém, diferente de outras mobilizações, tem uma forma de organização e

ação política, tornando perceptíveis as práticas existentes do sistema hegemônico patriarcal em diferentes setores sociais. O feminismo coloca em evidência a complexidade presente nas relações de poder das dinâmicas sociais, assim como os sujeitos colocam em jogo escolhas de produção simbólica em uma hierarquia binária de gêneros.

Para Castells (2017), o movimento feminista é como parte de um processo travado que possui uma rápida difusão e um caráter contra a opressão enfrentada pelo gênero feminino, causando um grande impacto nas instituições das estruturas sociais. Assinalando os questionamentos de por que, como e por quem as relações de poder são construídas e exercidas e como essas relações podem ser modificadas são a base da construção discursiva. De maneira que a dominação pode estar incluída internamente em discursos como forma complementar ou principal do exercício do poder, pois nas formações discursivas, concebidas pelo autor do texto, as combinações de conhecimento e linguagens podem construir e fortalecer ideologias e laços da sociedade.

> a essência do feminismo, como praticado e relatado, é a (re)definição da identidade da mulher: ora afirmando a igualdade entre homens e mulheres, desligando do gênero diferenças biológicas e culturais, ora, contrariamente, afirmando a especificidade essencial da mulher, frequentemente declarando, também, a superioridade das práticas femininas como fontes de realização humana; ou ainda, declarando a necessidade de abandonar o mundo masculino e recriar a vida, assim como a sexualidade, na comunidade feminina. Em todos os casos, seja por meio da igualdade, da diferença ou da separação, o que é negado é a identidade da mulher conforme definida pelos homens e venerada na família patriarcal. (CASTELLS, 2000, p.211)

Diante disso, o movimento feminista se dá torno da defesa dos direitos da mulher, mesmo que representado em diferentes vertentes. É uma luta pela cidadania e pelo direito de ser reconhecida como diferente, características da pós-modernidade e da individuação. O movimento é uma forma de criar espaços para debater e enfrentar questões de resistência às pautas patriarcais, buscando por transformações nas relações de poder, indo além de uma assistência institucionalizada pelo Estado.

Segundo, Louro (1997) o feminismo pretende realocar o debate para o campo social, pois é onde as relações de poder desiguais são reproduzidas e no qual devemos buscar compreender e combater nas disposições sociais, nas construções históricas e nas condições de acesso aos recursos, como nas formas de representações sobre papéis na sociedade. E, ainda, devemos compreender o feminismo como

> O processo desconstrutivo permite perturbar essa ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções. O exercício do poder pode, na

> verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de "homem dominante versus mulher dominada". Por outro lado, não custa reafirmar que os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder. (LOURO, 1997, p. 33)

Ainda, é necessário ressaltar a emergência de constituir dentro do feminismo diálogos que possam ser transversais e incluir identidades diferentes, de diversas religiões, nações, raça e classe social. O papel desse ativismo feminista está em criar espaços que possam trazer oportunidades de emancipação aos interesses estratégicos para uma transformação social. Temos, dessa forma, na interseccionalidade, um cruzamento e sobreposições que partem de minorias e estão identificadas em oposição a uma hegemonia que oprime, explora e exclui diferentes indivíduos na sociedade.

> A interseccionalidade pode ser utilizada como um conceito teórico e analítico para compreender a complexidade, o entrelaçamento, e a interacção de diferentes regimes de poder e opressão, como classe / casta, género, raça, idade, e capacidade, em vários contextos. Baseado numa análise contextualizada que tem em conta as múltiplas identidades e subjectividades dos actores, a interseccionalidade é um instrumento estratégico útil para politizar as questões e as lutas pela justiça e transformação de escalas múltiplas. Estas lutas são inclusivas, vão além de identidades únicas, e ligam resistências contra várias formas de hierarquias, privilégios, e subordinação. As abordagens interseccionais dispersam a categoria social de género e articulam-na novamente através de outras categorias de desigualdade e poder, e.g. etnicidade e cor. (WICHTERICH, 2016, p. 1)

O feminismo contemporâneo está se constituindo em uma heterogeneidade, com a presença da autonomia de atores sociais, novas gerações e grupos de mobilização feminista têm ganhado oportunidade e voz nos usos das redes sociais como processo de ativismo digital. Temos, assim, novas experiências que desenvolvem articulações discursivas que buscam incluir toda a diversidade das vertentes do feminismo. As formações discursivas empreendidas para a mobilização sobrevêm na construção de laços sociais que abarquem uma reestrutura das programações em rede para a mudança social.

3.3.2 O movimento feminista brasileiro – das ruas e nas redes

Para compreender o movimento feminista no Brasil nos últimos anos, é preciso levar em conta as mudanças institucionais, econômicas e culturais que têm ocorrido nos países latino-americanos. Essas mudanças são reflexo da crescente participação feminina e feminista, por meio dos movimentos sociais e políticos, de acordo com Marlise Matos (2010).

> [...] por meio dos movimentos sociais e políticos nos quais se engajaram no momento da transição do regime militar (ao longo dos anos 1960 e 1970) para a democratização do país (nos anos 1980). São resultados também de processos de institucionalização de demandas sociais combinados ao esforço de execução de outros formatos e desenhos de políticas públicas. (MATOS, 2010, p. 83)

É possível definir um processo de maior acessibilidade do gênero no campo das instituições e uma nova formulação/criação de políticas públicas referentes ao tema. Tem-se a revitalização do enfoque clássico do feminismo na construção de direitos, no contexto da globalização e também nas agendas locais de gênero, passando, assim, para estratégias feministas horizontais, devido à multiplicação de modalidades e organizações com identidades feministas, desde articulações em bairros, cidades e até movimentos nacionais ou transnacionais. Para Matos (2010), há uma extensa diversidade de classes e movimentos sociais mobilizados pela livre expressão de experiências sexuais diversas, também no meio de comunidades étnico-raciais e rurais inesperadas, em diferentes espaços, incluindo os movimentos sociais paralelos, com ênfase em fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares entre gênero, raça, sexualidade, classe e geração. Esse movimento interseccional é que fortalece mutuamente as lutas por diretos e igualdade.

Para construir uma compreensão do movimento feminista no Brasil, é preciso compreender sua evolução e construção história. Para isso, de acordo com Pinto (2003), traçamos como se deu a presença do movimento ao longo das décadas, dentro de um contexto determinado no país. A autora ressalta que é um movimento fragmentado e com múltiplas manifestações, objetivos e ideologias diversas. Os primórdios do movimento, entre a virada do século XIX para o século XX até 1932, são quando as mulheres conquistam o direito de voto. Ele se divide em um feminismo bem-comportado e organizado de mulheres filhas de políticos ou intelectuais da sociedade brasileira e uma outra tendência mais heterogênea e de posicionamento mais radical à dominação masculina.

A autora relata que o feminismo, nessa primeira fase, esteve envolvido e interligado a personalidades e os esforços sempre partiam de uma pessoa isolada. Como exemplo, cita Bertha

Lutz, que tem como bandeira a inclusão da mulher como um indivíduo com direitos políticos, mas com limites, pois não define uma posição de exclusão da mulher na sociedade, é uma luta que não tenta reordenar as relações sobre gênero. “Inconformadas com a não aprovação do voto feminino pela constituinte um grupo de mulheres fundou em 1910 o Partido Republicano Feminino. Esse pequeno partido merece atenção especial pela ruptura que representou” (PINTO, 2003 p.18).

Enquanto isso, a outra vertente expressa múltiplas manifestações na imprensa feminista alternativa, no entanto, formado por mulheres que tiveram a oportunidade de estudo, como professoras e jornalistas. Essa posição do movimento, na época, possuía um campo mais amplo de questionamentos, que defendiam a educação da mulher e traziam a questão da dominação dos homens na sociedade. Há ainda uma outra vertente manifesta como anarquista, que, com o tempo, agregou-se ao Partido Comunista, formada por mulheres intelectuais, trabalhadoras e militantes de movimentos de esquerda, que têm a maioria das suas lutas fundamentadas na exploração pelo trabalho.

> Em suma, se a luta das mulheres cultas e das classes dominantes se estruturava a partir da luta pelo voto, não era tão-somente porque esta se colocava como a luta do momento nos países centrais, mas também porque encontrava respaldo entre os membros dessa elite e conseguia respeitabilidade até na conservadora classe política brasileira. Era, portanto, um feminismo bem-comportado, na medida em que agia no limite da pressão intraclasse, não buscando agregar nenhum tipo de tema que pudesse pôr em xeque as bases a organização das relações patriarcais. (PINTO, 2003, p.26)

O momento seguinte do feminismo no Brasil está contextualizado pela imposição do regime militar. Neste momento, o movimento se dá em torno de questões em que se coloca em jogo os valores conservadores da organização social com suas relações de poder e a questão do âmbito público/privado desafiada. Devido ao cenário de uma década demarcadamente política, haviam dois campos ideológicos claros no movimento feminista: de um lado os conservadores (UDN), formado por empresários, proprietários de terras e uma parte da classe média; e, de outro, a esquerda (PTB e PCB) formada por partidos, uma grande parcela dos trabalhadores urbanos, intelectuais, estudantes e uma parte de membros da Igreja Católica.

O movimento se forma em um paradoxo por combater tanto os problemas do reconhecimento do ser mulher e as relações de gênero, quanto a questão da desigualdade social e regimes de governo. O primeiro evento marcado como luta das mulheres na esfera pública aconteceu em 1975, ano em que a ONU sinalizou como o Ano Internacional da Mulher. Ele aconteceu no Rio de Janeiro, onde foi criado o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira

(PINTO, 2003). Tem-se, assim, uma resistência à ditadura militar e uma luta contra a hegemonia patriarcal.

Na fase seguinte do movimento desenvolvem-se os acontecimentos da década de 80, com novos rumos em um momento de redemocratização política. Começa também uma nova divisão do movimento: de um lado, as que buscavam a institucionalização e, de outro, as que temiam essa aproximação com o Estado, fazendo deste seu parceiro e colocando-se sob suas escolhas e demandas. Nesse momento, tem-se a conquista de espaço pelas mulheres no plano institucional (Conselhos de Condição da Mulher e Delegacias da Mulher), a presença das mulheres como candidatas políticas e, ainda, há uma forma alternativa que nega esse tipo de participação política. Essa negação da institucionalização vai se basear no medo de perder a autonomia do movimento.

> A história da institucionalização do movimento feminista junto ao Estado por meio da organização de conselhos estaduais e do Conselho Nacional passa pela vitória do PMDB em alguns estados brasileiros em 1982, mais especificamente pela eleição de Franco Montoro no estado de São Paulo, onde o movimento feminista era bastante organizado e tinha algumas figuras de projeção nacional nas áreas da cultura, da política e da academia. A proposta do conselho foi apresentada ao governador por um grupo de mulheres do PMDB e ele foi oficializado por decreto em abril de 1983, tornando-se o primeiro órgão desse tipo a ser criado no Brasil. (PINTO, 2003, p.70)

Em paralelo a uma certa desmobilização de grupos e coletivos independentes e militantes no país, tivemos um processo de que as mulheres começaram a fazer parte do Estado, foi quando o Conselho Nacional de Desenvolvimento da Mulher (CNDM) começou a fazer parte, porém vinculado ao Ministério da Justiça. Formado por mulheres entre ex-militantes de grupos feministas, conselheiras técnicas que deliberavam e eram nomeados pelo governo para cada projeto específico.

Uma das marcas do movimento foi atuar por uma pressão organizada e propositiva, como na construção da Constituição de 1988, quando uma carta promovida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento da Mulher, que foi realizada em autoria com outras mulheres, foi produzida, propondo uma agenda que ia além dos interesses corporativos sobre o gênero feminino.

Porém, em uma crise política no ano seguinte, o CNDM teve seu orçamento reduzido e suas possibilidades de ações. Integrantes renunciaram devido ao cenário imposto e as novas nomeadas não tinham ligações com movimentos feministas. O processo de reorganização deste conselho se iniciou no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Na década de 90 tivemos um período de produção editorial com a temática feminista mais forte, com a publicação de cadernos, revistas, jornais e publicações eletrônicas. Eram publicações que se estruturavam via organizações feministas e funcionavam como relatórios de reuniões e seminários, assim como relatórios de cursos e oficinas que estas organizações vaziam, porém sem o viés central de ações políticas, segundo Melo (2003). Também nessa década tivemos aprovadas as leis[5] que funcionam para reservar cotas eleitorais para as mulheres, destacamos que as cotas eram reservas para candidaturas e não para assentos.

Destacamos também que nos anos 2000, tivemos a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (em 2003), durante o governo do presidente Lula, buscava reduzir as desigualdades de gênero, combater a violência e também tinha ações voltadas para a saúde e estabelecia um elo com o movimento das mulheres. No ano de 2004, Dilma Rousseff foi eleita a primeira presidenta do País e iniciou o seu segundo mandato em 2014.

Após o processo de impeachment e Michel Temer assumir, a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher primeiro havia sido transferido para o Ministério da Justiça e no ano seguinte para o Ministério dos Direitos Humanos, perdendo autonomia orçamentária e poder de decisão sobre as políticas públicas. No ano de 2018, foi eleito Jair Bolsonaro que modificou as estruturas dos ministérios e criou o Ministério das Mulheres, Família e Direitos Humanos que é comandado por Damares Alves, pastora que no seu discurso de posse disse “"O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã"[6], que posiciona-se contra as feministas e em uma fala declarou que “"Menino veste azul, menina veste rosa"[7]. Marca o posicionamento do governo.

3.3.2.1 O feminismo brasileiro no ativismo em rede

Ao perceber o espaço possível de compartilhamento, engajamento e visibilidade que o ativismo feminista brasileiro encontra nas redes sociais, podemos identificar, após uma pesquisa exploratória, que, além de páginas com descrição ou nome que envolva as palavras “feminismo e feminista”, temos também um forte uso de *hashtags*, o que contribui diretamente para ampliar a mobilização nas redes. E, segundo Ferreira (2015) há uma relação entre

[5] Lei n. 9100 de 1995 e lei n.9504 de 1997
[6] https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml
[7] https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml

feminismo, tecnologia e internet que consegue incluir discursos políticos produzidos pelas trocas simbólicas e novas significações sobre códigos normativos ligados aos usos de gênero e mulheres. Ainda, a autora explica que,

> [...] o uso da internet se dá como formade tradução de termos, ideias e lutas, apostando na eficácia dessa atuação sem considerar os feminismos como consequência de uma consciência prévia e com a finalidade de atrair mais jovens ou ainda deixar mais claro o uso de determinados conceitos, temas e/ou "palavras de ordem. (FERREIRA, 2015, p. 211)

Assim, a partir da compreensão da construção história do movimento feminista brasileiro que apresenta como as vertentes começam a se formar e criar caminhos diferentes dentro de um mesmo propósito e, também, podemos perceber como este feminismo atualmente se apresenta na ambiência do site de rede social Facebook, com um grande número de páginas que envolvam o tema feminismo. Dessa forma, percebemos que há uma busca do ativismo feminista de ocupar espaços de resistência utilizando a plataforma de site de rede social Facebook, fazendo um uso das possibilidades de interações e apropriando-se das ferramentas na busca por engajamento, como podemos descrever quando há um espaço de descrição sobre cada página.

Podemos perceber no caso específico de ativismo feminista brasileiro atual o alcance na qual chegou a #Elenão, que começou com a comunidade de "Mulheres Unidas Contra Bolsonaro". Nesta comunidade pertencente ao site de rede social Facebook, houve uma escolha de utilizar #Elenão que gerou experiências de mobilização no campo dos sites de redes sociais digitais. Destacamos que com a obtenção de um grande alcance, esta mobilização conseguiu reverberou em notícias em jornais e também em um processo de contra-ataque ao movimento. O uso da *hashtag* contribui diretamente para criar formas de pressão e demonstrar posicionamentos em um processo de tomada de decisões, como no caso apresentado as eleições presidenciais de 2018. Assim, compreender como o uso dos sites de redes sociais tem-se a possibilidade de trazer visibilidade e diálogos sobre temas que envolvem os direitos das mulheres e suas bandeiras de luta.

No capítulo seguinte, apresentamos como se deu a construção do percurso metodológico para coleta dos dados e análise a partir das abordagens de Análise de Redes Sociais e da Análise Crítica Discursiva, assinalando as motivações por essa escolha metodológica.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

As redes sociais da internet se tornaram um novo e complexo meio no qual os fenômenos comunicativos, sociais e discursivos estão presentes e se ativam nas interações. As dinâmicas que desenvolvem cada vez mais sua relevância dentro do contexto da sociedade em rede, faz com que os sites de redes sociais – como, por exemplo, o Facebook. Nesses sites temos registros e ainda a possibilidade de acessá-los por parte dos pesquisadores a essa dinâmica, permitindo que as interações sejam mapeadas e estudas. Portanto, nesta pesquisa optamos por trabalhar uma metodologia combinada em dois fatores: descrição e interpretação. Para essa construção metodológica trabalhamos a partir da abordagem de Análise de Redes Sociais e Análise Crítica do Discurso.

A abordagem metodológica de Análise de Redes Sociais aplicada elenca a estrutura da rede e os laços sociais presentes. Escolhemos essa aplicação porque nas interações os laços sociais resultam de relações de interesse subjetivo e, na internet, são usados para convocar os cidadãos a participar de um tipo de ativismo. A relação dialética entre a presença dos atores e a formação dos caminhos na própria rede nos interessa para compreender como a lógica das redes se constitui no ativismo digital. Portanto, as publicações, comentários e reações originados a partir das conexões estabelecidas nas interações *online* são uma fonte que faz emergir conteúdos para estudar o processo do ativismo feminista.

A abordagem de análise crítica discursiva se caracteriza por compreender o potencial discursivo para a mudança social, significa, assim, tratarmos os recursos de escolhas de linguagem como uma modalidade no processo comunicativo no engendramento das interações nas redes, construindo uma visibilidade e legitimação desse entrenós. Nas quais as práticas sociais estabelecem uma relação mútua com a ordem social, quanto as estratégias comunicacionais são ordens discursivas. E, segundo Fairclough (200) trata-se de uma ordenação social na inter-relação com os modos de construir sentidos.

4.1 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

O mapeamento dos dados da estrutura da rede será realizado por meio da a abordagem da Análise de Redes Sociais (ARS) que tem sua escolha justificada pela busca a compreensão dos usos dos Sites de Redes Sociais como ferramenta de comunicação, nos quais as informações presentes que se mantêm disponíveis para acesso e arquivadas com acesso aberto aos dados. O site de rede social, ao estender a capacidade dos nós (os movimentos feministas como atores

sociais), constitui uma rede de elementos dinâmicos, que são novos usos que emergem do coletivo. Na abordagem de ARS, podemos utilizar para análise as métricas de rede ou as métricas de nó (RECUERO, 2017). A primeira abrange o quanto conectada é a rede analisada, medida pelo todo. A segunda, por sua vez, mede quais dos nós são mais conectados na rede, medida pelo nó e sua posição da rede.

O primeiro passo para construir uma Análise de Redes Sociais, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2012), é fazer as seleções referentes ao objeto e a escolha sobre a maneira como será feita a coleta de dados. A partir da compreensão de como serão estudados os atores e suas conexões, teremos a delimitação de como será considerada a conexão e como irá se estudar o ator dentro de uma determinada medida. Assim, é preciso selecionar os atores, que podem ser tanto indivíduos, quanto grupos – representados pelos nós. No segundo passo, selecionamos o que compreendemos como as conexões, que podem ser formais ou informais, de interações ou laços sociais. As autoras ressaltam que uma das maiores dificuldades está em localizar os limites de uma rede social, por isso, é preciso pensar sempre na rede e em qual nível ela será abordada, delimitando elementos serão estudados e sua medida.

Assim, traçamos níveis de estruturar a rede ativista enquanto uma plataforma que se dá como ponte de manutenção de redes sociais preexistentes, assim como tem a capacidade de agregar diferentes indivíduos a conectarem-se em uma base que tem construções simbólicas e interesses compartilhados. Conforme Boyd e Ellison (2007),

> We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site.[8] (BOYD E ELISSON, 2017, p 211)

Assim, os sites de redes sociais (SRS) são plataformas que permitem visibilidade e formas para que as redes sociais se articulem no espaço digital, pois há uma apropriação pelos atores do sistema pelas interações e também uma estrutura que auxilia no processo de fluxo comunicacional. O uso desse tipo de SRS vem num contínuo crescimento, com multiplicidades e inovações para uma manutenção do usuário, assim como a busca de novos membros. A escolha por trabalhar com um SRS se deve ao fato de que, em plataformas como o Facebook, os atores sociais têm a possibilidade de reagir a manifestações que são contrários, assim como

[8] Definimos sites de redes sociais como serviços baseados na Web que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema delimitado, (2) articular uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão e (3) visualizar e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site.

apoiar quanto sentem-se parte das interações. No uso da plataforma como uma ferramenta para amplificar, repercutir e partilhar suas manifestações em rede, há disseminação e aumento do alcance de publicações, comentários que demarcam posicionamentos e podem gerar engajamento em novas conexões como para a mobilização feminista.

A métrica de rede que escolhemos trabalhar se dá pela modularidade da rede, que é uma métrica de grupabilidade, segundo Recuero (2017). Está relacionada a como os nós se conectam e como eles participam e formam subconjuntos, esta métrica demonstra a subdivisão pelas publicações e percebe a força de engajamento que pode ser gerada. Definimos, ao escolhermos utilizar a temática do assassinato de Marielle Franco para análise, a importância de gerar também as medidas de nó de centralidade e grau de saída. A centralidade do nó se dá em referência a que demonstra a importância do nó na rede por meio da sua qualidade de conexões, percebe-se a influência do nó e a métrica de grau de saída apresenta as medidas pelo número saída que refletem a quantidade de conexões estabelecidas.

Para realizar a coleta dos dados desta pesquisa, optamos pela utilização de dois sistemas que auxiliam na busca e organização dos dados advindos dos sites de redes sociais. Assim, optamos por utilizar na mineração os softwares NodeXL Pro e Gephi. O primeiro é uma interface ligada a planilhas da plataforma Excel e proporciona coleta dos dados em diferentes sites de redes sociais, como Twitter e Facebook, assim como na plataforma YouTube. Esse programa organiza os dados na forma de matriz e possui uma interface familiar e de fácil aprendizado por rodar no Excel. No entanto, limita-se a poucos algoritmos para interpretação e geração dos grafos[9]. O segundo programa, chamado Gephi, é uma ferramenta gratuita que também disponibiliza um grande número de *plugins*, desenvolvidos para auxiliar as interpretações e mineração dos dados, tem uma interface um pouco mais complexa para interação, mas possui algoritmos de interpretação de dados de rede mais completos e complexos. Assim, com algumas adaptações, o *software* tem a capacidade de rodar grafos de redes com muitos nós. Ainda utilizamos um aplicativo disponível dentro do próprio site de rede social Facebook, o NetVizz[10] que se dedica à coleta de dados de páginas no Facebook e que permite a exportação destes em formato de tabelas quando originários de páginas, perfis e *links* (.tab) e em formato de grafo (.gdf) referente à compreensão da rede que cada página construiu em interações.

[9] O grafo é a forma de representação da rede, no qual os nós são a representação dos atores e as conexões, as interações alcançadas. A construção desta forma de gráfico ajuda a visualizar as conexões e formas de conexões.
[10] O Netvizz foi desenvolvido em 2009 por Bernhard Rieder com o propósito de estudar a interface de programação de aplicação (API–application programming interface) do Facebook, procurando medir o potencial de uso dos métodos digitais para estudo de redes sociais

4.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A segunda fase deste percurso metodológico envolve a abordagem da Análise Crítica do Discurso (ACD) utilizada para o aprofundamento e a compreensão das estratégias discursivas presentes nas postagens selecionadas com os dados minerados. Pela qual, temos a busca de pensar a sociedade em rede e os movimentos sociais enquanto atores sociais, em uma rede de construções simbólicas. Utilizamos ferramentas de estudo que partem das proposições de Norman Fairclough (2001), por compreender a aderência na sociedade em atos promovidos por atores sociais (neste caso, os movimentos sociais feministas) que pode ser resultado de escolhas e recursos de linguagem, inerentes aos processos históricos construídos e marcados pelas relações de poder. O autor propõe uma análise a partir de três dimensões: compreender o texto (análise linguística), a prática discursiva (modos de articulação dos sistemas de produção, distribuição e consumo) e a prática social (em que se analisa e identifica influência do contexto histórico, político e social sobre os discursos).

Para esta pesquisa, a abordagem crítica do discurso se torna importante para que a compreensão das estratégias discursivas ocorra por uma análise na qual não se considera possível desconectar o texto dos usos da linguagem e da sociedade em rede. Desse modo, a ACD desenvolve uma abordagem de análise linguística que contribui para investigar a mudança na linguagem, tornando-se necessária para estudos que englobam mudança social e cultural.

> Minha tentativa de reunir a analise linguística e a teoria social está centrada numa combinação desse sentido mais socioteorico de 'discurso' com o sentido de 'texto e interação' na análise de discurso orientada linguisticamente. Esse conceito de discurso e análise de discurso e tridimensional. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

As mudanças sociais são constituídas em determinado contexto e não envolvem apenas a linguagem, em um processo que retroalimenta as práticas sociais e discursivas. Assim, o caminho para as mudanças sociais, perpassa mudar as práticas dos usos e escolhas dos recursos de linguagem como uma estratégia interacional.

A análise do discurso proposta ao partir de um quadro tridimensional tem no texto o resultado da prática social que modifica as escolhas de usos de recursos de linguagem que os movimentos sociais utilizam no site de rede social em sua formação discursiva. Na prática discursiva, percebemos os modos como se articulam esses movimentos e como distribuem e consomem conteúdos para refletir as estratégias a que se vinculam. Na prática social, é possível perceber a influência gerada pelo contexto sócio-histórico, econômico e político. Assim:

> [...] o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante. Os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo. O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, direta ou, indiretamente, que moldam e que restringem: suas próprias normas e convenções como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

A partir de vestígios e pistas, esperamos durante a análise dos textos interpretar as engrenagens presentes nos discursos dos movimentos feministas para perceber as práticas sociais como um processo de produção, distribuição e compartilhamento de informações que tenham caráter de buscar agregar maior mobilização em torno das bandeiras de lutas destes movimentos feministas. Empreendemos enfoque para a interdiscursividade e a intertextualidade como estratégia de discurso-outro para buscar legitimidade, assim como perceber posicionamentos de ideologias e contexto das ações desses movimentos.

Na análise de vocabulário, podemos perceber os sentidos das palavras que entram em disputa dentro das possibilidades de programação e reprogramação das conexões e gerenciamento do fluxo de informação. Pensar no vocabulário acrescenta a possibilidade de compreender as estruturações das relações e os conflitos de informações para agregar maior número de pessoas na mobilização proposta pelos movimentos estudados.

Na perspectiva intertextual e interdiscursiva, é possível pesquisar e analisar a exploração do ambiente de site de rede social, em que os discursos podem sofrer mudanças e transformações para reinterpretar, agregar informações ou multiplicar novos textos. O processo de interpretação agrega outros textos que são interpretados de novas formas para moldar uma nova formação discursiva. Assim, para Fairclough, os textos são abertos a uma diversidade de interpretações, que não devem apenas ser deslocadas do texto sem antes considerar os padrões e as variações dessa distribuição, no caso desta pesquisa, o potencial de agregar maior número de curtidas, comentários e compartilhamentos para alcançar novos nós que consigam tornar-se pontos das conexões nas redes. É, portanto, possível estudar a representação que as páginas dos quatro movimentos selecionados como objetos de estudo recorrem à citação de outras mídias, encaminhamento para outros *links*, na busca por uma legitimidade que consiga potencializar as suas propostas.

As práticas discursivas perpassam produção, distribuição e o consumo do discurso. Em nosso caso, como as páginas fazem as postagens, que mecanismos estão presentes como fotos, *links*, vídeos e como resultaram em interação e engajamento. No processo de produção, encontramos a intertextualidade manifesta, que identifica como outros textos são colocados em jogo como um recurso direto. O mesmo acontece com a interdiscursividade, que trata de como existem cadeias de ideias e discursos externos às postagens.

As práticas sociais nos permitem entender a combinação entre as perspectivas de estrutura e ação, como os indivíduos agem na sociedade e como sua posição na estrutura da rede também determinam os discursos.

A partir das considerações de Fairclough, percebemos os movimentos sociais como atores que atuam de maneira ativa nos sites de redes sociais para construir uma rede de significados. Assim, temos dois momentos na análise dos discursos escolhidos para serem estudados neste projeto, o primeiro no qual a análise textual que auxilia a descrição e o segundo que trata da interpretação subdivida em outras duas dimensões que são a análise da prática discursiva e análise da prática social, enfatizando que existe uma ligação intrínseca nestas dimensões, em que uma forma a outra.

Diferente da análise do discurso francesa, na qual os sujeitos são considerados assujeitados, no estudo da análise crítica do discurso, os participantes do processo de interação comunicacional em rede têm capacidade de agir no sentido de realizar suas conexões e práticas que expõem e reestruturam os já-ditos das memórias discursivas. Esse novo equilíbrio entre os sujeitos depende diretamente dos efeitos ideológicos, das relações de poder e das possibilidades de participação na comunicação em rede.

> As características de controle interacional asseguram uma boa organização interacional - a distribuição de turnos, a seleção e mudança de tópicos, a abertura e o fechamento das interações, e assim por diante. O controle interacional é sempre exercido, até certo ponto, de maneira colaborativa pelos participantes, mas pode haver assimetria entre os participantes quanto ao grau de controle. (FAIRGLOUGH, 2011, p. 192)

Nesta pesquisa observamos os modos de agir e interagir dos movimentos feministas brasileiros no Facebook para acessar o campo das práticas no discurso, em que os processos de produção e de interpretação são restringidos pelas estruturas sociais e pelos recursos disponíveis na rede aos movimentos no papel de atores sociais. Tem-se a ordem do discurso com diferentes normas e convecções acerca de temas que são trazidos para debate nos meios de comunicação e nas redes sociais.

Para o autor, a "relação das palavras com os significados é de muitos-para-um e não de um-para-um, em ambas as direções: as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são 'lexicalizados' tipicamente de várias maneiras" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230). Isso significa que a produção discursiva é sobre os usos das palavras e como estas podem expressar significados diferentes de acordo com escolhas realizadas pelos movimentos feministas nas páginas do Facebook. Para o aprofundamento do uso da abordagem da análise crítica discursiva sobre as postagens ainda precisamos aprimorar o entendimento da sua complexidade frente ao contexto e, assim, a partir da demarcação de vestígios entre a análise de texto, da prática discursiva e da prática social, demonstrarmos o funcionamento da proposta da utilização desta abordagem.

4.3 CORPUS DE ANÁLISE

Nesta etapa do percurso relacionamos as escolhas que foram realizadas para que fosse possível alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa. Assim, há uma breve explicação sobre o funcionamento do site de rede social Facebook e porque ter sido escolhido para esta pesquisa. Também apresentamos as quatro páginas selecionadas, foram relacionadas por ligar-se diretamente a proposta do nosso problema e a escolha intencional relacionou-se diretamente por três fatores: uma página brasileira com perfil ativo no Facebook, pelo número de curtidas e pela representatividade de vertentes do feminismo.

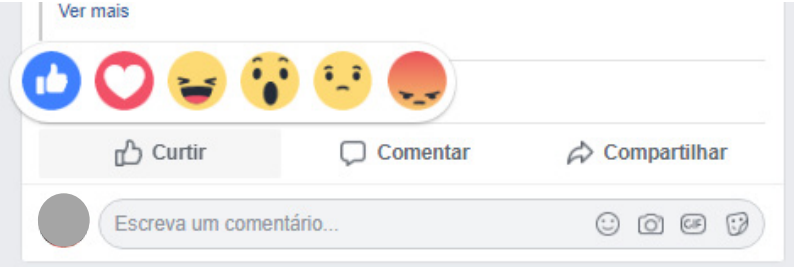
4.3.1 Site de Rede Social Facebook

A plataforma escolhida para análise foi o site de rede social Facebook, devido à sua popularidade[11], acesso gratuito e configuração de público diversa entre regiões geográficas e classes econômicas. A plataforma possui opções de perfis, páginas, grupos, eventos, aplicativos e jogos. Para iniciar neste SRS, o usuário precisa fazer um cadastro, que inclui a descrição de dados pessoais e uma foto, obtendo um perfil para interagir nesta rede. Cada membro pode adicionar vídeos, fotos, enviar mensagens e interagir em postagens. As postagens realizadas por outros perfis que podem ser individuais ou em páginas como uma forma de perfil coletivo ou organizacional, forma uma linha do tempo no *feed* de notícias. A interação com as postagens

[11] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml. Acesso em 3 de out de 2018.

pode ocorrer por reações (curtir, amei, haha, uau, triste e grr), conforme a figura abaixo, assim como com comentários nas postagens realizadas.

Figura 1 –Tela com as reações disponíveis na plataforma Facebook



Fonte: tela capturada na plataforma Facebook em 16 de outubro de 2018

O modelo de narrativa de linha do tempo, segundo Antoun e Malini (2013), expressa a característica da sociedade em rede do tempo intemporal, de uma instantaneidade que se dá em fluxo contínuo, que depende diretamente da produção dos perfis inseridos na plataforma. Assim, toda vez que perfis com os quais o usuário constrói uma interação (acompanha/segue ou é amigo), a postagem realizada fica disponível para acesso pela ordem de atualidade (o mais atual primeiro) e também por meio da construção dos algoritmos que por meio de captura de dados de atenção e interesse dos usuários entrega nas linhas do tempo de uma forma personalizada as publicações. Demarca que o perfil seja ativo e colaborativo nesta rede, há uma dependência destas publicações e conexões para dar continuidade ao funcionamento do Facebook.

4.3.2 As páginas feministas brasileiras

A escolha dos objetos empíricos desta pesquisa foi feita de forma intencional, com o objetivo de contemplar a presença dos movimentos feministas brasileiros presentes e ativos no site de rede social Facebook. A partir da busca com palavras chaves como “Feminismo” e “Feminista”, tivemos como resultado mais de 100 perfis ativos na plataforma. Após, elencamos algumas páginas e as selecionamos por meio das informações disponíveis sobre o número de seguidores, além da obrigatoriedade de representarem diferentes vertentes do movimento feminista.

Buscamos as páginas que se mantinham ativas ao longo de sua presença na plataforma e chegamos ao número de 45 páginas. Abaixo, apresentamos informações que auxiliam no entendimento do perfil atual das páginas, destacamos na tabela as páginas que a partir dos dados

coletados selecionamos para esta pesquisa: “Não Me Kahlo”, “Feminismo Sem Demagogia – Original”, “8M Brasil” e “Feminismo Radical didático”.

Tabela 1 – Informações sobre páginas feministas brasileiras[12]

Nome da Página	**Informações apresentadas na aba sobre**	**Número de curtidas**	**Número de seguidores**	**Início**	**Categoria**
8M Brasil	Página de divulgação de atividades e eventos relacionados à Greve Internacional de Mulheres do 8 de março no Brasil	31.786	32.240	29/01/2017	Comunidade
Aprendizagem Feminista	Aprendizagem Feminista é para você que quer aprender sobre o movimento feminista vamos tirar dúvidas e explicar sobre as vertentes do movimento!	10.162	10.191	09/01/2017	Educação
Arte Feminista	libertação das crenças sobre ser mulher	224.844	224.825	04/04/2014	Comunidade; arte
As Mina na História	Nosso objetivo é resgatar a memória e o trabalho de mulheres que transformaram o mundo, e ainda assim acabaram apagadas da História	477.380	477.863	10/06/2015	Empresa de mídia/notícias
Balãozinho Feminista	Página feminista que utiliza de imagens e balõezinhos com frases esclarecedoras e de humor ácido para levar idéias e informações às mulheres.	46.539	46.553	01/06/2016	Comunidade
Brasil Feminista	REDE SOCIAL FEMINISTA. Vitrine dos movimentos feministas brasileiros	179.510	179.972	26/03/2016	Comunidade
Chega de Fiu Fiu	CHEGA DE FIU FIU é uma campanha contra o assédio sexual em espaços públicos.	71.912	71.839	21/07/2014	Comunidade
Conexão Feminista	Youtube.com/conexaofeminista Por Renata Senlle e Heloisa Righetto	4.213	4.266	19/11/2015	
Diário Feminista	O FEMINISMO INTERSECCIONAL E O DIÁRIO FEMINISTA.O Diário Feminista é uma página e também blog direcionado ao público feminista/interessados em feminismo	263.623	263.331	22/12/2013	Comunidade

[12] Informações coletadas em 29 de novembro de 2018.

Diários de uma feminista	Página feminista interseccional-marxista. Além de textos e posts didáticos também são publicados conteúdos de humor feminista: contradiscurso e ironia.	923.439	926.499	21/10/2014	Comunidade
Empoderamento da Mulher	Grupo de discussão e reflexão sobre assuntos relacionados ao empoderamento da mulher.	14.118	14.123	16/02/2014	Organização não governamental (ONG) · Serviço de saúde mental
Empodere Duas Mulheres		1.137.917	1.135.454	27/02/2012	Comunidade · Site de entretenimento
Feminismo	Advogado e escritório de advocacia	11.808	11.854	16/11/2015	Advogado e escritório de advocacia
Feminismo em Manaus	Esta página tem como objetivo divulgar a teoria e prática feministas, bem como eventos feministas na cidade de Manaus /Amazonas.	744	751	22/06/2016	Comunidade
Feminismo em Pauta	Vamos pautar o feminismo!	4.710	4.764	14/06/2014	Comunidade
Feminismo Libertário	Página criada por uma livre associação de mulheres com objetivo de divulgar conteúdo referente ao feminismo libertário.	9.146	9.145	07/11/2015	Comunidade
Feminismo Marxista	Para a mulher proletária todo o mundo é a sua casa. Rosa Luxemburgo	64.704	65.121	12/04/16	Comunidade
Feminismo no Cotidiano	Uma página para pensar o feminismo nas pequenas ações cotidianas, de forma simples e abrangente.	14.775	14.839	14/06.17	Comunidade e Mídia
Feminismo Poético	Eu sou minha. O corpo é meu. E pertenço somente a mim. A mais ninguém.	273.744	273.116	27/12/12	Comunidade
Feminismo Radical Didático	Feminismo Radical ensinado de forma fácil :) ♥	49.514	49.649	15/12/2015	Interesse
Feminismo Sem Demagogia - Original	A página Feminismo Sem Demagogia - Original pertence a vertente do Feminismo Marxista. Na luta por um feminismo de Gênero, Raça e Classe.	1.070.062	1.055.708	18/01.14	Causa
Feminista	Não se assuste com o "ismo". Feminismo não é o contrário	1.110	1.110	10/09/2012	Figura pública

	de machismo. Feminismo é a teoria de igualdade. Teoria eleborada por mulheres que tomaram a consciência das discriminações que sofrem e se uniram pra tentar mudar a realidade.				
Feminista porque sim	Somos um grupo disposto a trocar informações sobre o tema, buscando mostrar a importância do movimento.	184.258	185.079	15/04/2015	Comunidade
Feminista Sincera	De feminista pra feministas. Não adianta pregar algo que você não cumpre. Cumpra com sua ideologia, lute por todxs! Vamos nos ajudar. Nós por nós!	130.876	131.559	29/06/2016	Comunidade; organização política; mídia
Feminista Sincera	Feminismo Sincero, ácido e engraçado. Para falar na lata sem a necessidade de preservar o frágil ego masculino *Contribuições são sempre bem vindas*	7.790	7.863	08/06/2016	Humorista
Geledés Instituto da Mulher Negra	Geledés - Instituto da Mulher Negra foi criado em 30 de abril de 1988. É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras.	664.683	655.636	16/03/2010	Empresa de mídia/notícias
Juntas	Juntas! A luta das mulheres muda o mundo! www.juntos.org.br	49.758	49.827	09/06/2012	Comunidade
Luta Feminista		84.491	84.693	09/02/2018	Blog pessoal
Manifesto Grrrl Power	Nos empurraram uma tarefa, nos reservaram um espaço, nos colocaram em um caminho... Mas não temos que seguir!	8.732	8.697	30/05/2013	Comunidade
Marcha Mundial das Mulheres	Marcha Mundial das Mulheres - movimento feminista e anti-capitalista. Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres! Mais informações:	41.873	41.752	09/06/2011	Organização política
MariaLab	O MariaLab é um hackerspace feminista, um espaço coletivo e aberto, para a criação e troca de conhecimento.	8.510	8.557	12/11/2013	Comunidade

Memória Feminista	Relembrar as abordagens que definiram o debate feminista e destacar marcos da trajetória histórica do feminismo até os dias de hoje.	128.389	128.530	16/05/2015	Comunidade
Não Me Kahlo	Organização com objetivo social, entre outros, de defesa do direito das mulheres e desenvolvimento de estudos sobre feminismo.	1.243.656	1.239.324	22.07.14	Site de sociedade e cultura
Pensamento Feminista	Pensamentos feministas para serem compartilhados por aí.	46.808	46.883	21/11/2014	Comunidade
Preciso do feminismo porque	Página a fim de ajudar, lutar e empoderar mulheres!	124.295	124.236	13/07/2015	Comunidade
Revista AzMina	Jornalismo independente, crítico, divertido e gratuito para mulheres de A a Z	132.914	133.249	22/04/2015	Organização sem fins lucrativos · Empresa de mídia/notícias
Sim, sou feminista	Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, Política e econômica entre os sexos.	24.573	24.711	17/03/2017	Causa
Think Olga	Think Olga é uma ONG feminista que luta pelo empoderamento feminino por meio de informação	179.427	179.267	06/05/2013	Organização sem fins lucrativos
TODAS Fridas	Pela emancipação da mulher na sociedade. Contra toda forma de opressão advinda do Patriarcado, do Racismo e Capitalismo. Pelo fim dos papéis de gêneros!	1.204.923	1.212.072	13/08/2015	Site de sociedade e cultura
Universidade Livre Feminista	Projeto colaborativo de formação feminista, um espaço virtual de encontros para reflexão e troca de ideias e experiências do movimento feminista	21.745	21.653	04/01/2012	Organização sem fins lucrativos · Faculdade e universidade
Universo Feminista		139.321	139.635	14/03/2018	Organização não governamental (ONG)
Vamos juntas	Vamos juntas é um movimento criado em julho de 2015 pela jornalista feminista Babi Souza. Desde os primeiros dias, sua repercussão foi muito grande no país inteiro provando como as mulheres sentem	456.208	454.027	30/07/2015	Comunidade

	medo da violência de gênero que sofrem na rua e como precisamos praticar cada vez mais a sororidade (irmandade feminina).				
Ventre Feminista	Escolha, empoderamento, apoio, informação	804.320	808.583	14/02/2015	Comunidade

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir de informações coletadas no Facebook

4.3.2.1 Não Me Kahlo

A página[13] possui 1.243.656 curtidas e é caracterizada como um site de sociedade e cultura. Ela representa a vertente que busca os valores da interseccionalidade feminista. Busca combater o machismo na sociedade, com o entrelaçamento de outros demarcadores sociais e históricos além da questão de gênero, como raça e classe. Abaixo temos a imagem da página inicial no Facebook, coletada em novembro deste ano.

Figura 2 – Tela da página inicial Não Me Kahlo

Fonte: Tela capturada na plataforma Facebook em 14 de novembro de 2018

[13] Disponível em: https://www.facebook.com/NaoKahlo/. Acesso em 14 de novembro de 2018.

4.3.2.2 Feminismo Sem Demagogia - Original

A página[14] possui atuais 1.070.062 curtidas, se caracteriza como causa e iniciou as atividades em 18 de janeiro de 2014. Ela demarca seu posicionamento ao compreender a interligação entre as questões de feminismo e classe e apresenta-se como parte da vertente marxista.

Figura 3- Tela da página inicial Feminismo Sem Demagogia - Original

Fonte: Tela capturada na plataforma Facebook em 14 de novembro de 2018

4.3.2.3 8M Brasil

A página[15] possui 31.786 curtidas, iniciou em 29 de janeiro de 2017 e se coloca na categoria de comunidade. Essa escolha é justificada pelo fato de estar interligada ao movimento da Marcha Mundial das Mulheres (Greve das Mulheres) e participar de mobilizações sociais, que iniciam na interação pelo Facebook e confluem na presença em manifestações nas ruas de diversas cidades do País. Possui um caráter interseccional também, mas porém esta escolha se deu por estar interligado às manifestações nas ruas.

[14] Disponível em https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/. Acesso em 14 de novembro de 2018.
[15] Disponível em https://www.facebook.com/GrevedeMulheres/. Acesso em 14 de novembro de 2018.

Figura 4 - Tela da página inicial 8M Brasil

Fonte: Tela capturada na plataforma Facebook em 14 de novembro de 2018

4.3.2.4 Feminismo Radical Didático

A página[16] possui com 49.514 curtidas, iniciou em 15 de dezembro de 12 e se declara na sua página no Facebook por ter interesse em ensinar sobre o feminismo radical. Esta vertente aborda uma proposta diferente de outras do movimento feminista, pois defende que é preciso pensar em uma mudança na sociedade que vá além da reforma e que busque construir uma nova da sociedade. Posiciona-se contra a objetificação sexual das mulheres (contra a prostituição e pornografia) e manifesta uma posição excludente com relação à transexualidade.

Figura 5 – Tela da página inicial Feminismo Radical Didático

Fonte: Tela capturada na plataforma Facebook em 14 de novembro de 2018

[16] Disponível em https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/. Acesso em 14 de novembro de 2018.

4.3.3 Recorte de tempo

Para conseguirmos realizar a coleta de dados, em tempo suficiente para a realização do mestrado, optamos por fazer o recorte de tempo de duas formas, objetivando construir a base de informações possível à compreensão e ao alcance dos objetivos específicos dessa dissertação.

Assim, o recorte de tempo se dá pela escolha do mês de março de 2018, que é um mês marcado pelo Dia Mundial das Mulheres e, dessa maneira, englobar todo um espaço de significados para as diferentes vertentes do feminismo aqui escolhidas. Para isso, compreendemos o engajamento gerado com as publicações deste recorte e sua relação com os acontecimentos do mês para aprofundar a compreensão da utilização dos recursos disponíveis na plataforma Facebook e também das estratégias discursivas em construções simbólicas.

Ressalta-se que durante o processo de mineração de dados e escolhas metodológicas, tivemos no mês de março de 2018 um acontecimento marcante para o embate e luta em torno de questões que envolvem o ativismo feminista, o assassinato de Marielle Franco. Assim, percebemos a importância do tema e do envolvimento do movimento feminista sobre o fato, optamos por fazer também um acompanhamento detalhado das datas de 14 e 15 de março de 2018 por apresentar o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco[17], como um acontecimento de grande repercussão nas redes sociais.

Ainda, ressaltamos que segundo Almeida (2017), o contexto atual brasileiro tem demonstrado um refluxo estrutural e social, no qual há uma nova onda de conservadorismo que está emergindo, embarcada na crise econômica e política que o país vem sofrendo. Essa nova onda faz uso de estratégias que envolvem o populismo patriarcal, que busca cercear as opções educacionais, políticas e sociais da presença de questões de gênero nos diversos meios comunicacionais e em políticas públicas, e controlam desde a educação até a aplicação de leis. Como exemplo, temos o processo de *impeachment* sem provas sofrido por Dilma Rousseff, a primeira presidenta eleita, bem como o veto do presidente Michel Temer a uma mudança na Lei Maria da Penha que beneficiaria as mulheres com a concessão de medidas protetivas de urgência, e o veto ao texto que propunha adicionar ao Plano Nacional de Educação a superação das desigualdades e a promoção da igualdade racial e de orientação sexual.

E, por isso, encontramos no assassinato de Marielle Franco a representatividade da vulnerabilidade do gênero feminino na sociedade. Marielle Franco, 38 anos, foi assassinada na noite de quarta-feira, 14 de março de 2018, junto com o seu motorista Anderson Gomes.

[17] https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html

Mulher, mãe, negra, LGBT, socióloga e oriunda da favela da Maré (RJ) são características que demarcam o papel da vereadora na política. Assim, mapeamos o uso do site de rede social em um acontecimento que demonstra as relações criadas sobre o assassinato e sua posição de luta, para perceber como foram construídos os laços e as estruturas dentro de conexões que abordam bandeiras feministas e interseccionais. Para isso, demonstramos como as diferentes vertentes do feminismo brasileiro se posicionaram e como se estruturam as interações que podem exemplificar as dinâmicas existentes nas redes sociais.

O assassinato ocorreu quando ela retornava do evento "Jovens negras movendo estruturas". Marielle foi baleada na cabeça, dentro de seu carro, por homens que estavam em outro veículo e atiraram pelo menos nove vezes. Marielle foi a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro, com um número alto de eleitores (46 mil votos) para sua primeira candidatura. Colocava-se como representante da favela e defendia os direitos humanos e o feminismo. Sua atuação na câmara envolve projetos para as pautas que defendia, como, por exemplo, um projeto que garantiria creches a mulheres que estudam ou trabalham à noite.

O crime ocorreu após Marielle criticar a intervenção federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro[18]. A vereadora havia assumido a posição de relatora da comissão da Câmara Municipal que acompanharia o funcionamento das tropas do Exército Brasileiro durante essa intervenção. Marielle também tinha publicado recentemente em seu perfil um texto no qual tratava do abuso de autoridade da Polícia Militar com os moradores de um bairro carioca. O assassinato de uma política e ativista social gerou rapidamente repercussão em diferentes órgãos internacionais, que demonstraram em notas posicionamentos condenatórios ao fato ocorrido, cobrando investigação. Entre as instituições que se pronunciaram, temos a Anistia internacional[19], a Human Rights Watch[20], que defende os direitos humanos, e a Organização das Nações Unidas (ONU)[21]. Houve manifestações públicas nas ruas cobrando justiça durante a investigação. A repercussão por parte de instituições nacionais e internacionais que lutam por direitos humanos e igualdade e as manifestações nas ruas demonstram a importância do fato ocorrido e como este assassinato revela a violência sofrida por ativistas sociais que lutam pela causa das minorias. Esse acontecimento demonstra como o uso da plataforma Facebook é uma forma de gerar engajamento no ativismo feminista.

[18] https://www.facebook.com/MarielleFrancoPSOL/posts/544774959241434 , exemplo e última postagem realizada por Marielle
[19] https://www.amnesty.org/en/latest/news/2018/03/brazil-authorities-must-investigate-the-killing-of-human-rights-defender-marielle-franco/
[20] https://www.hrw.org/pt/news/2018/03/15/315839
[21] https://nacoesunidas.org/sistema-onu-brasil-divulga-nota-sobre-assassinato-da-vereadora-marielle-franco/

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos em etapas o processo de análise e interpretação dos dados, no qual temos duas etapas: análise de redes sociais e análise crítica do discurso. A primeira etapa consiste no uso da abordagem da Análise de Redes Sociais, que iniciou com a mineração, a coleta e o tratamento de dados realizados a partir dos aplicativos e programas, resultaram nas interpretações que se estrutura em duas partes. A primeira parte inclui compreender a estrutura da rede, que se subdivide em: a) primeiro apresentar como estas páginas formam suas próprias redes em interações com outras páginas de movimentos feministas, notícias e instituições de interesse; b) na segunda etapa tratamos da estrutura da rede a partir dos dados minerados durante o mês de março e; c) e, ainda, fizemos uma análise da estrutura da rede e dos nós, a partir dos dados referente aos dias 14 e 15 de março (caso do assassinato de Marielle Franco).

Na segunda etapa utilizamos a análise crítica do discurso, segundo Fairclough (2001) e seguimos a construção de compreender as estratégias discursivas que incluíram o recorte de tempo tanto do mês quando sobre o recorte sobre o assassinato de Marielle juntos para aprofundar o funcionamento dos processos comunicacionais e manter interligadas as interpretações dos discursos.

5.1 A ESTRUTURA DA REDE PELA ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Nesta etapa do percurso metodológico utilizamos a abordagem de Análise de Redes Sociais para compreender como se estruturam as redes em torno dos movimentos feministas brasileiros selecionados como objetos de estudo e assim perceber a construção dos laços sociais por meio das publicações e interações presentes no Facebook.

5.1.1 Análise de Redes Sociais – As redes das páginas

Para compreender a estrutura da rede, buscamos estudar como ela é formada a partir das conexões e compartilhamentos da página. A rede é gerada a partir de dados obtidos pelo Netvizz e da ferramenta *Page Like Network* (análise de rede das páginas por meio das curtidas e interações). Para compreendermos melhor o quanto a rede está estendida, optamos por buscar por até dois graus de conexão. Significa que incluímos na construção destes grafos os nós que também são funcionam interligando diferentes páginas, são os nós com laços fracos com a página, mas que mesmo que com aparente menor visibilidade são responsáveis por disponibilizar espaço de fluxo de informação e visibilidade para um nó – página feminista no

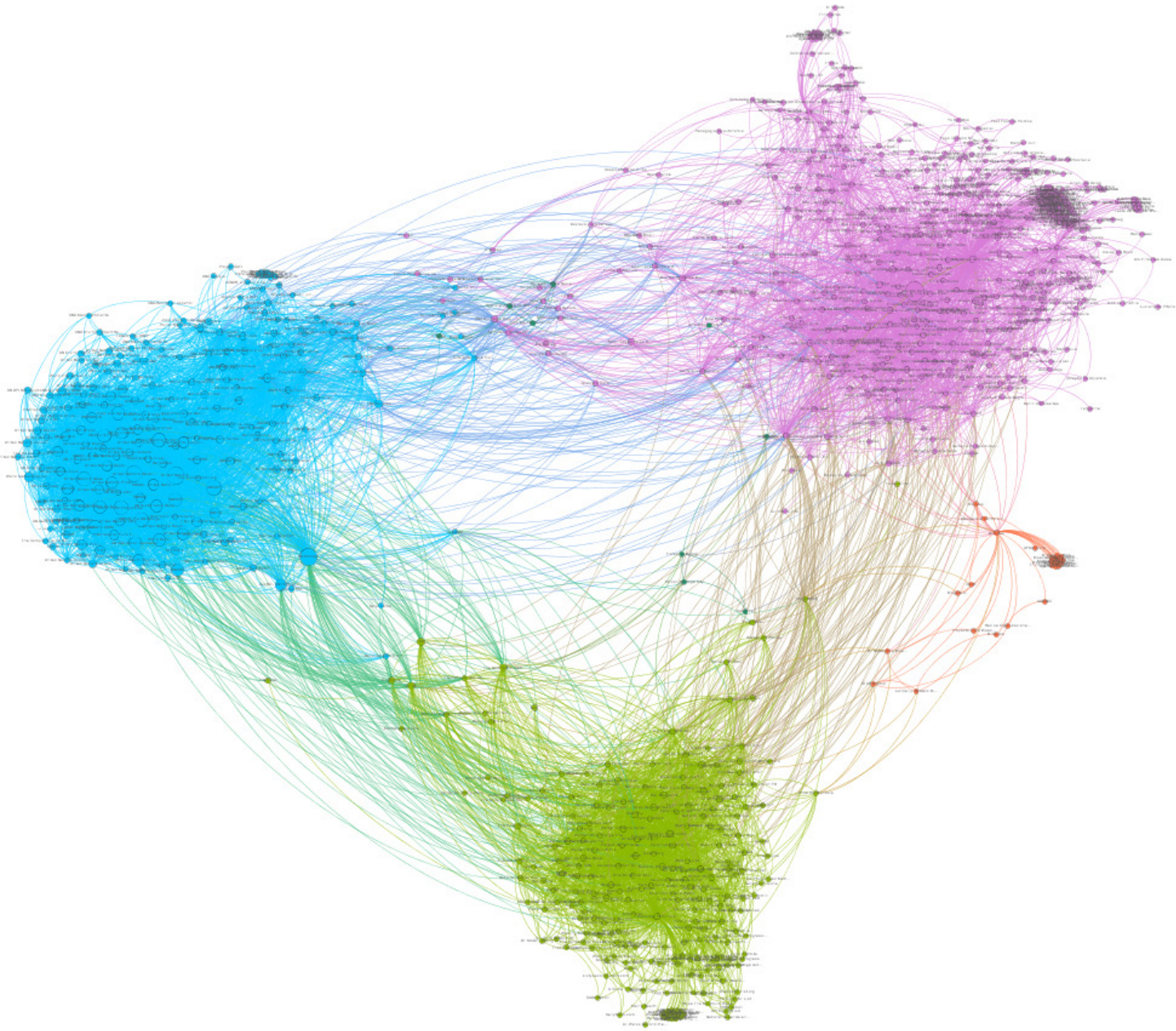
Facebook – mais central. Dessa forma, esse nó que relaciona-se entre outros tem o papel de filtrar e também de compartilhar informação, impactando diretamente na estrutura da rede.

Os grafos apresentados foram gerados pelo Gephi e utilizando duas métricas diferentes: a primeira referente à estrutura da rede, a modularidade – que significa mensurar a agrupabilidade na rede, a tendência que os nós têm de se conectarem, auxiliando na identificação de subgrupos – e a métrica de nó de centralidade (*eingevector*), que abarca a qualidade das conexões dos atores sociais, reflete a influência indireta e influência direta e pode ser utilizada para apontar influenciadores nas interações. O algoritmo escolhido para gerar a rede se chama Force Atlas 2. Ele é desenvolvido por parâmetros de escalabilidade e demonstra a proximidade dos nós de acordo com sua conexão, com tendência de mostrar no centro os nós mais conectados e, nas bordas, os menos conectados. Nos grafos apresentados nesta etapa, as cores dos nós (páginas/atores sociais) são relativas à modularidade da rede e o tamanho de cada nó está em referência à sua centralidade como influenciador.

5.1.1.1 A rede da página Não Me Kahlo

Iniciamos com a rede obtida pela mineração da página Não Me Kahlo, que demonstra uma subdivisão do dimensionamento da rede em quatro grupos: três grandes e um pequeno. No grupo que está em rosa, temos a própria página, que têm ligações diretas com outras páginas de ativismo feminista brasileiro, como Marcha das Vadias, Transfeminismo, Blogueiras Feministas, Blogueiras Negras, Mães de Maio, Think Olga, entre outras. A página está praticamente centralizada neste agrupamento. Também podemos perceber que há uma força de conexão que também passa pelo nó das Blogueiras Feministas, que fazem interações com outros atores sociais mais afastados, como Eu sou feminista, Nós de oito. A partir das interações, há ligação direta entre os outros *clusters* que partem do nó da página Não Me Kahlo com o agrupamento em azul, que representa páginas que abordam o tema do feminismo em perfis institucionalizados, como ONU Mulheres, Unesco, e inclui páginas internacionais – CEPAL, UM Women Watch, Unicef Canadá – e personalidades como Gisele Bündchen e Monique Coleman. Em verde, temos ligações com nós que representam páginas não-institucionalizadas internacionais: Women 2.0, Queer Resistance, You too are Feminist. Em vermelho, um grupo menor de páginas brasileiras e internacionais que se refere ao movimento bissexual.

Gráfico 1- Rede da página Não Me Kahlo



Fonte: gráfico elaborado pela autora com o aplicativo Gephi

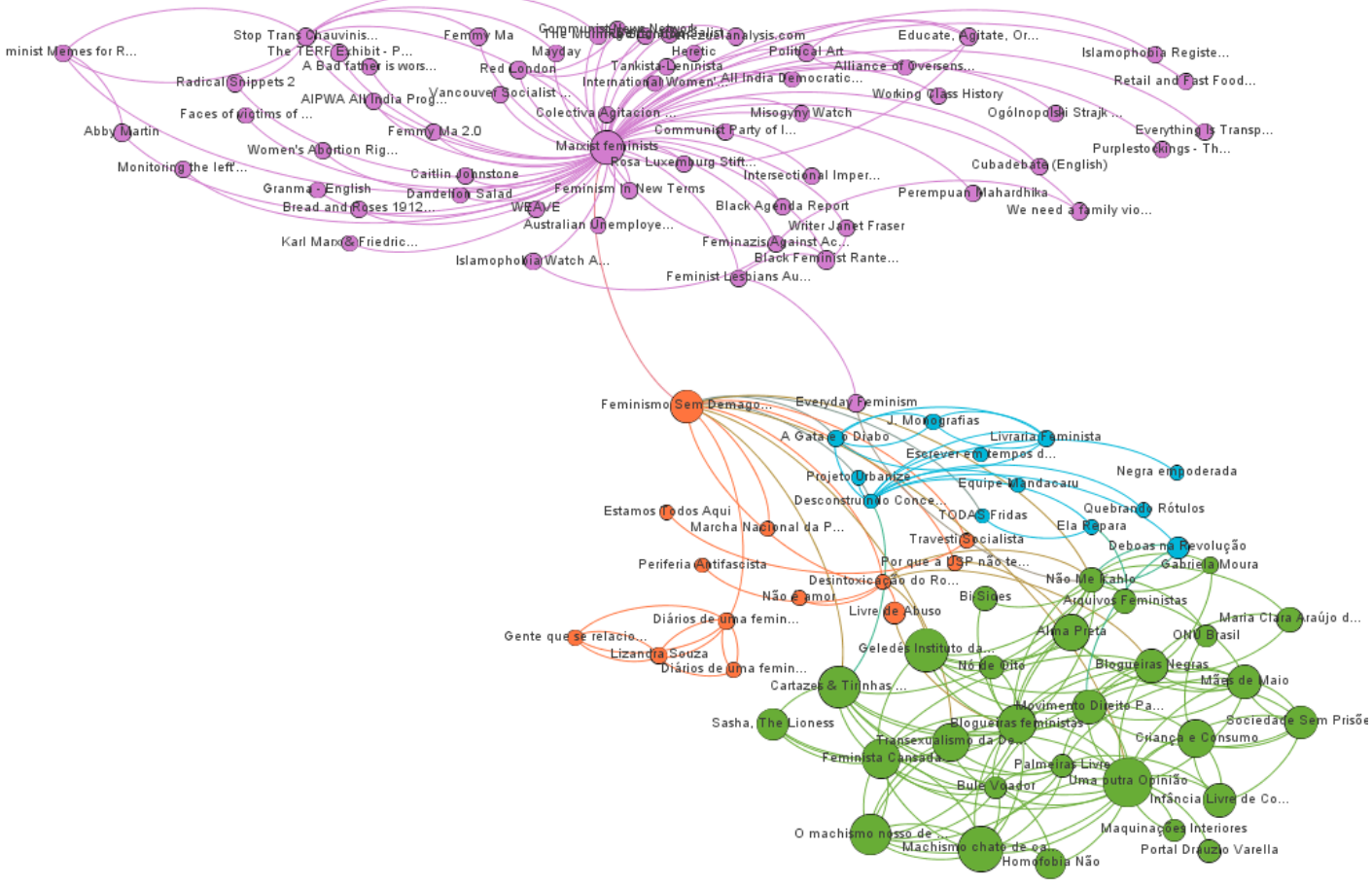
Em relação ao tamanho dos nós, temos alguns destaques: Não Me Kahlo, UM Women, Unicef e Unesco. Podemos compreender que a página Não Me Kahlo representa relevância como ator social, por haver interação direta e indireta com outras que reconhecem sua proposição de luta por direitos humanos e das mulheres, de relevância internacional. Os dados relacionados a partir desta mineração reafirmam o caráter interseccional desta página, quando em sua apresentação demonstrava compreender o feminismo como inerente a outros movimentos, relacionados pela bandeira dos direitos humanos. O tamanho do mapa e da

relação dos nós também desvela uma forte apropriação da estrutura da rede pela página, buscando entre publicações e interações uma multiplicidade de engajamentos

5.1.1.2 A rede da página Feminismo Sem Demagogia - Original

Apresentamos no gráfico 2 a rede da página Feminismo Sem Demagogia – Original e sua ligação com outras 97 páginas.

Gráfico 2 - rede da página Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: gráfico elaborado pela autora com o aplicativo Gephi

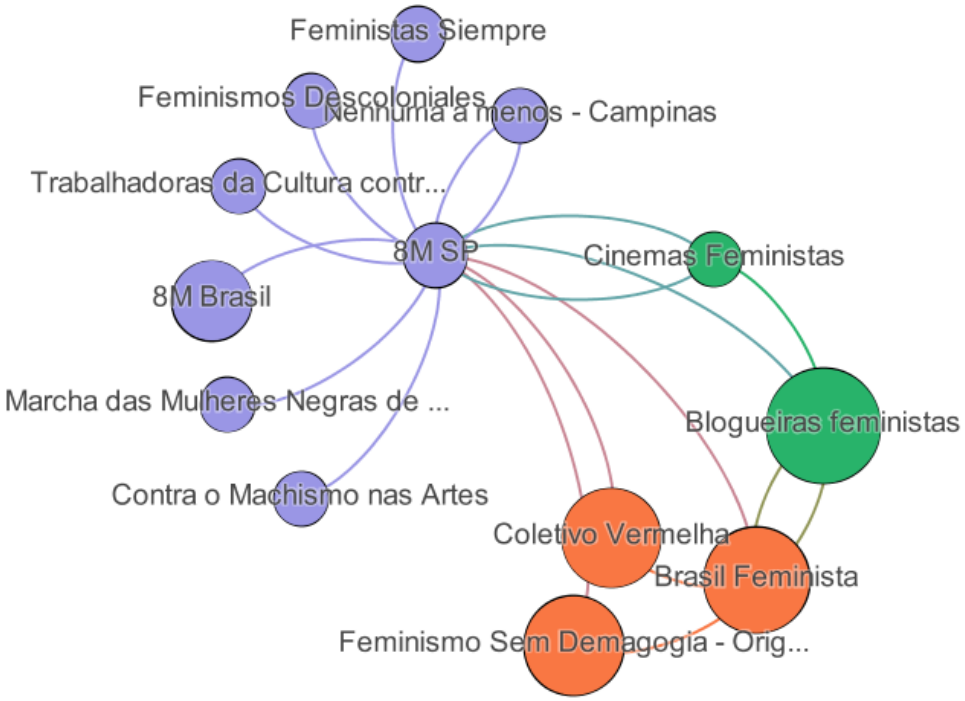
Pela modularidade da rede, podemos perceber uma divisão em quatro subgrupos, dentre os quais os três mais próximos são brasileiros e o outro é caracterizado por uma maioria de movimentos feministas internacionais e marxistas. Assim, no núcleo em laranja no qual está a página Feminismo Sem Demagogia - Original, há outras páginas não ligadas diretamente ao pensamento marxista, à exceção de Periferia Antifascista. Percebemos também que não há

caráter excludente em relação a questões de gênero e sexualidades e o tamanho dos nós pela sua centralidade demonstra a força de coesão e interação presente na página pesquisada. No grupo em azul são representadas páginas com menor grau de centralidade dos nós, comparado ao tamanho dos outros. Porém, a ligação é representada em outras formas de interação entre as páginas, como a De Boas na revolução e Quebrando rótulos – perfis que usam narrativamente notícias e informações. No grupo em verde, localizamos outras páginas interligadas ao movimento feminista e a intersecção com raça (Blogueiras Negras, Geledés). No grupo em rosa, estão representadas uma maioria de páginas internacionais sobre feminismo e, em maior parte, ligadas ao pensamento marxista. Um exemplo é Marxist Feminist, é uma página que de poucos seguidores (8.218 em novembro de 2018), mas que funciona como ponte de ligação com outras páginas da mesma vertente do movimento feminista. O posicionamento da página de vertente marxista (apesar de não usar esse termo no seu nome) demonstra-se pelas suas conexões, assim como também há interações com outras vertentes do feminismo.

5.1.1.3 A rede da página 8M Brasil

A página 8M Brasil também apresentou 13 outras páginas em interação, como pode ser visto no gráfico 3, com uma rede menor, se comparada às anteriores.

Gráfico 3 - Rede da página 8M Brasil



Fonte: gráfico elaborado pela autora com o aplicativo Gephi

A partir da modularidade da rede, o grafo apresenta 3 subgrupos. No subgrupo em roxo, no qual está a página 8M Brasil, podemos perceber a centralidade desse agrupamento e também o destaque de outra página também ligado ao evento 8M SP e a Marcha das Mulheres Negras, que também representa um movimento de mobilização que adere a protestos nas ruas, assim como a ligação em dois momentos à página de com forte engajamento Feministas Siempre (340 mil seguidores em novembro de 2018) e Feminismos Descoloniales, uma página que aborda o tema a partir de uma visão acadêmica. É importante perceber que as ligações com os outros dois grupos são realizadas por um outro nó (8M SP). Assim, sua influência não se dá por via direta. No grupo em verde, temos 3 páginas: Blogueiras Feministas (93 mil curtidas) e Cinemas Feministas (com 5,6 mil curtidas), além de páginas ativistas feministas, mas sem ligação direta a protestos nas ruas. No grupo em laranja, temos a já examinada e apresentada Feminismo Sem Demagogia - Original, Brasil Feminista (159 mil curtidas) e Coletivo Vermelha (5.920 curtidas), um coletivo de feministas roteiristas que buscam tratar do espaço da mulher no audiovisual. Brasil Feminista é uma página caracterizada como comunidade e faz publicações interligadas com notícias. Aplicamos a métrica de nó, o que nos levou a perceber que não há diferença demarcada entre o tamanho dos nós, demonstrando certa regularidade das centralidades dos nós.

5.1.1.4 A não - rede da página Feminismo Radical Didático

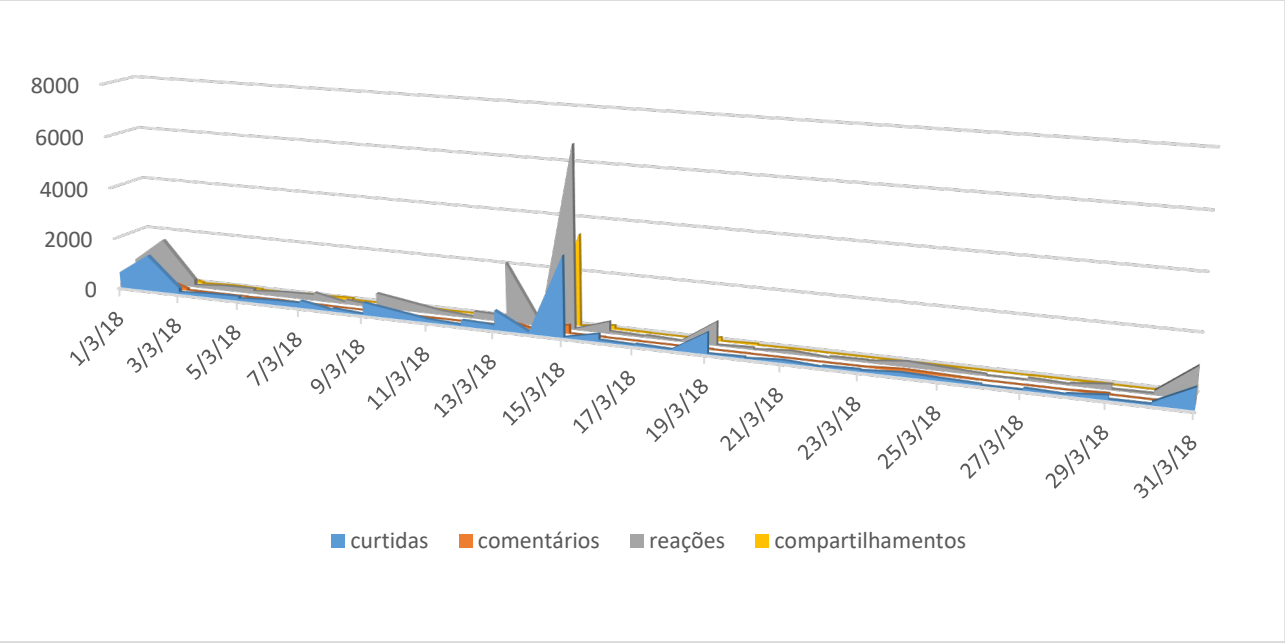
Ao realizarmos a mineração dos dados da página Feminismo Radical Didático, verificamos que não foi representada uma rede interligada com outras. Isso ocorre porque a página não curte outras páginas do site de rede social e suas republicações não são compartilhamentos de outras páginas presentes no Facebook. A maior parte das publicações são realizadas pelas administradoras e, em alguns casos, são notícias, sempre com comentários que demarcam o posicionamento da página.

5.1.2 Análise de Redes Sociais – mês de março de 2018

5.1.2.1 Não Me Kahlo

Com a coleta realizada pelo aplicativo Netvizz e pelo programa Nodexl Pro, obtivemos os dados abaixo, esquematizados em gráfico para melhor entendimento.

Gráfico 4 – Número de interações no mês de março - Não Me Kahlo



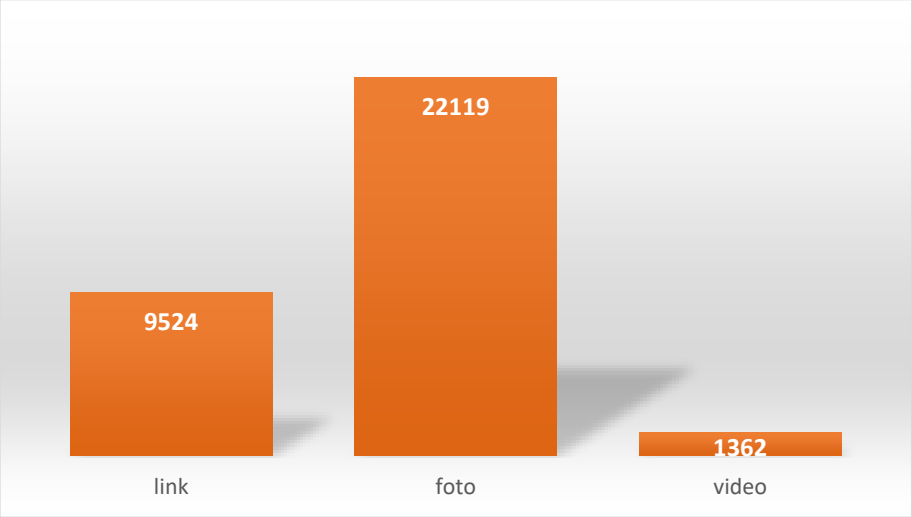
Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados coletados no Facebook da página Não Me Kahlo

Neste gráfico podemos perceber que existe uma linearidade das interações nas publicações durante o período de março, no entanto assinalamos um ponto alto de reações, com um engajamento muito maior em relação aos dias que envolvem o assassinato de Marielle Franco. A segunda publicação com maior interação é uma postagem[22] (figura 5 abaixo) que é uma captura de tela da publicação do Coletivo Não Me Kahlo no Twitter com a seguinte frase "Levanta a cabeça, príncipe...o clitóris não é aí". O movimento utiliza-se do humor para tratar da importância de falar sobre feminismo e na mesma publicação divulga uma campanha de apoio financeiro de modo que o coletivo se transforme em ONG. Outro ponto com valores que se sobressai é no início do mês (02/03) quando há uma postagem[23] que fala sobre a abertura de

[22] Disponível em: https://www.facebook.com/313545132152493/posts/948414525332214/
[23] Disponível em: https://www.facebook.com/313545132152493/posts/942208465952820/

empresa que visa trabalhar com hospedagens voltadas para mulheres que viajam , com um link para acompanhar a notícia completa no blog do Coletivo. Na sequência temos a postagem[24] do dia 17 que se refere também à Marielle Franco, com uma notícia sobre a mãe de um policial contando sobre a luta da Vereadora para auxiliar o seu filho e um link que leva à página do G1 para legitimar a publicação. E, no dia 31, a postagem[25] que aborda mais uma vez com ironia questões que tratam da violência cotidiana e as formas que são julgadas, utiliza mais uma vez uma captura de tela de uma publicação do próprio coletivo no Twitter, acompanhada com uma frase que para evitar trazer mal entendimento entre os seguidores foi assinalado com a #ironia.[26]

Gráfico 5 – Conteúdo das postagens por engajamento - Não Me Kahlo

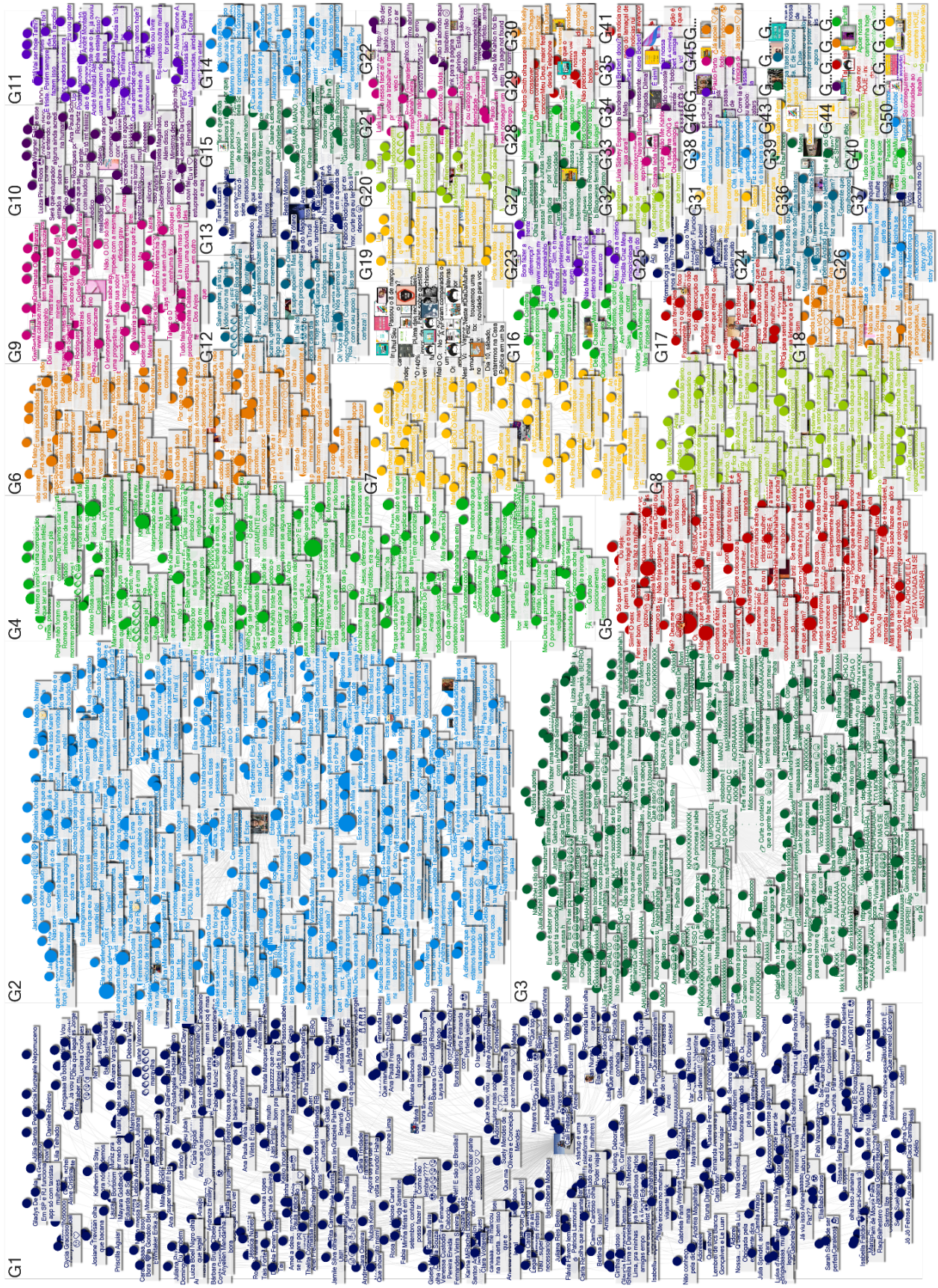


Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados coletados no Facebook da página Não Me Kahlo

Com os valores dos dados coletados, assim como com a aproximação com as postagens com maior número de interações podemos perceber que publicações que contenham foto e texto geram maior interação, assim como a interligação com fatos e notícias que façam parte do contexto dos seguidores. Outro fator importante é perceber que enquanto a publicação não está ligada a um fato, o uso do humor e da ironia conseguem atrair maior engajamento. Parece haver uma forma de justificar as escolhas deste tipo de recursos de forma a aproveitar o espaço de interação e trazer link para a campanha de apoio financeiro ao Coletivo, o que demonstra que as administradoras da página compreendem os usos de recursos de linguagem que geram mais interações.

[24] Disponível em: https://www.facebook.com/313545132152493/posts/950637691776564/
[25] Disponível em: https://www.facebook.com/313545132152493/posts/957624981077835/
[26] A tabela que consta as postagens em conjunto com os números referentes a interação e reações está disponibilizada como anexo neste trabalho.

Gráfico 6 - Grafo gerado da Modularidade da Rede - Não Me Kahlo



Created with NodeXL (http://nodexl.codeplex.com) from the Social Media Research Foundation (http://www.smfoundation.org)

Figura 6 - Tela da publicação com destaque nas interações – Não Me Kahlo

Fonte: tela capturada em 5 de novembro de 2018 do site de rede social Facebook

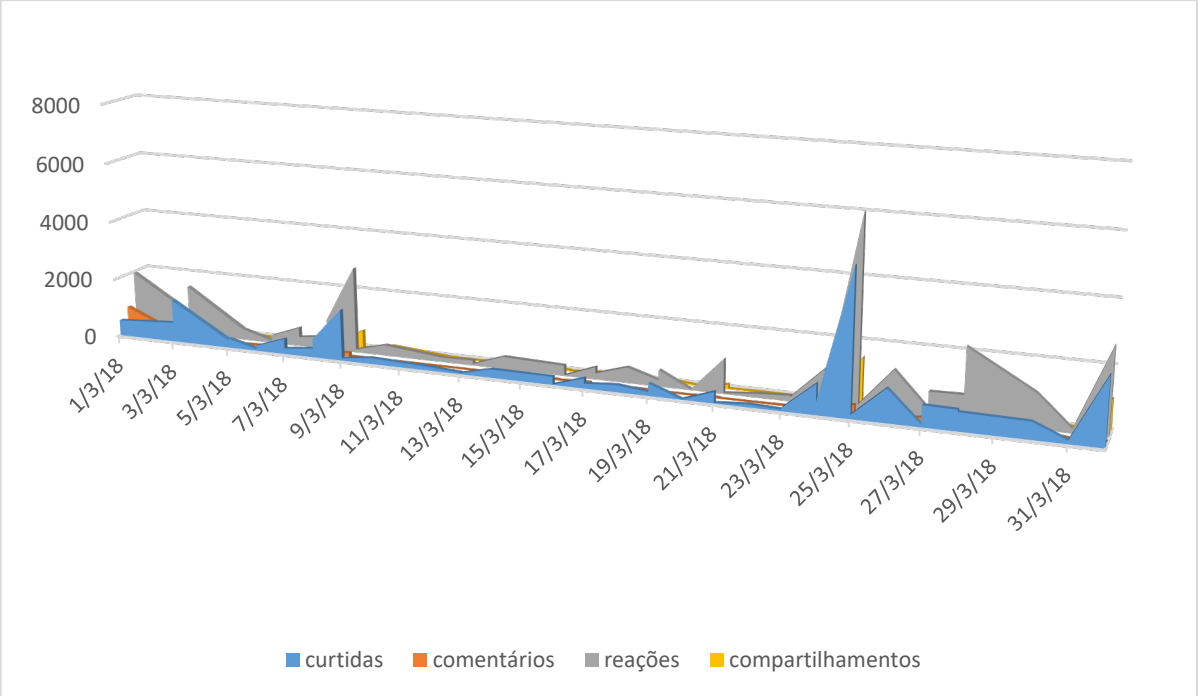
Ao utilizamos a métrica de modularidade da rede, utilizando o programa Nodexl Pro, compreende-se a rede por meio da grupabilidade, que pode ser percebida pelas diferenças de cores e pelo nome de cada conjunto assinalado. Há um grupo maior e mais centralizada e em azul claro (G2), temos uma publicação sobre o assassinato de Marielle Franco e as operações em torno do fato ocorrido. Significa que este grupo possui maior densidade entre suas interações e apropriação da estrutura da rede. Em azul escuro (G1), temos uma outra publicação que também tem foto (que será utilizada a seguir na abordagem da análise crítica discursiva – figura 15 – Tela da publicação), que ocupa uma fatia importante da rede, demonstra que as conexões estabelecidas possuem força de interação. Em verde escuro (G3), há um grupo que se refere a

postagem relacionada (figura 6) , que se utiliza de figuras de humor, como um meme[27], para divulgar a página e abordar sobre o empoderamento feminino.

5.1.2.2 Feminismo Sem Demagogia – Original

A partir da coleta de dados demonstramos nos gráficos e grafos abaixo a estrutura e os laços sociais construídos pela página no mês de março de 2018.

Gráfico 7 – Numero de interações no mês - Feminismo Sem Demagogia Original



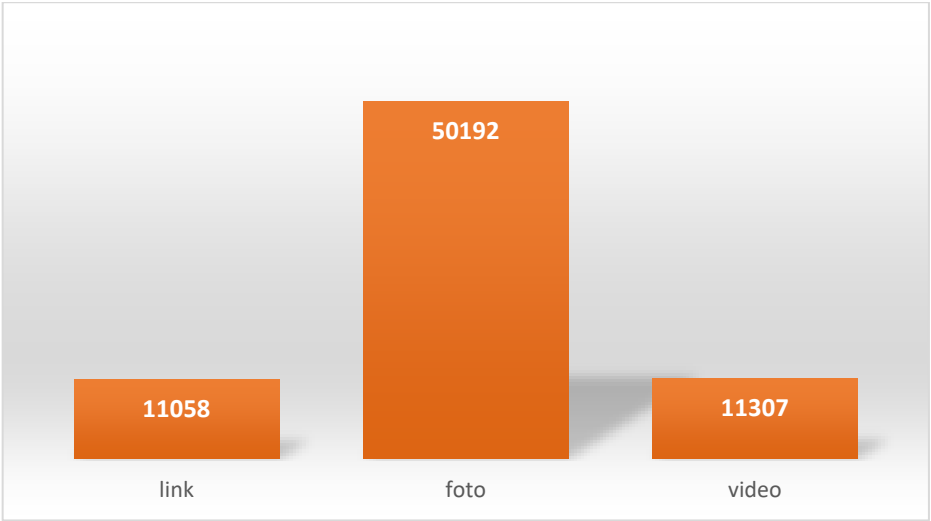
Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir de dados coletados na página Feminismo Sem Demagogia-Original

A partir da construção do gráfico reconhecemos que durante seis dias tivemos mais interações em comparação aos outros momentos do mês. Sendo que o primeiro ponto de foco temos uma publicação[28] no dia 25 de março, que é a Figura 7. Esta postagem aborda como a maternidade é marcada pela presença feminina, como sendo a mulher a única responsável por cuidar dos filhos. A referida publicação traz questões há muito tempo cristalizadas do papel da mulher e o entendimento de que a mãe é quem acompanha de uma forma solitária a rotina dos filhos. Esta postagem é um compartilhamento que parte de outra página que é sobre uma rotina

[27] É uma forma de expressão que explica o uso de tanto de imagens, quando vídeos ou somente textos que se apropriam de alguma questão atual de forma humorística
[28]Disponível em: https://www.facebook.com/564161453675848/posts/1645900125501970/

de pais jovens com três filhos. Outro ponto de destaque envolve a publicação[29] do dia 08 de março (figura 18), na qual temos um texto que aborda as desigualdades construídas na sociedade entre os homens e as mulheres. Ainda temos a publicação[30] do final do mês (31/03) que traz imagens com trechos do filme "O auto da compadecida" em que há um diálogo com o personagem que interpreta Deus e com os outros personagens principais da história. O texto diz: "A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto" "Obrigado, João. Mas você também é cheio de preconceitos de raça" e segue com "eu vim assim de propósito porque sabia que isso ia despertar comentários". Nesta postagem, mais uma vez tem uma voz externa à página que é trazida para tratar da discussão em torno da questão de raça e preconceito. A data da publicação tem importância pois foi realizada um dia antes da Páscoa e envolve o tema de religião, já que o personagem negro é o ator que representa Deus. Outra postagem[31] que destacamos se deu no início do mês e trata-se de um compartilhamento de outra publicação (figura 8), mas não como forma de apoio, e, sim para debater contra o vídeo.

Gráfico 8 - Representa o tipo de postagem com maior engajamento total – Feminismo Sem Demagogia - Original



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir de dados coletados na página Feminismo Sem Demagogia-Original

[29] Disponível em: https://www.facebook.com/564161453675848/posts/1628437460581570/
[30] Disponível em: https://www.facebook.com/564161453675848/posts/1652284598196856/
[31] Disponível em: https://www.facebook.com/564161453675848/posts/1621677044590945/

Figura 7 – Captura de tela da publicação com destaque nas interações (com algumas imagens destacadas publicação) – Feminismo Sem Demagogia - Original

Fonte: tela capturada em 5 de novembro de 2018 do site de rede social Facebook

Com as informações do gráfico 8 é possível perceber mais uma vez que a visibilidade das publicações da rede está diretamente associada ao uso de fotos para tornar o uso da postagem como uma ferramenta que agrega mais interações. Ainda, com os dados coletados, foi possível perceber um momento mais alto de interação, que ocorreu em função da publicação abaixo (figura 7), que demonstra a integração entre compreender as imposições relativas ao gênero feminino – nesse caso, a maternidade – e a exploração da classe trabalhista. Assim, demonstra-se que as seguidoras da página estão engajadas por essa forma de ativismo, de viés marxista, apoiando-se nessa vertente para construir relações de publicações que demarquem formas de contrapoder às imposições da sociedade sobre o feminino.

Gráfico 9 – Grafo de Modularidade da Rede – Feminismo Sem Demagogia- Original

Created with NodeXL (http://nodexl.codeplex.com) from the Social Media Research Foundation (http://www.smfoundation.org)

Percebemos que o grafo modularidade da rede demonstra existir outra publicação que geradora de laços mais densos e com maior importância na estrutura da rede, que, apesar de não estar centralizada (e não ser numericamente a postagem com maior número de interações), possui maior expressividade no engajamento.

Figura 8 – Tela de publicação com destaque em interações

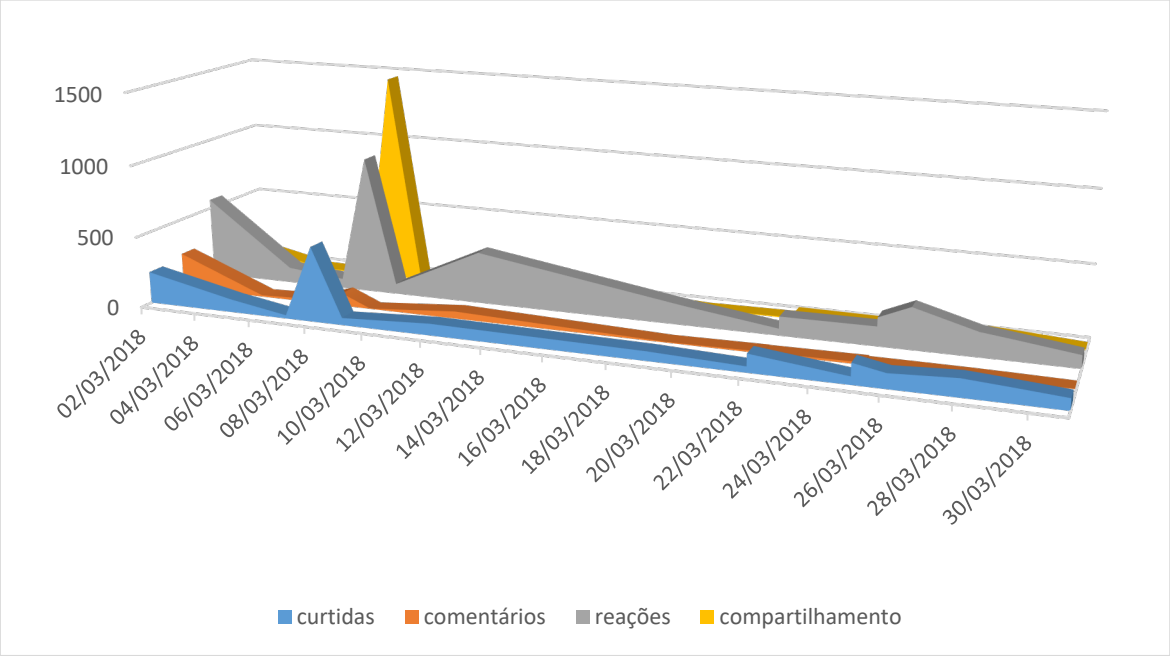
Fonte: tela capturada em 5 de novembro de 2018 do site de rede social Facebook

A publicação da figura 8, diz respeito ao compartilhamento de uma gravação feita para o dia internacional das mulheres com o então Deputado Jair Bolsonaro, na qual temos sua colocação em que trata a “posse da arma de fogo para todos, né? Inclusive para as mulheres. Que nós temos que acabar com o mimimi. Acabar com essa história de feminicídio. Porque daí com arma na cintura o que vai ter é homicídio”. Podemos perceber pelo comentário no compartilhamento da publicação um posicionamento totalmente contrário por parte das administradoras, que inclusive se identificam no texto. Percebemos que as reações não são positivas e que, ao gerar este tipo de embate entre posicionamentos, a página amplia as interações.

5.1.2.3 Feminismo Radical Didático

No gráfico abaixo, percebemos um grande destaque em uma publicação em relação às interações uma vez comparada com outros dias. Da mesma forma, observamos que a maior força de conexão entre a página e suas seguidoras se dá pelo compartilhamento e reações.

Gráfico 10 – Número de interações no mês – Feminismo Radical Didático



Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir de dados coletados sobre a página Feminismo Radical Didático

É possível, a partir do gráfico 10 identificar que existe uma manutenção no número de interações com exceção da publicação[32] ocorrida no dia 08 de março de 2018. Esta tem o intuito de mostrar um álbum de fotos que, segundo a página Feminismo Radical Didático: "As fotos são sobre violências cometidas exclusivamente ou majoritariamente contra mulheres, tendo homens como os maiores perpetradores. Por que isso acontece? Porque a subordinação das mulheres tem caráter sexual. " A partir das imagens e do texto apresentando nesta postagem podemos identificar o posicionamento do movimento segundo a vertente feminista que esta página se declara, demarcando as questões em torno do corpo feminino e trazendo a opressão por parte do homem. Demonstra uma compreensão binária sobre gênero e sexualidade. A segunda publicação[33] com um volume maior de interações se deu no dia 02 de março e aborda

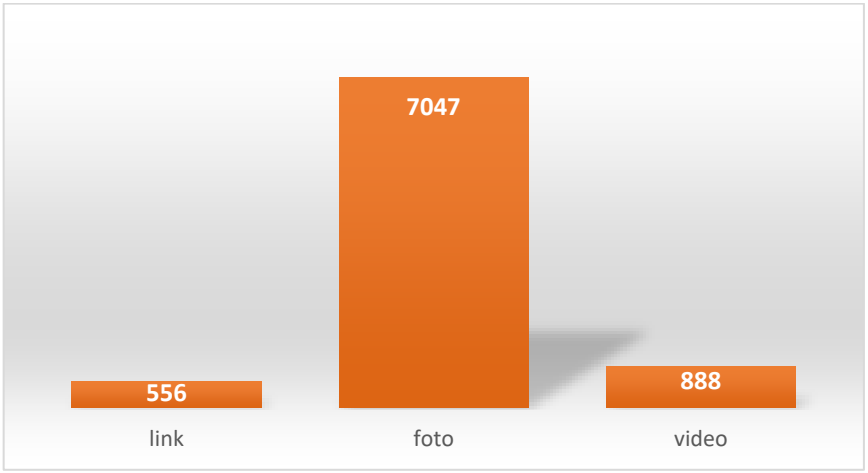
[32] Disponível em: https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/photos/a.1993296984267916/1993300004267614/?type=3
[33] Disponível em: https://www.facebook.com/1645014095762875/posts/1990723417858606/

sobre mudanças na legislação em relação aos nomes das pessoas transgêneros, trazendo a notícia de maneira negativa, pois por meio do ponto de vista desta página, os homens vão poder ocupar o espaço que é dedicado para as mulheres, ao fazer se apropriarem da porcentagem dedicada por lei a candidatura de mulheres nas eleições. No dia 12 de março temos uma outra publicação[34] que recebeu destaque pelas suas reações negativas devido ao fato de apresentar um vídeo no qual uma menina de 3 anos está cozinhando para seus irmãos mais velhos. O seguinte texto sobressai:

> Ela tem apenas 3 anos e é quem prepara o almoço dos irmãos mais velhos.
> Por que é ela, um bebê, a mais nova de todos, quem tem essa responsabilidade e não os irmãos maiores e mais fortes?
> Só porque nasceu menina. Meninas são ensinadas a serem as responsáveis pelo serviço doméstico, alimentação, limpeza, arrumação e cuidado.
> Crianças e adolescentes do sexo feminino são 94% das crianças exploradas no trabalho doméstico.
> "Apesar de ser realizado no interior dos lares, entendidos pela população como espaços de proteção, o trabalho infantil doméstico se caracteriza por jornadas extensas, intenso esforço físico, isolamento e, muitas vezes, abusos psicológicos e sexuais", alerta a secretária-executiva da FNPETI, Isa Maria Oliveira.
> http://brasil.estadao.com.br/…/geral,criancas-no-trabalho-d…
> https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=592065627839686&id=226145111098408

Observamos que mais uma vez a página do movimento traz como temática a divisão do trabalho entre meninos e meninas e a exploração do trabalho infantil doméstico, caracterizando o entendimento do movimento a partir da vertente do radfem (feminismo radical), além de trazer um link para complementar o vídeo com uma notícia sobre o número de crianças que trabalham.

Gráfico 11 – Postagens com maior engajamento total – Feminismo Radical Didático



Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir dedados coletados sobre a página Feminismo Radical Didático

[34] Disponível em: https://www.facebook.com/1645014095762875/posts/1995027974094817/

Figura 9 – Tela de postagem com maior interação e também as algumas imagens do álbum – Feminismo Radical Didático

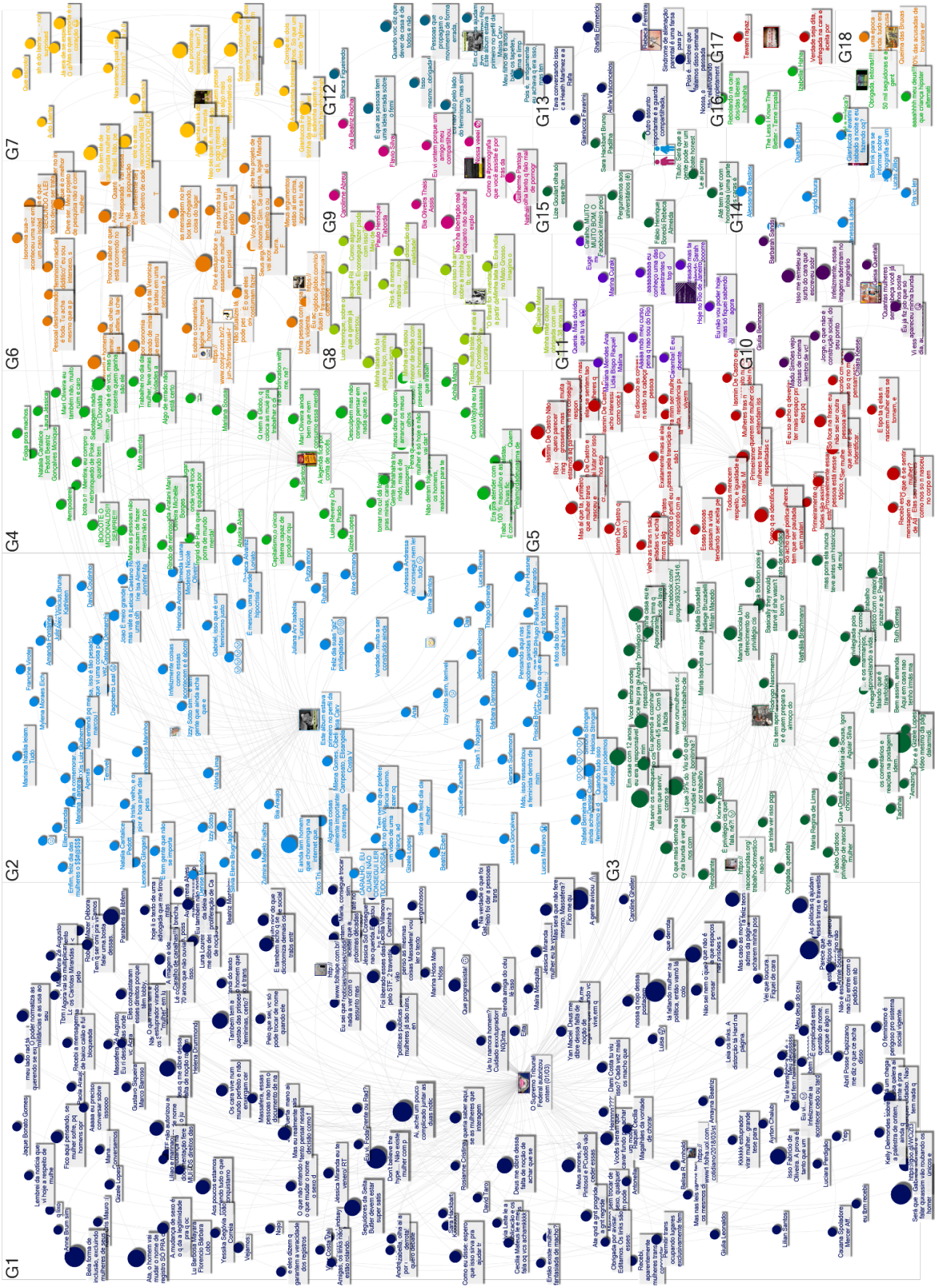
Fonte: tela capturada em 8 de novembro de 2018 do site de rede social Facebook

A postagem com maior interação é um álbum de fotos sobre o Dia Internacional da Mulher e se volta para a discussão da subordinação das mulheres. Este álbum conta atualmente com 17 fotos que tentam mostrar as diferentes formas de violência que as mulheres são submetidas apenas por serem do sexo feminino. Percebe-se que as publicações que contém fotos são as que possuem maior reflexividade na rede. Assim como, os maiores pontos de engajamento demonstram que as seguidoras desta página comungam da mesma percepção de exclusão de transgêneros e uma reafirmação ao posicionamento da vertente radical feminista.

Este fato demonstra, segundo Harvey (2008) e Castells (2018), que há formas de desenvolver o pensamento da sociedade por meio da fragmentação e da individualização, demarcando a partir de diferenças, novos posicionamentos na sociedade. Demonstra ainda, de acordo com Harvey (2008), que a diferença passa a ser uma força libertadora para definir uma nova forma de discurso sócio-cultural.

Abaixo, apresenta-se o gráfico 12 que foi gerado pelo Nodexl Pro, com a mineração dos dados do mês de março da página Feminismo Radical Didático, com 16 publicações no período. E por meio dele podemos perceber que apesar da publicação de maior interação ser a figura 9 apresentada acima, pelo grafo, observamos diferentes módulos associados às publicações realizadas ao longo do mês. Percebemos que os diferentes módulos, apesar de formarem subconjuntos, criam interações com outras postagens, o que significa que as interações não se dão de forma isolada por parte das seguidoras das páginas. Há uma estrutura de rede que demonstra força em determinadas publicações (*clusters*). Há um grande grupo azul (G1), que demonstra que os laços são formados dentro da estrutura da rede por meio dos comentários, identificando que a publicação em destaque neste grupo possui uma maior capacidade de agregar outros nós na vizinhança. Com isso, podemos observar grupos cujas conexões são mais frequentes entre si do que com o restante da rede.

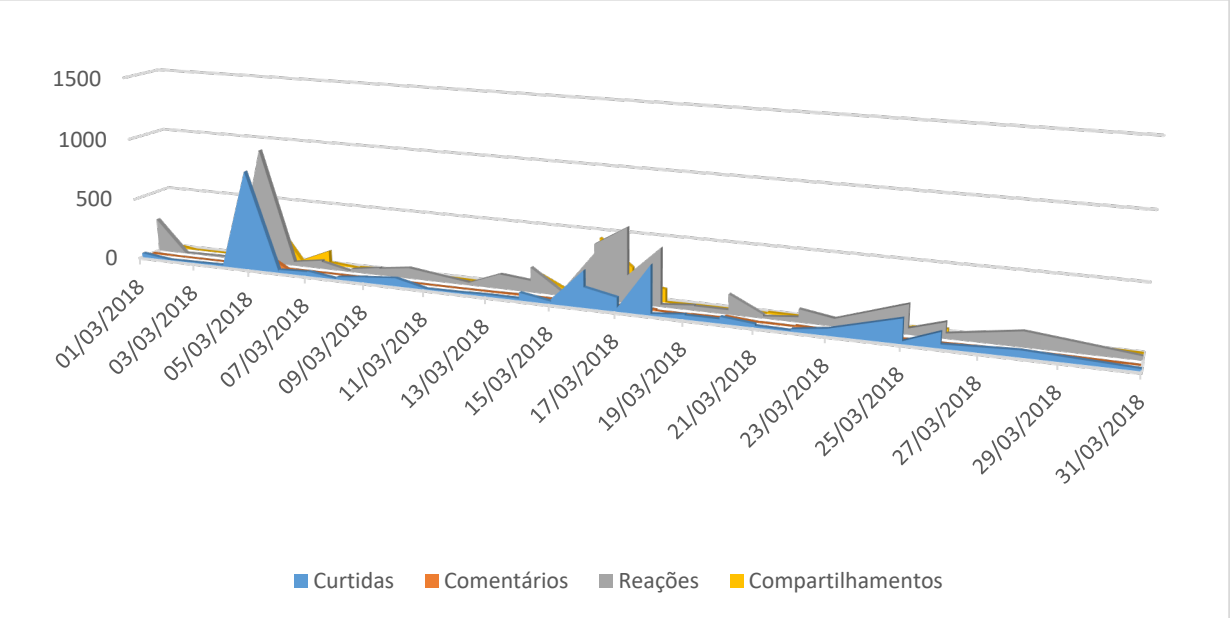
Gráfico 12 – Grafo de Modularidade da Rede – Feminismo Radical Didático



5.1.2.4 Página 8M Brasil

Apresentamos neste item os gráficos gerados por meio dos dados que foram coletados durante o mês de março de 2018. O gráfico 13 representa como as interações distribuíram-se entre as publicações e os dias e, o gráfico 14 traz os tipos de postagem com mais engajamento. Ainda, no gráfico 15, temos a modularidade da rede representada no grafo com a grupabilidade das postagens.

Gráfico 13- Número de interações no mês – 8M Brasil



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir de dados coletados sobre a página

Os dados representados neste gráfico desvelam que temos dois momentos com maior número de engajamento por parte das seguidoras da página 8M Brasil. A publicação[35] com mais destaque é a do dia 06 de março (figura 20), que traz o tema do trabalho doméstico das mulheres não-remunerado, que leva a trazer explicações de as motivações para as mulheres participarem da mobilização nas ruas ou através da greve das mulheres e suspenderem por pelo menos um dia estas atividades. Assim, demonstra as características de uma ação coletiva que, segundo Melucci (1989) trata de um movimento baseado na solidariedade. Exemplifica este argumento o texto de uma publicação que diz:

[35] Disponível em: https://www.facebook.com/1315146088559754/posts/1805304472877244/

> >> Recado para as mulheres brancas e privilegiadas: se entrarem em greve, NÃO repassem o trabalho doméstico (ainda que remunerado) para outras mulheres. Sua empregada doméstica também é mulher e faz parte dessa luta TANTO QUANTO você. Reconheça o direito merecido dela fazer greve no 8M também

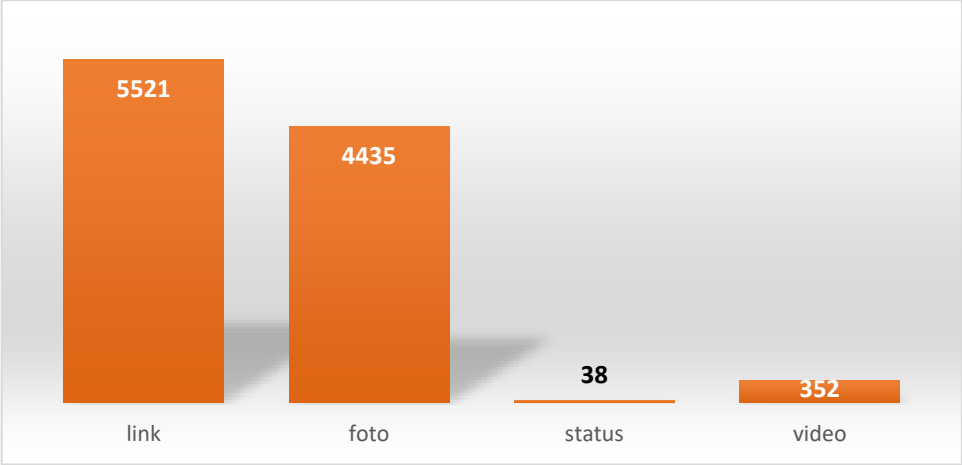
Observa-se também, seguindo o raciocínio de Melucci (1989), o desenvolvimento de um conflito, quando no início do texto apresenta dados e indagações sobre a relevância da mobilização

> No Brasil, as mulheres dedicam em média quase o DOBRO do tempo em tarefas domésticas do que os homens (21 h/semana x 11h/semana) segundo o Pnad. O que aconteceria se milhões de mulheres deixassem de lado seus trabalhos domésticos (não-remunerados) por um dia? Você já parou para pensar nisso?

E nesta mesma postagem observa-se também uma proposição de romper os limites do sistema, quando justifica a importância da greve e também traz uma imagem que se assemelha a uma forma de classificado de anúncio de vaga de trabalho, que é uma forma de demonstrar como se dá de forma relativizada o trabalho da dona de casa.

O segundo momento com mais interações se deu no dia 16 de março com uma publicação[36] que apresenta um recorte de uma notícia que fala sobre policiais acusados de participar do homicídio de Cláudia S. Ferreira, uma mulher negra e da periferia, que morreu durante uma intervenção militar. Nesta postagem, percebemos que as interações com a página estão interligadas às questões do contexto atual, trazendo notícias e fatos que consigam gerar alguma forma de reação pelas seguidoras.

Gráfico 14 - Postagens com maior engajamento total – 8M Brasil



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir de dados coletados sobre a página

[36] Disponível em: https://www.facebook.com/1315146088559754/posts/1818990404841984/

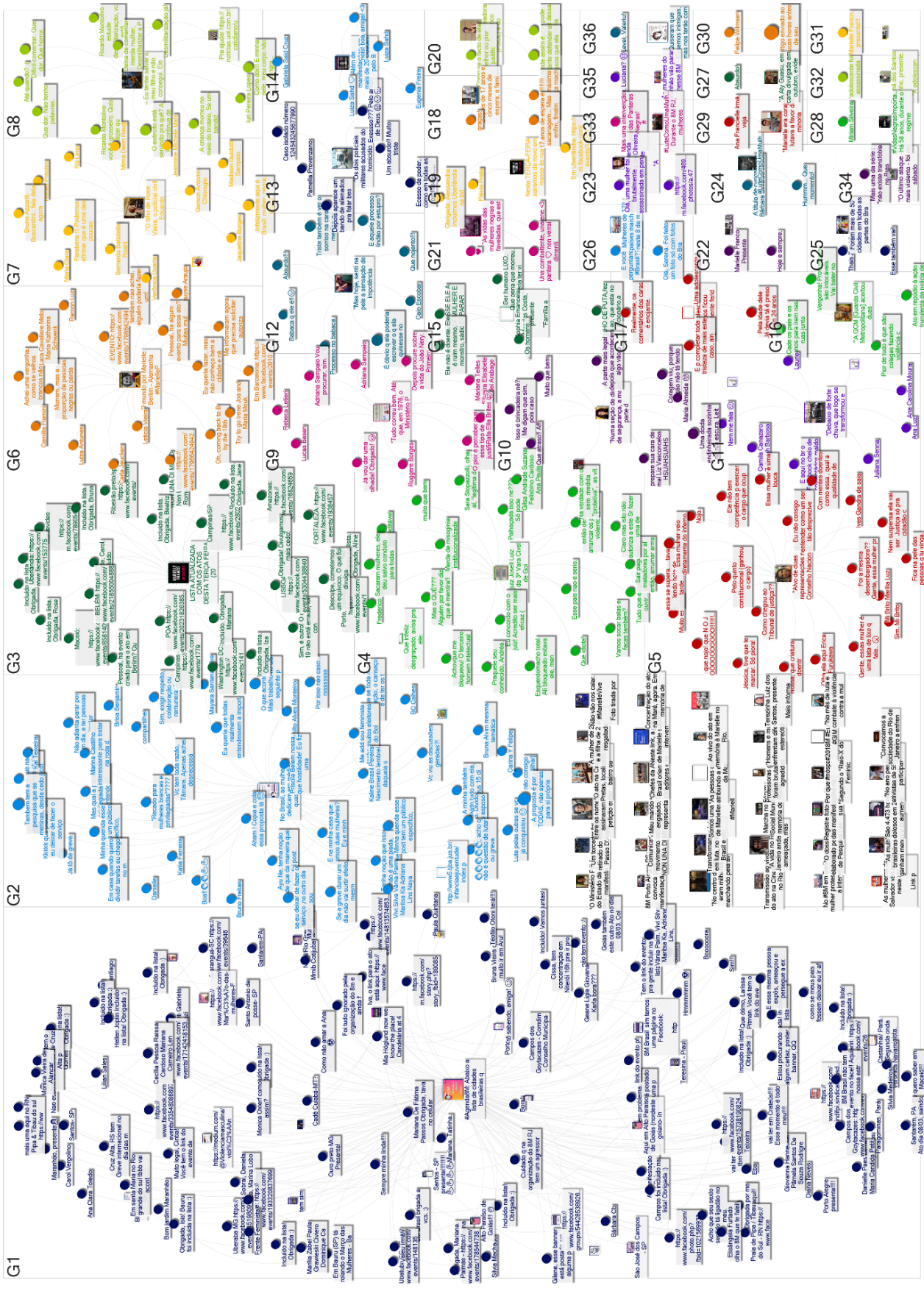
Nesta página 8M Brasil, encontramos uma exceção sobre o tipo de conteúdo da postagem, de acordo com o gráfico 14, percebemos que as publicações que geraram maior engajamento são formadas pelo uso de links e em segundo lugar as fotos, de forma que pode haver uma combinação entre os dois. Significa que nas publicações que trazem outros compartilhamentos ou links para notícias, temos mais interações e que, principalmente, as publicações que resultaram com essa diferença nos valores de engajamento também envolvem a divulgação de eventos com data e local das mobilizações em cada local do país.

Pelo grafo gerado na modularidade da rede (gráfico 15) observamos 32 subdivisões de grupos referentes diretamente às publicações realizada pela página estudada. O grupo que está em azul (G1) representa a postagem que possui o maior engajamento na estrutura da rede, que, apesar de não referir a mais da metade dos valores do engajamento total, que tem no seu conteúdo sobre eventos de manifestações nas ruas pelo Brasil, com o texto descrito abaixo e uma lista de links para os eventos organizados pela própria plataforma Facebook.

> #Agenda8M: Abaixo a lista de cidades brasileiras que terão atos no 8 de março
> Marque nos comentários a sua melhor amiga, a colega do trabalho, a vizinha, a sua irmã, a sua filha, a sua mãe e vamos TODAS JUNTAS lotar as ruas nesse 8M. É tempo de rebelião.
> (Se a sua cidade NÃO nesta lista, coloque o evento do Facebook nos comentários que o incluiremos)

Este grafo manifesta o potencial de uma postagem frente às outras, ocupa um terço da importância entre as postagens. A segunda postagem em azul claro (G2) é referente a publicação com o maior número das interações. A partir dessa percepção, foi possível compreender que a grupabilidade da rede por significar a influência das postagens na estrutura, demonstra que o número maior de engajamento tem um valor significativo na rede, mas que outra publicação gerou laços por conexões mais densas entre as seguidoras.

Gráfico 15 – Grafo de Modularidade da Rede – 8M Brasil



5.1.3 Análise de Redes Sociais – o assassinato de Marielle Franco

Por meio do processo de pesquisa e análise dos dados disponíveis na plataforma Facebook, encontramos como resultado de engajamentos nas postagens realizadas nas datas selecionas na Página do Coletivo Feminista Não Me Kahlo o total de sete posts, 18.990 de engajamento que incluem os números de 5.039 curtidas, 9.607 reações, 424 comentários e 3.920 compartilhamentos. Na página Feminismo Sem Demagogia - Original também houveram sete postagens entre estes dois dias, porém o número de engajamento é 5.560, que inclui 1.944 curtidas nas publicações, 2.881 reações, 51 comentários e 684 compartilhamentos. No entanto, quando realizamos a mesma busca na página do Feminismo Radical Didático não houve retorno de nenhuma postagem neste dia. Assim, resolvemos ampliar em mais dias para buscar por publicações ligadas ao acontecimento do assassinato de Marielle Franco e, igualmente, a busca não resultou em publicações que envolvessem o tema. Na página 8M Brasil, é possível estabelecer uma diferença entre as demais por ter um número maior de publicações (grande parte delas com o tema da morte de Marielle Franco) em comparação às páginas que têm maior engajamento. Desse modo, no total, foram 30 postagens, com 3.797 curtidas, 5.693 reações, 107 comentários e um número maior de compartilhamentos de 2.405, se comparado às outras páginas e ao tamanho de sua rede,

Gráfico 16 – Dados obtidos pela mineração das informações

Fonte: elaborado pela autora por meio dos dados coletados das páginas nos dias 14 e 15 de março de 2018

Durante o percurso de aplicação da abordagem da análise de redes sociais, percebemos a necessidade de adaptar a métrica até então estabelecida como metodologia. O mapeamento anteriormente selecionado tinha como proposta conhecer a densidade da rede pelas conexões dos nós e a medida de interconexão (fechamento), que abrange a redundância dos nós. No entanto, para que fosse possível compreendermos o funcionamento das postagens como ferramentas de comunicação e percebendo cada *Fanpage* como redes diferentes, foi necessária uma mudança das escolhas de métricas. Desta forma, passou-se a utilizar duas medidas relativas aos nós. De acordo com Recuero (2017), portanto, medimos, de um lado, as conexões deste nó e sua posição na rede e, de outro, a medida de rede em que se mede pelo todo. Elencamos as medidas de nó para compreendermos os laços sociais presentes nas páginas dos movimentos feministas e a métrica de rede para demonstrar a estrutura social formada na rede.

Assim, utilizamos as medidas da centralidade do nó, de acordo com Recuero (2014; 2017) e a medida de grau de nó que representam o número de conexões que ele possui. Dessa forma, utilizamos a métrica de grau de saída (*outgree*) e também a centralidade *eingenvector*, que trata da influência do nó na rede, responsável por examinar e quantificar a estrutura e conexões da rede por meio da avaliação dos nós. Essa métrica leva em consideração as conexões de um determinado nó e como conexões de outros nós próximos a ele se conectam, compreendendo a relevância do nó. Como medida de rede, utilizamos a métrica de modularidade que representa o agrupamento desses nós. Há uma divisão no grafo em grupos, que leva em conta suas conexões. Com isso, é possível perceber grupos ou nós que possuem conexões maiores que o restante da rede.

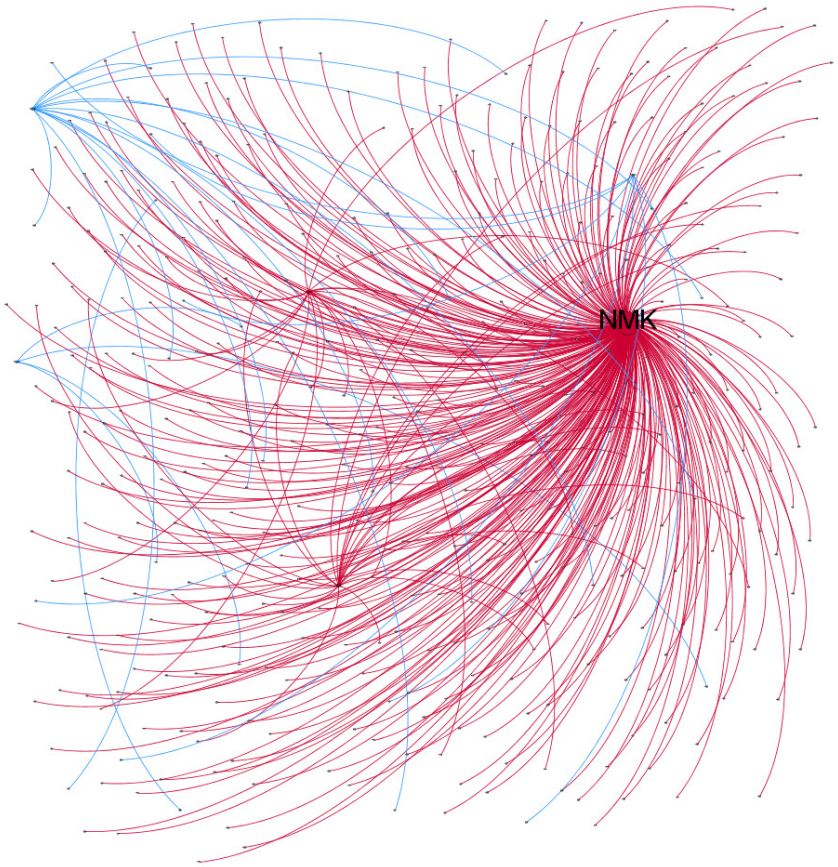
Para compreender o grau de modularidade da rede escolhemos o algoritmo Fruchterman-Reingold. Por utilizar o conceito de temperatura global, sua tendência é colocar os nós que têm menos conexões na periferia do grafo e centraliza os *clusters*. Para a medida de centralidade do nó utilizamos o Fosse Atlas 2, por ser um algoritmo que trabalha com parâmetros de escalabilidade, que funciona a organização dos grafos pelo como os nós se afastando e as conexões atraindo-se.

O Facebook apresentou novas mudanças na sua política de privacidade, o que acarretou em uma reestruturação da maneira que o aplicativo utilizado buscava e gerava os dados, fazendo com que as tabelas necessitassem de adaptações para reorganizar as informações dos nós e conexões em uma tabela no Excel antes de serem importadas no Gephi.

5.1.3.1 Não Me Kahlo

Na página do Coletivo Não Me Kahlo, que possui maior número de curtidas da página (1.236.051), apresentada como parte da vertente interseccional do feminismo, a mineração dos dados resulta nos gráficos abaixo. Nesta imagem as postagens em referência ao assassinato estão marcadas em vermelho enquanto outras temáticas estão em azul.

Gráfico 17 – Grau de saída do nó – Não Me Kahlo (14 e 15 de março)

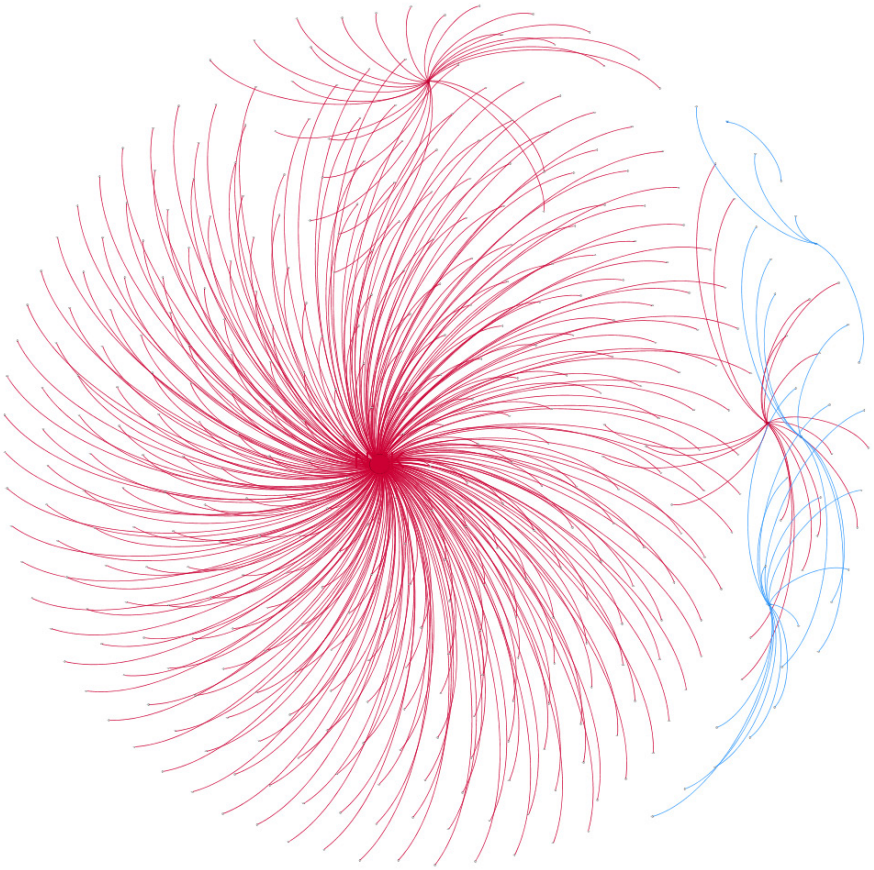


Fonte: gráfico elaborado pela autora com o aplicativo Gephi

A construção do gráfico 17 foi realizada por meio de três escolhas na construção do grafo ao utilizar os dados minerados. A primeira questão foi utilizar a métrica de grau de saída do nó que é relativa ao número de conexões que cada postagem (nó) e foi possível perceber queas conexões realizadas pelas postagens que envolviam a temática eram mais representativas, significa que essas construções em torno da publicação buscam construir outros caminhos nas

redes e interações (laços) mais densos). Ainda, o tamanho de cada nó também é relacionado ao seu grau de saída, destacando assim uma publicação. E, o algoritmo utilizado para dar estrutura a rede é o Force Atlas 2, que afastam os nós e os atrai por suas conexões.

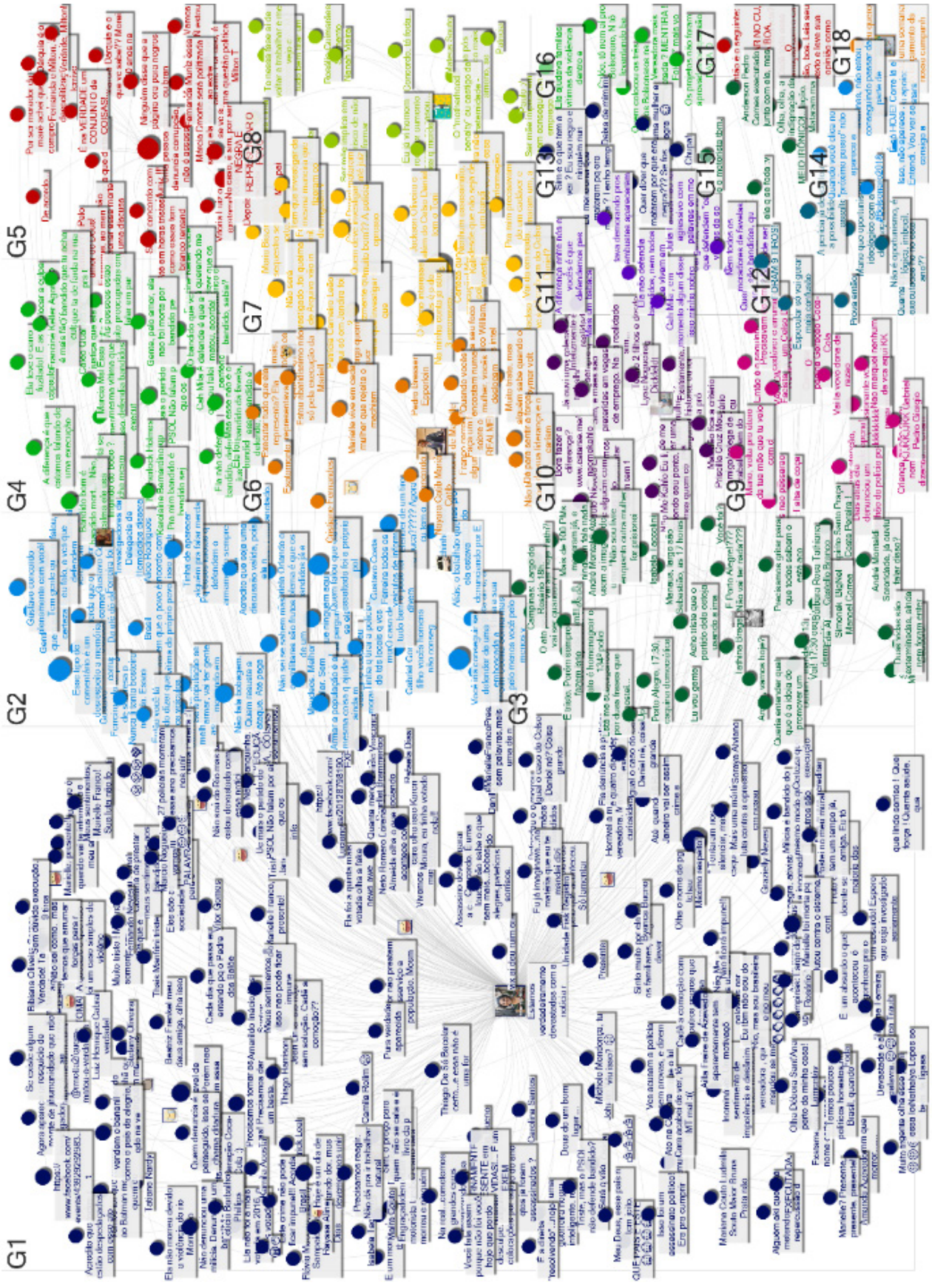
Gráfico 18 – Grau de centralidade *(eingevector)* da página Não Me Kahlo (14 e 15 de março)



Fonte: gráfico elaborado pela autora com o aplicativo Gephi

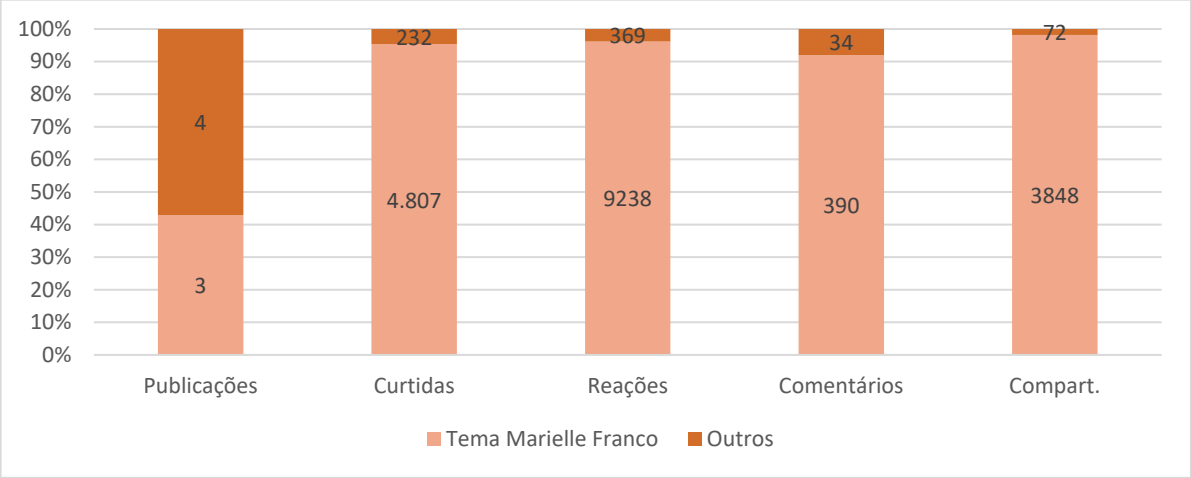
No gráfico 18, utilizamos a medida de centralidade que demonstra a partir da qualidade das conexões, trazendo a relevância da postagem na estrutura da rede. Que combinado com o algoritmo Fruchterman-Reingold que centraliza no grafo pela relevância das publicações também. Assim, podemos perceber que mesmo sendo a maioria das postagens representativas sobre o assassinato de Marielle Franco, apenas uma postagem sobre o tema, está centralizada no gráfico, enquanto as publicações periféricas têm menor conectividade e alcance na rede

Gráfico 19- Modularidade da Rede – Não Me Kahlo (14 e 15 de março)



Para análise, partimos dos dados obtidos pela mineração do total de sete postagens da página Não me Kahlo entre os dois dias, um engajamento total de 18.990 que significa 5.039 curtidas, 9.607 reações, 424 comentários e 3.920 compartilhamentos. No entanto, apenas três postagens envolviam o assunto do assassinato de Marielle Franco. Dessa forma, o total do engajamento sobre o assunto é de 1376, revelando que 70,96% da interação realizada entre a página e os usuários deu-se em torno desse assunto, mesmo ele aparecendo em menos da metade do número de postagens, como pode ser percebido na tabela abaixo.

Gráfico 20 – Número de publicações e interações em relação ao assunto – Não Me Kahlo (14 e 15 de março)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora pelo número de publicações e interações da página Não Me Kahlo, no período de 14 e 15/03, sobre Marielle Franco em relação a outros assuntos

Revela-se por meio dos grafos e dos números obtidos a relevância do assunto para a rede e como ele gerou maior envolvimento entre as postagens em torno da mobilização feminista. As três publicações mais curtidas apresentaram um link e outras duas utilizam uma foto no corpo do *post*. A postagem[37] com maior engajamento demonstra que a estrutura da rede foi utilizada partindo de duas proposições: ao utilizar foto e texto, buscando demonstrar um posicionamento forte em relação ao fato, ao mesmo tempo em que utiliza do link para mobilizar para a participação nas ruas. A publicação possui coesão entre as palavras acerca do acontecimento, classificando-o como assassinato e usando as características de gênero feminino para reforçar uma identidade entre mulheres. Há também uma busca pela construção de

[37] https://www.facebook.com/MarielleFrancoPSOL/posts/544774959241434 Acesso em maio de 2018.

integração no posicionamento referente ao assassinato, “em luto”, que envolve sentimentos de identificação entre as mulheres dentro do contexto da rede.

Desta forma, o coletivo Feminista Não Me Kahlo obteve como destaque a postagem do dia 14 de março, que inclui texto, links para atos e uma foto. A publicação teve como resultado de engajamento o número de 10.287, sendo que foram 3.063 curtidas, 336 comentários, 6.873 reações (24 amei, 11 uau, 7 haha, 3.531 triste e 237 grr) e 3.478 compartilhamentos.

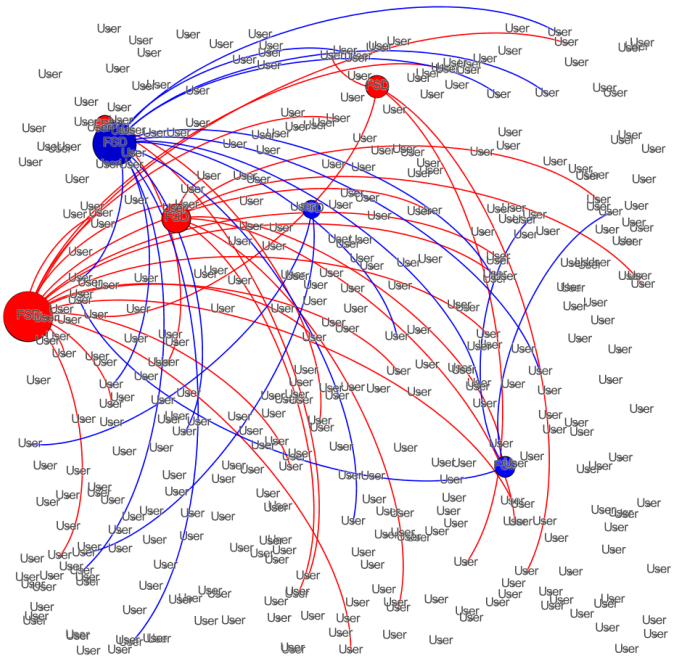
Figura 10 – Tela da publicação – Não Me Kahlo (14 de março)

Fonte: Publicações capturadas em 24 de maio de 2018 da página Não Me Kahlo

5.1.3.2 Feminismo Sem Demagogia - Original

A página com viés marxista Feminismo Sem Demagogia - Original (1.082.964 curtidas) teve sete postagens entre estes dois dias, porém, os números de engajamento não são de tanto alcance em comparação com o Não Me Kahlo. Porém, demonstra novamente que as interações se deram com maior participação nas publicações que envolviam a temática do assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, como mostram os gráficos abaixo.

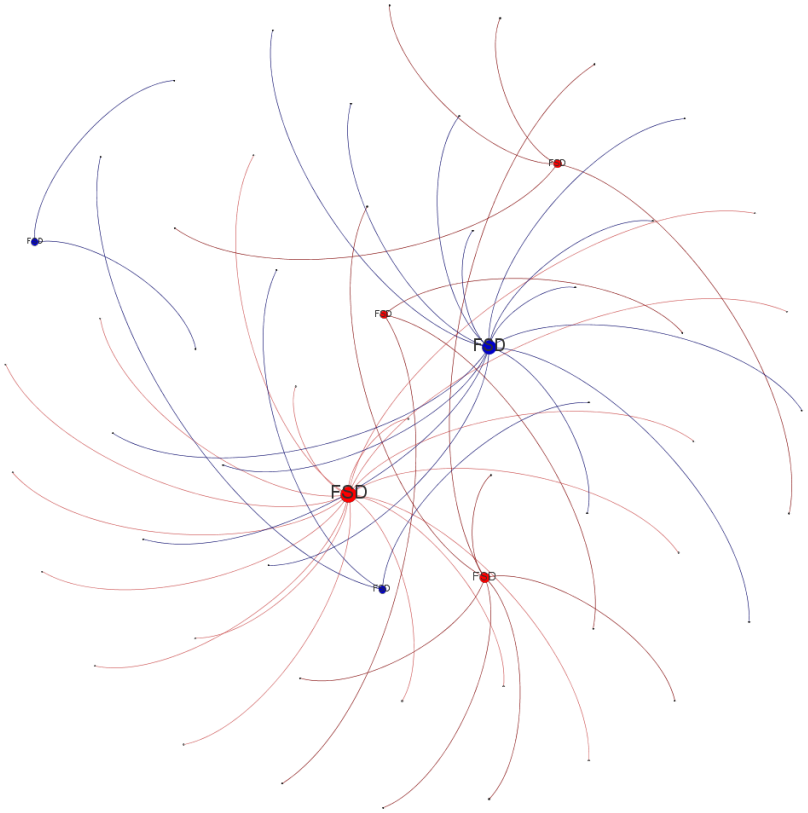
Gráfico 21 - Grau de Saída (outdegree) Feminismo Sem Demagogia (14 e 15 de março)



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir do programa Gephi

A construção do gráfico 21 foi feita com a utilização da métrica do grau de saída que é demonstra as conexões geradas a partir das postagens em direção aos usuários. E, o algoritmo utilizado para dar estrutura a rede é o Force Atlas 2, que afastam os nós e os atrai por suas conexões. Dessa forma, foi possível perceber que temos uma rede com menos densidade entre as postagens (diferente da página anterior) e que as interações fizeram com que não tivéssemos apenas uma postagem em destaque, mas que mesmo assim, as que utilizam do contexto sobre o assassinato se sobressaem na rede.

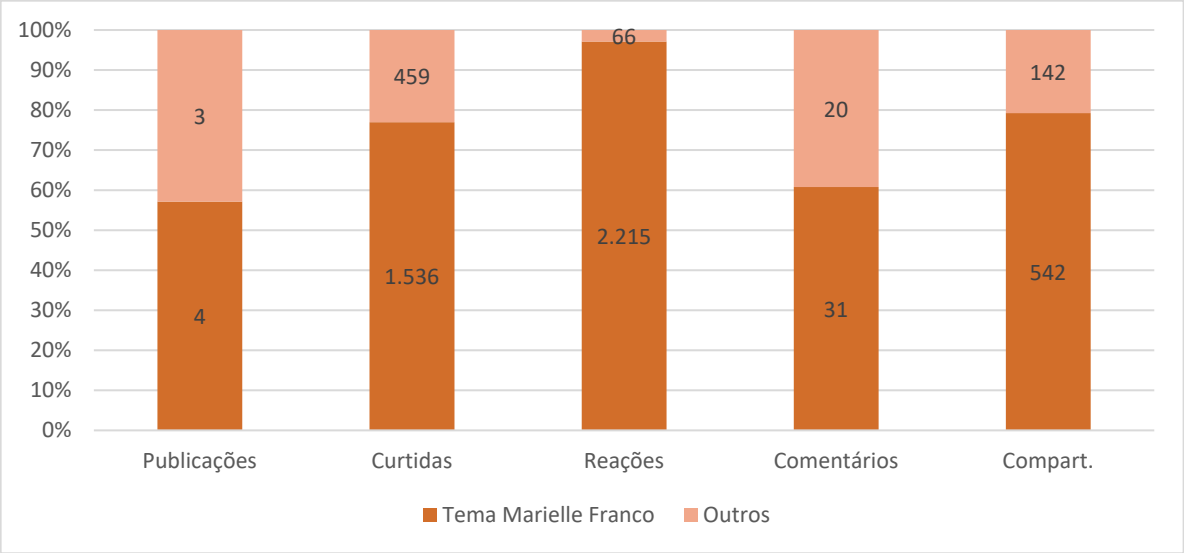
Gráfico 22- Grau de centralidade (eingevector) da página Feminismo Sem Demagoria - Original (14 e 15 de março)



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir do programa Gephi

Por meio do gráfico 22, percebemos a centralidade pelo grau de influência da publicação na estrutura da rede, pois foi utilizada a medida de centralidade que traz a relevância da postagem na estrutura da rede e o algoritmo Fruchterman-Reingold que utiliza a tempera do nó (quando mais próximos, mais relevâncias). Nesse contexto, as publicações permaneceram centralizadas, não havendo um destaque único e que ainda há uma divisão entre as postagens que geraram diferentes resultados de número de engajamento, mas tem uma relevância muito próxima na rede. Não há publicações na periferia deste grafo, significa que os laços se tornaram mais fortes dentro desta página, pois há uma ideologia que interliga os seguidores pela escolha da vertente do feminismo marxista. Há maior densidade das interações.

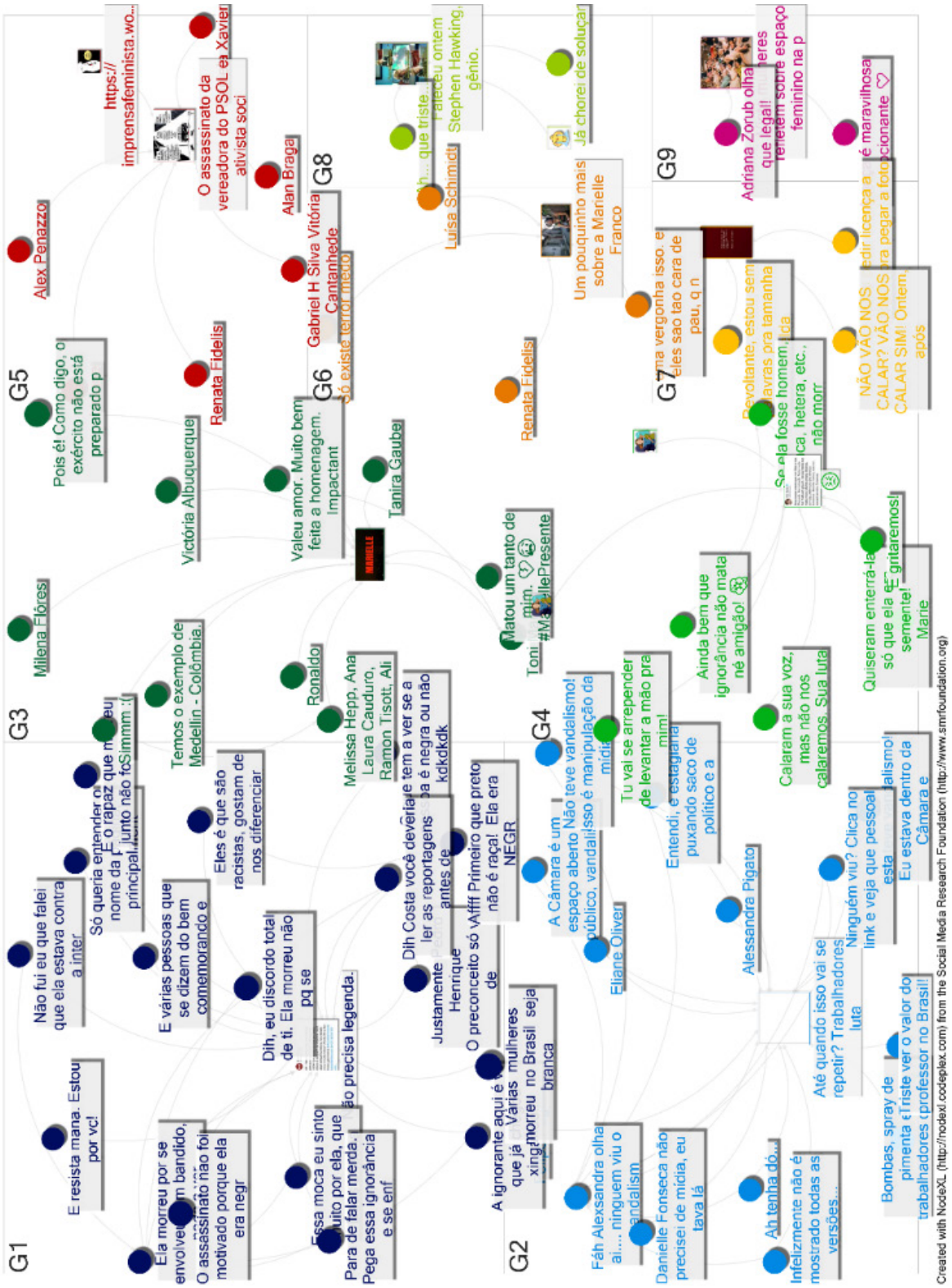
Gráfico 23 –Número de publicações e interações em relação ao tema Marielle Franci – Feminismo Sem Demagogia Original (14 e 15 de março)



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir dos dados capturados na página Feminismo Sem Demagogia - Original

O gráfico 23 mostra que mesmo as postagens utilizando o tema sobre Marielle serem apenas um pouco mais que a metade, ainda gerou um número superior de engajamento, principalmente, com um alto valor de diferença se comparado com as outras temáticas. Assim, a visibilidade construída na rede social pela página Feminismo Sem Demagogia se deu por meio por envolver assuntos e notícias que abordam o que está ocorrendo no momento atual, mas ainda sob a ótica feminista, já que faz demarcações ao longo de suas postagens sobre compreender como o fato ocorreu também por questões que envolviam gênero, raça e classe.

Gráfico 24 – Grafo de Modularidade da Rede Feminismo Sem Demagogia - Original



A modularidade da rede construída por meio do Node Xl Pro demonstrou que apesar de termos sete publicações, temos nove formas de grupo e entre todos os grupos temos a presença de comentários sobre a temática da vereadora. Assim, mesmo que existam laços e interações mais centrais, de acordo com os gráficos 21 e 22, ainda há uma separação entre como os usuários interagem com a página e entre sim. O grupo em azul escuro (G1) ocupa maior parte da estrutura, apesar de não ser a publicação com maior engajamento, reafirma-se que esta representação demonstrou laços construídos também entre os seguidores envolvendo o mesmo tema, a partir de curtidas em comentários ou respostas aos comentários. O mesmo também ocorre com o grupo em azul claro (G2).

Figura 11 – Tela da publicação do dia 15 de março – Feminismo sem Demagogia-Original

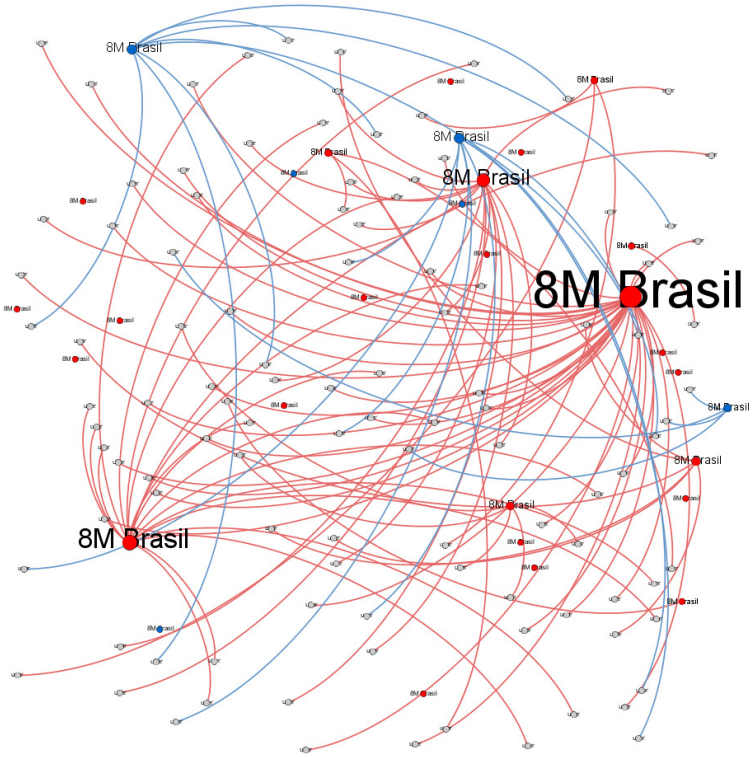
Fonte: Publicações capturadas em 25 de maio de 2018 da página Feminismo Sem Demagogia-Original

A publicação[38] (figura 11) com maior engajamento é formada apenas por uma imagem com texto dentro. A página, viés marxista, teve como destaque uma postagem com um número de total de interações de 1.230, que inclui as 611 curtidas, as 921 reações (5 amei, 304 triste, 1 grr), com 306 compartilhamentos e apenas 3 comentários. Outra publicação com menor engajamento total apresentou mais comentários, destacaremos esta na análise das estratégias discursivas da página.

5.1.3.3 8M Brasil

Na página selecionada 8M Brasil (27.339 curtidas), durante os dois dias selecionados para análise, encontramos um número maior de postagens (30). Torna-se possível estabelecer uma diferença em relação às demais por ter um número maior de publicações em comparação às páginas que tem maior número de curtidas. Que por meio dos gráficos de obtidos pela ARS conseguimos perceber que a publicação com o número maior de engajamento não está interligada com a publicação de maior número de comentários.

Gráfico 25- Grau de saída do nó – 8M Brasil (14 e 15 de março)

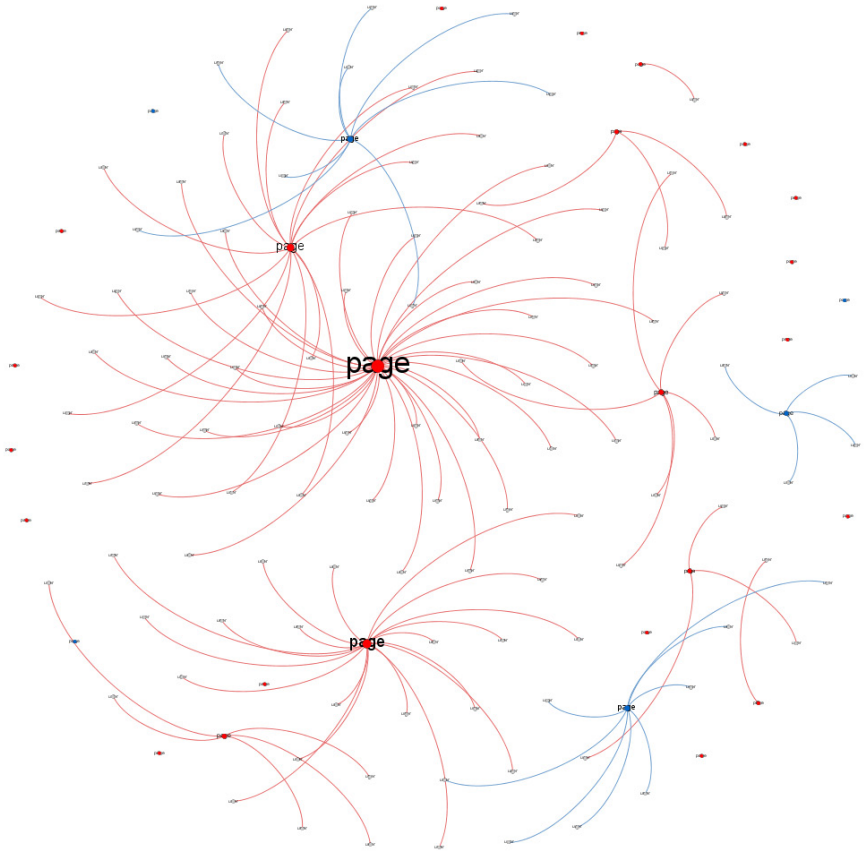


Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir do programa Gephi

[38] https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/posts/1635399796552003. Acesso em junho de 2018

Para a construção do gráfico 25 sobre o grau de saída do nó, selecionamos como nó as publicações foram feitas a partir dos dados coletados sobre os dois dias na página 8M Brasil. A métrica de grau de saída trata dos números relativos das conexões estabelecidas pelas postagens e como estas se dão na estrutura da rede). Ainda, o tamanho de cada nó também é relacionado ao seu grau de saída, destacando assim uma publicação. E também usamos o algoritmo o Force Atlas 2, que afastam os nós e os atrai por suas conexões. Percebe-se, assim, que as publicações. Assim como a cor azul são publicações com temáticas diversas, enquanto os nós em vermelho têm assunto em relação direta ao assassinato. Percebemos que os laços se distribuem na estrutura a rede, as interações são as conexões que traçam caminhos entre os nós, no qual temos uma força de atração não tão densa enquanto outros gráficos e nem a centralização das publicações. O centro da estrutura está demarcado pela presença dos seguidores como fonte de relevância.

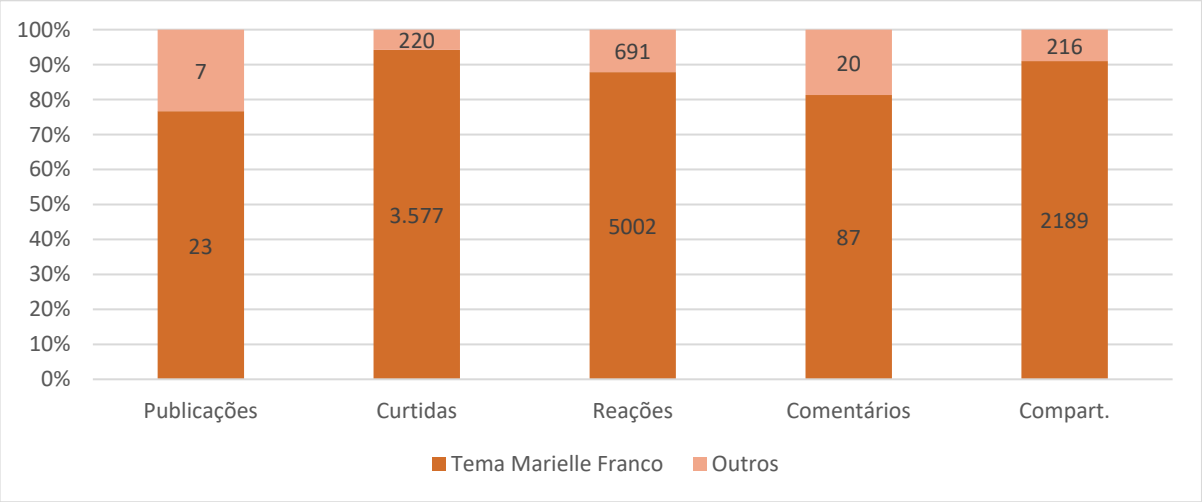
Gráfico 26 - Grafo da centralidade do nó – 8M Brasil (14 e 15 de março)



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir do programa Gephi

O gráfico 26 foi realizado utilizando o software Gephi e os dados coletados sobre a página nos dois dias selecionados. Ao escolhermos a combinação entre a medida de centralidade e o algoritmo Fruchterman-Reingold, temos um grafo que demonstra a relevância das postagens (não necessariamente de forma direta pelo número de engajamento) e a qualidade dessas conexões. Os nós centralizados (em vermelho) significam que as publicações que abordam o assassinado da vereadora possuem mais relevância na rede e que há nós sem interações que são os laços não criados pelas publicações com os seus usuários, apesar dos seguidores acompanharem a rede, não houve uma interação mais densa.

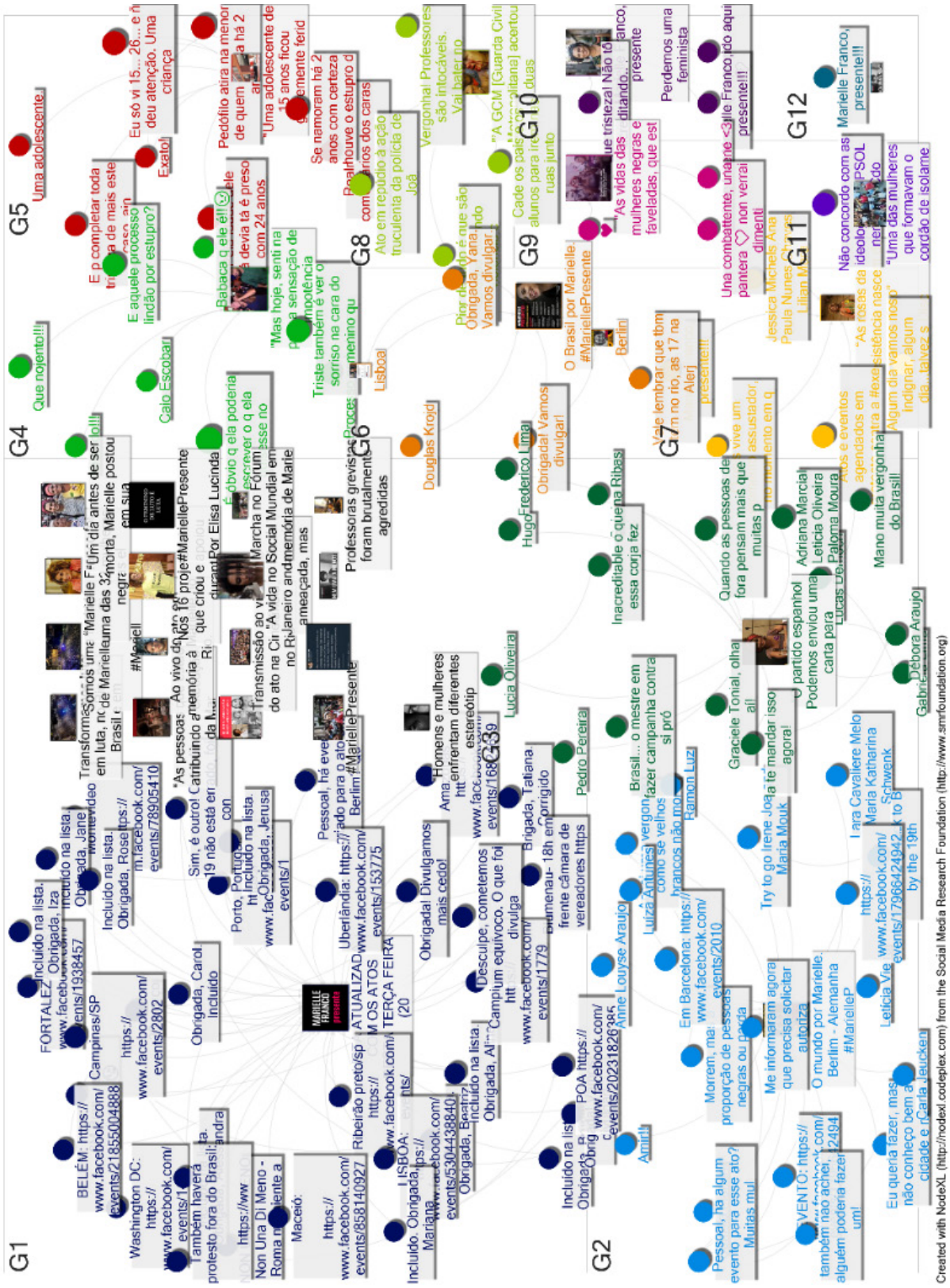
Gráfico 27 – Número de publicações e interações em relação ao tema Marielle Franco – 8M Brasil
(14 e 15 de março)



Fonte: gráfico elaborado pela autora a partir de participações e interações na página do Movimento 8 M Brasil

Por meio do mapeamento dos dados e a percepção em torno das publicações e os números de interações seguindo temas, obtivemos os dados do gráfico 26. Este demonstra que a maior parte das publicações utilizou o tema do assassinato. Observa-se que das 30 publicações, um total de 23 seguiam a temática, enquanto outras 7 postagens trataram de outros assuntos. No entanto, há uma proporção direta do número de postagens e interações. Relacionando-se, dessa maneira, a importância das páginas envolverem as questões de conflitos e notícias, ainda na data ou próximo do acontecimento como forma de gerar mais interações. Demonstra que existe uma resposta por parte das seguidoras em perceber a relevância do fato ocorrido e buscar caminhos de mobilização em ações coletivas.

Gráfico 28 – Grafo de Modularidade da Rede – 8M Brasil (14 e 15 de março)



No gráfico 28, temos a modularidade da rede que utilizou o Node Xl Pro e a percepção das grupabilidades entre as publicações. Resultou que apesar de termos 30 publicações nesse período, estas convergiram para 12 grupos. Significa que os laços entre as postagens e os usuários foram além da participação e interação com uma postagem, há relação contínua com a página. E temos o grupo em azul escuro (G1) representa uma publicação que ocupa mais da metade da estrutura da rede por meio dos comentários e respostas dos comentários, fortalecendo as conexões entre os usuários e entre os usuários e a página. Esta publicação[39] apresenta uma lista com atos que pediam por justiça ao assassinato de Marielle Franco e nos comentários há relações de interação anunciando outros atos com o mesmo propósito de mobilização nas ruas.

Assim, temos como destaque uma postagem[40] de 15 de março, com uma imagem de uma publicação da cantora Elza Soares no Twitter sobre o assassinato de Marielle Franco. Com o engajamento de 1.441, que inclui 491 curtidas, 750 reações (28 amei, 227 triste e 4 grr), 691 compartilhamentos e, no entanto, nenhum comentário. A publicação de Elza Soares tem o texto "Das poucas vezes que me falta a voz. Chocada. Horrorizada. Toda morte me mata um pouco. Dessa forma me mata mais. Mulher, negra, lésbica, ativista, defensora dos direitos humanos. Marielle Franco, sua voz ecoará em nós. Gritemos"

Figura 12 - Tela da publicação do dia 15 de março – 8M Brasil

Fonte: Publicações capturadas em 26 de maio de 2018 da página 8M Brasil

[39] Disponível em: https://www.facebook.com/GrevedeMulheres/posts/1817072861700405:0
[40] Disponível em: https://www.facebook.com/GrevedeMulheres/posts/1817175698356788

5.1.3.4 Feminismo Radical Didático

Ao realizarmos a busca pelos dados das publicações nos dias 14 e 15 de março, não obtivemos nenhuma publicação referente ao assassinato de Marielle. Encontramos no silenciamento da página Feminismo Radical Didático marcas de um posicionamento claro em relação à morte de Marielle. Possivelmente por estar vinculado uma vertente que não compreende a diversidade relativa ao gênero, observa-se uma exclusão de posicionamento em relação ao feminismo e os grupos LGBTQ+. A política do silêncio será aprofundada nos usos das estratégias discursivas.

5.2 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO FACEBOOK DAS PÁGINAS FEMINISTAS

O *corpus* de análise desta etapa foi construído em dois momentos. Primeiramente, foram coletados os dados dos dias 14 e 15 de março referentes ao assassinato de Marielle Franco. Num segundo momento, fizemos a mineração dos dados do mês de março de 2018, para aprofundar a compreensão sobre as estratégias presentes que não estivessem interligadas ao acontecimento, na busca por maior representatividade de informações.

5.2.1.1 Não Me Kahlo

O coletivo Feminista obteve como destaque, em relação ao recorte de tempo sobre o assunto do assassinato de Marielle Franco, a publicação realizada no dia 14 de março, que inclui texto, links para atos e uma foto. A postagem teve como resultado de engajamento o número de 10.287 como total, sendo 3.063 curtidas, 336 comentários, 6.873 reações (24 amei, 11 uau, 7 haha, 3.531 triste e 237 grr) e 3.478 compartilhamentos. É importante ressaltar que, quando mineramos os dados de todo o mês de março, esta também foi a postagem que obteve maior engajamento. Diante disso, selecionamos também para análise crítica discursiva a postagem com mais comentários. Refere-se à figura 10, mencionada na Análise de Redes Sociais, abaixo reproduzimos o texto presente na publicação.

> Estamos verdadeiramente devastadas com a notícia recente do assassinato da vereadora Marielle Franco.
>
> Marielle foi a vereadora mais votada no Rio nas eleições de 2016. Vinha fazendo um trabalho incrível na Câmara e sem dúvidas tinha um futuro ainda mais brilhante pela frente.
>
> "Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?", escreveu um dia antes de sua morte. Ela denunciava o genocídio da população negra nas favelas do

> Rio de Janeiro pela Polícia Militar e acusava o agravamento do problema com a intervenção militar.
>
> Agora, nos resta o luto. Mas uma mulher negra assassinada no Rio é uma convocação à mobilização das mulheres.
>
> Marielle Franco, presente!

Pelos vestígios de uma publicação que foi distribuída de maneira coletiva, da página para os usuários e pelo alcance de um alto número de compartilhamentos se comparado com outros compartilhamentos ao longo do mês de março. Possui uma distribuição complexa, se levarmos em conta o funcionamento de estrutura do site de rede social Facebook, que disponibiliza um meio em que é possível a comunicação de um emissor para um grande número de receptores, com a diferença das opções interacionais que proporcionam um engajamento dos indivíduos. É uma prática discursiva relativamente inovadora, o que é demonstrado na interdiscursividade.

Temos um evento discursivo heterogêneo, que fica evidente na superfície do texto pela intertextualidade manifesta com o uso da frase da própria vereadora, demarcada por aspas e contextualizada sobre quando foi realizada a fala citada. De acordo com Fairclough (2001), a explicação do contexto desta citação direta de fala impõe uma interpretação do discurso. Temos, assim, uma representação do discurso em que há a escolha de fazer o relato demarcado no texto para trazer para a página a legitimidade e a autoridade de falar pelas mulheres, assim como Marielle Franco.

> Na intertextualidade manifesta outros textos estão explicitamente presentes no texto sob análise: eles estão 'manifestamente' marcados ou sugeridos por traços na superfície do texto, como as aspas. Observe, entretanto, que um texto pode 'incorporar' outro texto sem que o ultimo esteja explicitamente sugerido: pode-se responder a outro texto na forma como se expressa o próprio texto. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 136)

Dessa forma, temos a intertextualidade explícita no texto com a representação de outro discurso, mas também por meio da interdiscursividade (intertextualidade constitutiva) há uma combinação de elementos na pressuposição pelas autoras do texto, quando afirmam “estamos devastadas” e “nos resta o luto”, há o entendimento de um pré-discurso, no qual os participantes (leitores) da postagem e da página concordam com o posicionamento desta.

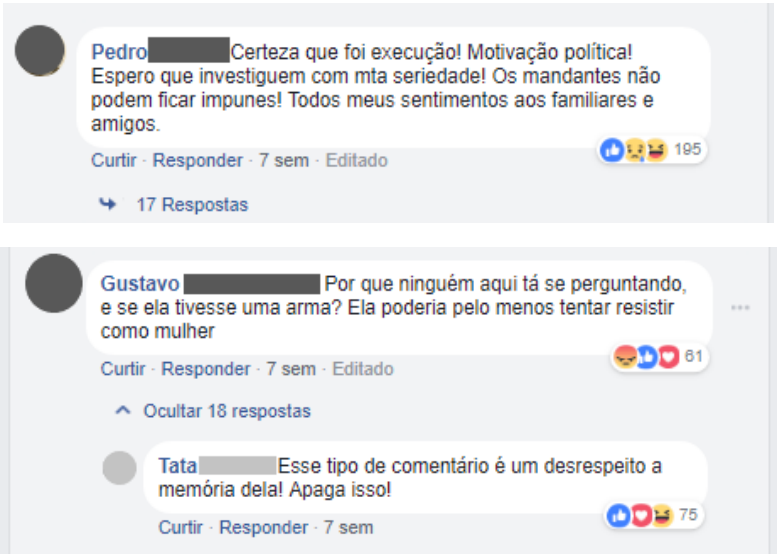
Na análise textual dessa postagem, as apropriações de vocabulário, como as escolhas das palavras *devastadas* e *futuro ainda mais brilhante*, demonstram escolhas modificadoras de sentido em relação à sua formação discursiva. Ao utilizar *devastadas*, temos a escolha pelo gênero feminino e plural, na fala de voz ativa, demonstrando posicionamento quanto ao acontecimento do assassinato. Na continuação, o texto traz uma convocação à mobilização das

mulheres, buscando construir uma identificação criando um *ethos* das mulheres, em uma interseccionalidade. O uso de *o futuro ainda mais brilhante* traz ainda uma formação de texto que busca caracterizar de uma forma positiva o trabalho da vereadora em sua cidade.

Há a repetição do nome de Marielle ou o uso da substituição do termo por vereadora, dessa forma, temos uma estrutura de coesão. Também há coesão entre as palavras acerca do acontecimento, classificando-o como assassinato e usando as características de gênero feminino para reforçar uma identidade entre mulheres. Pelo modo de argumentação, o discurso segue uma primeira apresentação do posicionamento sobre o fato e depois recorre a uma contextualização para, na sequência, demarcar a convocação ao movimento, uma coerência que é modificadora de um modo de racionalizar o texto.

Podemos compreender uma forma de controle interacional quando há um policiamento nas interações e comentários feitos pelos usuários na postagem. Pelo fato de que alguns comentários recebidos por esta publicação demonstram os posicionamentos relatados na prática social, selecionamos os com maior número de engajamento.

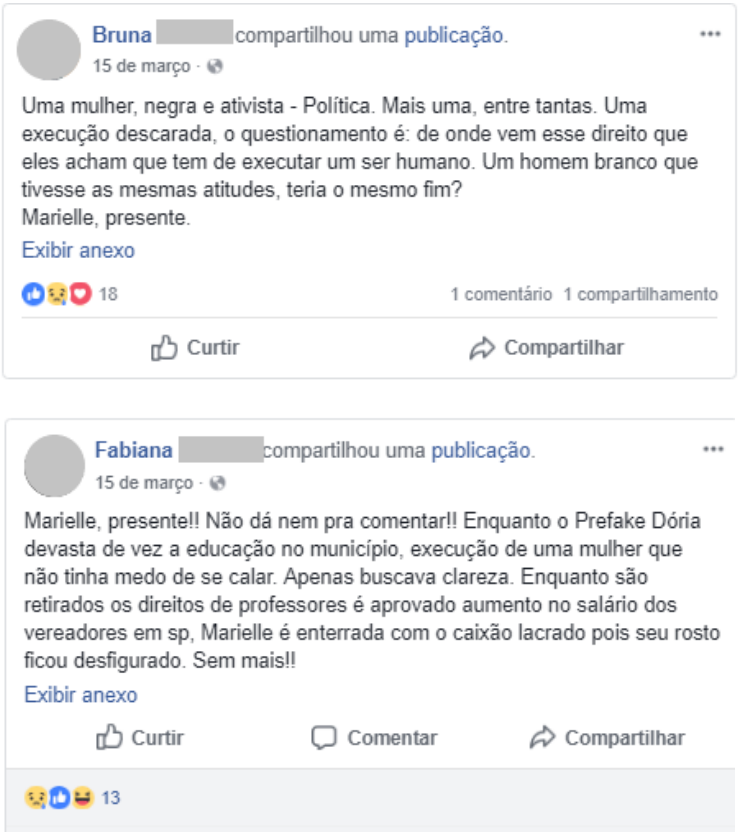
Figura 13 – Tela de comentários da publicação



Fonte: tela capturada em 26 de maio de 2018 no site de rede social Facebook

Da mesma forma, pelo uso do compartilhamento da postagem percebemos que as usuárias reafirmam o posicionamento de acordo com a apresentação na formação discursiva da própria página que seguem e que ainda buscam acrescentar um ponto de autoria próprio relativo ao acontecimento, demarcando posicionamento político.

Figura 14 – Tela de compartilhamentos



Fonte: tela capturada em 26 de maio de 2018 no site de rede social Facebook

Em relação à prática social, entendemos que existe uma busca pela construção de integração entre quem está escrevendo o texto da publicação e os usuários que a visualizaram. Há o objetivo de mostrar posicionamento em relação ao assassinato, "em luto", que envolve sentimentos de identificação entre as mulheres dentro do contexto da rede. Assim, a prática discursiva desse texto se reflete em uma prática pelo ativismo dos interagentes dessa página, quando há uma convocação para a mobilização nas ruas e também a proposição de uma bandeira de luta ao acionar *Marielle Franco, presente!*.

Podemos perceber que existem marcações e vestígios que se utilizam de escolhas de recursos de linguagem para reafirmar uma legitimação, que, segundo Thompson (2011), pode defender ou justificar relações sociais e a universalização que tenta cristalizar como universais os interesses dos interagentes, por meio da racionalização que produz por meio de uma cadeia de raciocínios. Há uma **unificação** com a demarcação de um inimigo, o que também caracteriza os movimentos sociais, fortalece o ativismo com a convocatória de ir à luta, traços que tornam uma mobilização por autonomia à uma coletividade.

Obtivemos segunda publicação selecionada por possuir mais comentários e gerar uma estrutura de rede, assim utilizamos a postagem a seguir.

Figura 15 –Tela da publicação – Não Me Kahlo

Fonte: tela capturada em 26 de maio de 2018 no site de rede social Facebook

> A startup é uma plataforma que conecta mulheres viajante a moradoras locais por meio de hospedagens para mulheres a preços acessíveis. Na plataforma as mulheres estarão conectadas a uma rede de apoio local com dicas de segurança e de roteiros incomuns que só quem é moradora conhece.
> Muito massa, não? Saiba mais no #blognãomekahlo.

Os tipos de discurso que são acionados nessa amostra possuem um tipo de fala fundamentado na promessa de uma empresa que privilegia as mulheres e sua segurança em viagens. É um tipo de narrativa que se aproxima da forma narrativa jornalística. A sua produção é pensada pela sua distribuição o que desvela o uso da *hashtag* e do *link* para tornar o acesso mais completo sobre informações. A Intertextualidade nesse texto não se dá de forma manifesta, mas de forma constitutiva. Esta é a "configuração de convenções discursivas que entram em sua produção" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 136). A presença de outros textos é percebida pelas escolhas de recursos de linguagem que indicam a temática de que mulheres viajantes, em geral, possuem medo de viajar sozinhas e encontram dificuldades de encontrar locais seguros. Traz o

contexto das mulheres ainda não possuírem total liberdade, pois nem todos os locais são seguros, por conta de inúmeros casos de agressões a viajantes. Podemos perceber a pressuposição de que as leitoras gostariam de acompanhar a questão abordada, já que a página é de um Coletivo Feminista, que, além de bandeiras de lutas, traz notícias que auxiliam no cotidiano, como formas de desconstruir a violência de gênero e proteção e acolhimento entre as mulheres. Busca uma força dos enunciados pelo tipo de fala em forma de **aconselhamento**.

Pela análise textual temos vestígios e marcas que demonstram a coesão com mecanismos de referência, como a repetição das palavras *mulheres*, *moradoras* e *conectadas*, que demarca o gênero feminino em toda a constituição do texto, trazendo considerações sobre quem se espera que faça a leitura e sobre serem mulheres que escrevem o texto. Há ainda uma forma de controle interacional, quando o texto finaliza com *muito massa, não?*, que "estão ligados à garantia de que a interação funcione regularmente num nível organizacional: que os turnos na conversação sejam distribuídos regularmente, que os tópicos sejam escolhidos e mudados, perguntas sejam respondidas" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 178). Significa que as marcas de **conversação (negociação)** buscam uma forma de engajamento, abrindo espaço para participação. Nos comentários dessa publicação, aparecem muitas marcações de outros perfis, aumentando consideravelmente o *outdegree* da postagem, com uma estrutura de trocas em relação às formas de tomada de turno, como no exemplo abaixo.

Figura 16 – Tela de comentários da publicação

Fonte: tela capturada em 26 de maio de 2018 no site de rede social Facebook

A prática social pode ser percebida nesta análise por meio da presença de uma *hashtag* que vai propor um tipo de marcação para publicações que envolvam as temáticas que são publicadas no blog do próprio coletivo, como uma forma de interação além do Facebook e propondo uma maneira de localizar outras publicações que possuem esse caráter de notícia. As mudanças discursivas que são propostas por uma **ruptura** na forma desta postagem se dão por abrir espaço para problematizar convenções já circunscritas sobre as mulheres e as possibilidades de viajar, propondo uma rede de apoio. Demarca-se um posicionamento, assim, pela democratização devido ao fato do evento discursivo pelo uso da expressão informal no final se dar como uma conversação sem formas assimétricas de tratamento.

5.2.1.2 Feminismo Sem Demagogia – Original

A página feminista, de viés marxista, segundo o recorte de tempo selecionado para esta pesquisa, teve sua principal publicação que conta com o engajamento de 1.230, que englobam 611 curtidas, 921 reações (5 amei, 304 triste, 1 grr) e 306 compartilhamentos. O *post* é formado apenas pela publicação de uma imagem com texto, sem outra foto, link ou vídeo e foi realizado no dia 15 de março, um dia após o assassinato. Selecionamos também, com o recorte de tempo do mês de março a postagem de maior engajamento, que teve 7214 reações, que inclui 6048 curtidas, 956 amei, 7 uau, 3 haha, 199 triste e 1 grr; 156 comentários; e 6101 compartilhamentos. É apresentada na figura 11, ainda na ARS, e tem o seguinte texto:

> Quantos mais vão precisar
> morrer para essa Guerra
> acabar? Marielle Franco

A prática discursiva e análise textual construída em conjunto nessa publicação, devido a forma dada a este evento discursivo, é marcada pela sua heterogeneidade, a partir da citação da frase de Marielle Franco. Da mesma forma que no caso do coletivo feminista Não Me Kahlo, o uso da intertextualidade se manifesta com a representação do discurso. Há uma diferença, pois a publicação resume-se a esta frase para dar **visibilidade** ao fato ocorrido. Com o uso das palavras da vereadora assassinada, há uma não interferência direta da página sobre a publicação. Nesta publicação não existe texto acompanhando a imagem da frase de Marielle Franco, o que demonstra a opção por não criar outras formações de sentido, com escolhas de palavras que poderiam modificar ou diminuir o impacto da frase, em busca também de uma **legitimação**. Da mesma forma, percebemos pela análise textual uma repetição das palavras de Marielle como um mecanismo de referência, que recai sobre a pressuposição dos usuários que estão em interação com a página sobre o fato ocorrido, além de como ele deve ser compreendido como uma bandeira de luta da página.

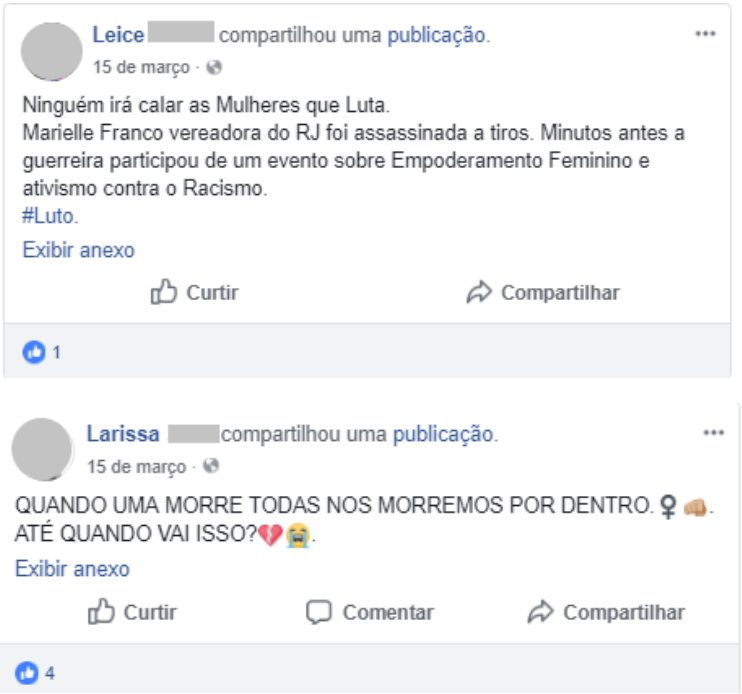
E a visibilidade, segundo Thompson (2008), é livre das propriedades espaciais e temporais e com as novas formas de mediações

> O campo da visão é ampliado espacialmente e pode também ser alargado temporalmente: uma pessoa pode testemunhar «ao vivo» eventos que acontecem em lugares distantes, isto é, no momento em que ocorrem; uma pessoa pode ainda testemunhar eventos distantes ocorridos no passado e que, graças à capacidade de preservação do meio, podem ser re-apresentados no presente. (THOMPSOM, 2008, p. 20-21)

Assim, os espaços e formas de buscar visibilidade por parte das páginas feministas no Facebook, utilizam novos caminhos que buscam interações e ampliar o alcance se suas publicações. Exerce assim uma forma ativa na rede enquanto ator social na proposta de buscar orientar a atenção dos usuários do site de rede social para suas publicações

Na prática social desta postagem junto ao contexto, pelo fato de que a página faz parte de uma vertente feminista que liga as relações de poder de gênero à opressão de classe, mesmo sem explicitar esta temática na materialidade do texto apresentados, encontramos entre as principais interações nos compartilhamentos da postagem escolhas de palavras que incluem o ser *mulher*, *guerreira* e *todas.* Isso porque quem segue esta página acompanha seus posicionamentos ideológicos, gerando uma característica de construção simbólica de **unificação**.

Figura 17 – Tela de compartilhamento da publicação



Fonte: tela capturada em 27 de maio de 2018 no site de rede social Facebook

A postagem de maior engajamento na página ao longo do mês de março é relativa a uma publicação realizada no dia 8 de março, que aborda o tema da liberdade e não liberdade das mulheres. A publicação possui uma foto com texto dentro dela que diz “Quando eu era mais nova costumava dizer que preferia ser homem. Hoje entendo que eu nunca quis ser homem, mas sim ter a liberdade deles” e acompanha a legenda “A diferença”.

Figura 18 - Tela da postagem – Feminismo Sem Demagogia – Original

Fonte: tela capturada em 27 de maio de 2018 no site de rede social Facebook

A prática discursiva desta postagem é marcada pelo uso de uma foto com texto e uma legenda, que explicam uma forma de entendimento sobre como o patriarcado afeta a vida das mulheres. A publicação foi realizada no dia 8 de março, o Dia Internacional da Mulher. Temos a marcação da heterogeneidade do texto pela intertextualidade manifesta com o uso das aspas na frase e uma assinatura na imagem, demonstrando a origem do texto. A representação discursiva é direta pelo uso de aspas e esta escolha se dá por uma de forma de marcar as diferenças vivenciadas na sociedade atual, porém faz uso de uma voz que não é a da própria publicação para legitimar o que se está dizendo. O tipo de texto e a forma em que ele constitui demonstra um entendimento em há coerência da página feminista que discute as posições sujeitos sem igualdade da sociedade, trazendo coerência para sua linha do tempo de publicações e formas de interação entre as usuárias que seguem a página. Temos essa posição de **romper silêncios (ruptura)** ao contar e relatar histórias.

A estrutura textual evidencia ligações que trazem a coesão do texto nas escolhas das palavras *nova, acostumada*, que marcam o gênero feminino como parte da autoria e a identificação com seu público. A presença da conjunção *mas* ao mesmo tempo que explica o

propósito do texto anterior, justifica sua presença como uma forma de negar o querer ser homem e demonstrar que, mais profundamente, as posições sujeitos impostas pela sociedade fazem as mulheres ao longo de sua vida buscarem uma equidade à qual não têm acesso, porque a sociedade é engendrada por posicionamentos ideológicos patriarcais. As escolhas de vocabulário são utilizadas para construir uma subjetividade em comum entre as interações possíveis e a publicação da página, por uma **legitimação** e **negociação**, assim como também a presença de **aconselhamentos**.

Dessa forma, temos na prática social uma forma de legitimar e romper silêncio, contando histórias e buscando aproximações. Além disso, acessa um tipo discursivo de mudança das práticas relativas às imposições de gênero na linguagem, "Embora a maior parte do debate esteja centrada outra vez na continuação de práticas não-democráticas e discriminatórias, o contexto para o debate e uma certa abertura de democratização das relações de gênero que tem suas facetas discursivas" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 254). A ideologia da página Femismo Sem Demagogia - Original se demarca pelo construto de interações e identificações da página, pois há um relativo código marcado desde sua descrição, na aba Sobre (ver tabela 1) e em suas formações discursivas em outras publicações. Assim, a reafirmação de uma nova estruturação para pensar a sociedade por uma ideologia feminista e marxista está em um processo de contínua fluidez e tentativa de transformação por meio de seus eventos discursivos, em que as postagens reafirmam seu posicionamento.

5.2.1.3 8M Brasil

Temos como destaque uma postagem[41] de 15 de março, que contém uma imagem com uma publicação de Elza Soares no Twitter sobre o assassinato de Marielle Franco. Com o engajamento de 1.441, que inclui 491 curtidas, 750 reações (28 amei, 227 triste e 4 grr), 691 compartilhamentos e nenhum comentário. A postagem que recebeu destaque no recorte de tempo de ampliado para o mês de março de 2018 por ter maior engajamento é do dia 6 de março e não envolve diretamente a marcha nas ruas.

A primeira postagem corresponde à figura 12 e tem o seguinte texto:

> Das poucas vezes que me falta a voz. Chocada. Horrorizada. Toda morte me mata um pouco. Dessa forma me mata mais. Mulher, negra, lésbica, ativista, defensora dos direitos humanos. Marielle Franco, sua voz ecoará em nós. Gritemos

[41] https://www.facebook.com/GrevedeMulheres/posts/1817175698356788. Acesso em outubro de 2018.

Os tipos de discursos envolvidos nessa publicação se dão pelo uso de outras vozes, neste caso, representadas pela cantora Elza Soares, que também possui um histórico pessoal de lutas e embates com as bandeiras do feminismo. A cantora sofreu imposições, como ser obrigada a casar ainda jovem, ter um marido que não a deixava trabalhar fora, além de ter sofrido agressões. Anos depois, já em um outro casamento, também sofreu por conta de um relacionamento abusivo. Temos na escolha de trazer uma publicação de Elza a posição de fala de um modo discursivo relativamente inovador, pois se apropria de uma publicação em outro site de rede social (Twitter) e leva ao Facebook para abranger mais interações sobre o tema, gerando força aos enunciados pelo uso da fala e um trabalho interpretativo de forma coletiva, uma **unificação**, com novos modos de apropriações das redes sociais e novas configurações por mais engajamento.

A página também opta pelo posicionamento intrínseco, apenas a intertextualidade manifesta, evidenciando um evento discursivo heterogêneo que tem, ao mesmo tempo, coerência no texto, pois as marcações colocam-se como legitimação do posicionamento da página, sem citar diretamente o fato ocorrido pela voz de outro ator social. Há uma representação discursiva direta claramente demarcada, que traz consigo marcas sobre uma formação de memória discursiva do histórico das lutas feministas. Existe uma busca por legitimidade ao utilizar de outros textos para trazer uma fala de fora do movimento, na tentativa de obter maior engajamento pelo uso de pessoas públicas reconhecidas

Na análise textual da republicação da postagem, encontramos elementos de coesão no texto enquanto há reafirmação em torno de Marielle e suas características como representante da luta por direitos das mulheres, com marcações como *Mulher, negra, lésbica, ativista,* sempre evidenciando e trazendo traços que desvelam sinônimos próximos e mecanismos de referência em uma concordância ao longo do evento discursivo. Evidenciam-se modos de racionalização nas escolhas pelo uso da autora de termos como *chocada, horrorizada*, em que há uma posição pela gravidade do ocorrido. Temos uma força gerada pela função interpessoal trazida pelas escolhas do vocabulário.

A prática social também se refere à construção de sentidos em torno do acontecimento, quando há uma fala que demonstra que é preciso fazer a voz de Marielle ecoar em *nós* e *Gritemos* como formas de gerar engajamento para que a mobilização não se silencie. Apresenta elementos de posições por meio das escolhas de recursos de linguagem com viés feminista, que coloca o uso da plataforma como um processo de comunicação para uma mudança social e discursiva sobre o fato, já que também temos uma pressuposição de que os interagentes já conheçam as notícias sobre o assassinato e suas repercussões. Há uma tentativa de criar laços

mais fortes, que desvelam um investimento em linguagem que dá acesso a um tipo de discurso de prestígio e espaço de fala. As mudanças nas práticas discursivas geram uma relação entre as escolhas de recursos que fortalecem uma democratização pelo uso das postagens.

Destacamos que, dentre os compartilhamentos desta publicação, temos, além de perfis individuais, a presença de outras páginas relacionadas diretamente ao movimento feminista. Demonstra-se, então, que o alcance não se baseia apenas nos comentários e reações na mesma postagem, devemos compreender que os compartilhamentos se tornam uma ponte de informação entre as redes. Mais uma vez, podemos perceber a categoria de **romper silêncios (ruptura),** presente nas publicações, assim como com o uso de outra voz para trazer **legitimação** ao texto exposto.

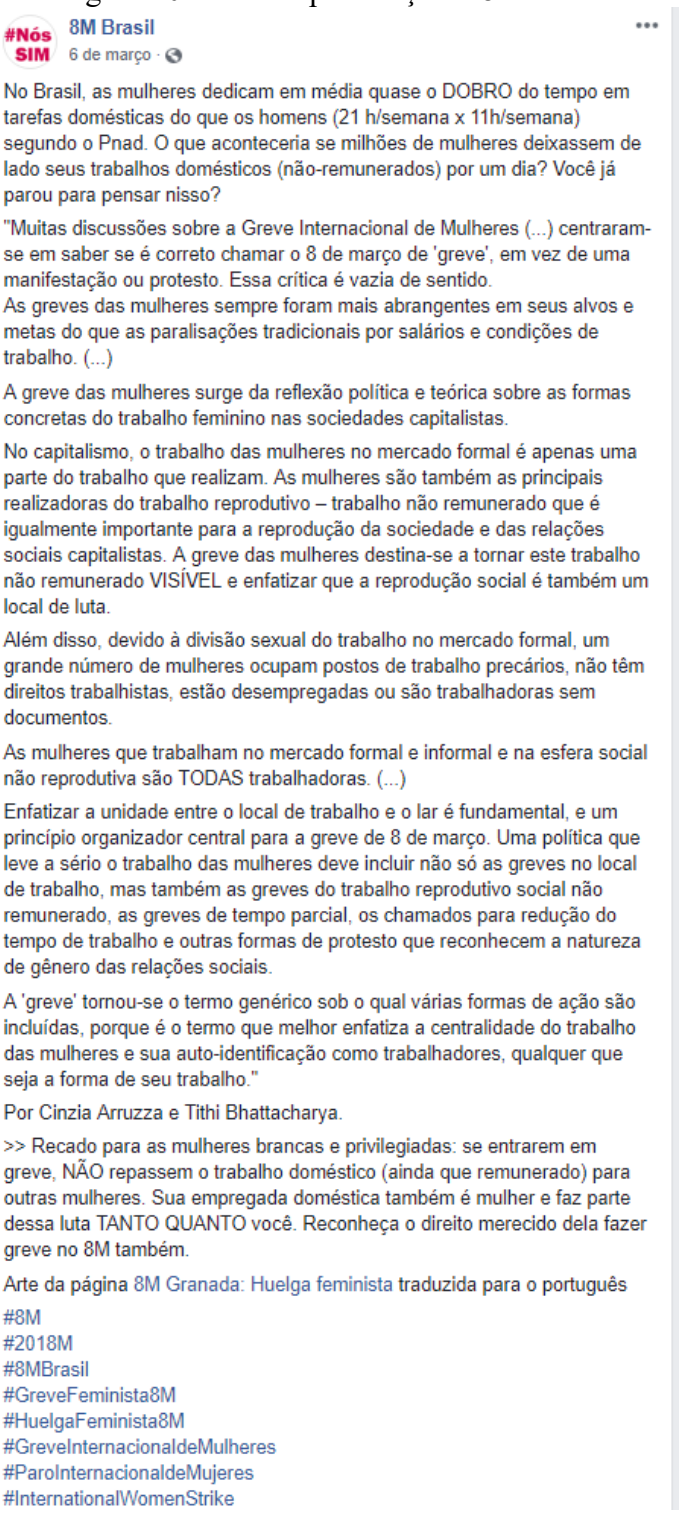
Figura 19 – Tela de compartilhamentos – 8M Brasil

Fonte: tela capturada em 27 de maio de 2018 no site de rede social Facebook

A postagem de maior engajamento[42] teve um engajamento total de 2081, com um total de 1225 reações, que inclui 1050 curtidas, 97 amei, 9 uau, 8 haha e 60 triste; 50 comentários, e 806 compartilhamentos.

[42] https://www.facebook.com/1315146088559754/posts/1805304472877244/ Acesso em outubro de 2018.

Figura 20 –Tela da publicação – 8M Brasil



8M Brasil
6 de março ·

No Brasil, as mulheres dedicam em média quase o DOBRO do tempo em tarefas domésticas do que os homens (21 h/semana x 11h/semana) segundo o Pnad. O que aconteceria se milhões de mulheres deixassem de lado seus trabalhos domésticos (não-remunerados) por um dia? Você já parou para pensar nisso?

"Muitas discussões sobre a Greve Internacional de Mulheres (...) centraram-se em saber se é correto chamar o 8 de março de 'greve', em vez de uma manifestação ou protesto. Essa crítica é vazia de sentido.
As greves das mulheres sempre foram mais abrangentes em seus alvos e metas do que as paralisações tradicionais por salários e condições de trabalho. (...)

A greve das mulheres surge da reflexão política e teórica sobre as formas concretas do trabalho feminino nas sociedades capitalistas.

No capitalismo, o trabalho das mulheres no mercado formal é apenas uma parte do trabalho que realizam. As mulheres são também as principais realizadoras do trabalho reprodutivo – trabalho não remunerado que é igualmente importante para a reprodução da sociedade e das relações sociais capitalistas. A greve das mulheres destina-se a tornar este trabalho não remunerado VISÍVEL e enfatizar que a reprodução social é também um local de luta.

Além disso, devido à divisão sexual do trabalho no mercado formal, um grande número de mulheres ocupam postos de trabalho precários, não têm direitos trabalhistas, estão desempregadas ou são trabalhadoras sem documentos.

As mulheres que trabalham no mercado formal e informal e na esfera social não reprodutiva são TODAS trabalhadoras. (...)

Enfatizar a unidade entre o local de trabalho e o lar é fundamental, e um princípio organizador central para a greve de 8 de março. Uma política que leve a sério o trabalho das mulheres deve incluir não só as greves no local de trabalho, mas também as greves do trabalho reprodutivo social não remunerado, as greves de tempo parcial, os chamados para redução do tempo de trabalho e outras formas de protesto que reconhecem a natureza de gênero das relações sociais.

A 'greve' tornou-se o termo genérico sob o qual várias formas de ação são incluídas, porque é o termo que melhor enfatiza a centralidade do trabalho das mulheres e sua auto-identificação como trabalhadores, qualquer que seja a forma de seu trabalho."

Por Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya.

>> Recado para as mulheres brancas e privilegiadas: se entrarem em greve, NÃO repassem o trabalho doméstico (ainda que remunerado) para outras mulheres. Sua empregada doméstica também é mulher e faz parte dessa luta TANTO QUANTO você. Reconheça o direito merecido dela fazer greve no 8M também.

Arte da página 8M Granada: Huelga feminista traduzida para o português

#8M
#2018M
#8MBrasil
#GreveFeminista8M
#HuelgaFeminista8M
#GreveInternacionaldeMulheres
#ParoInternacionaldeMujeres
#InternationalWomenStrike

Fonte: tela capturada em 18 de setembro de 2018 no site de rede social Facebook

A seguir, reproduzimos o texto de abertura da postagem, que apresenta ainda um segundo texto e uma imagem com orientação sobre o trabalho e o dia da mulher.

> No Brasil, as mulheres dedicam em média quase o DOBRO do tempo em tarefas domésticas do que os homens (21 h/semana x 11h/semana) segundo o Pnad. O que aconteceria se milhões de mulheres deixassem de lado seus trabalhos domésticos (não-remunerados) por um dia? Você já parou para pensar nisso?

A prática discursiva relaciona-se diretamente pela intertextualidade manifesta na relação de uma representação direta de um discurso com uma apresentação inicial. No entanto, a heterogeneidade do texto não se dá de forma contraditória, mas é utilizada para trazer força as concepções e temáticas apresentadas. Traz consigo um tipo de discurso que abrange pela ironia da publicação como um classificado de jornal, que demonstra um eco do tipo de pensamento existente a respeito do papel da mulher na sociedade. Há também uma representação direta de outro texto quando faz uso da assinatura do nome de outra pessoa no final da publicação para demonstrar uma apropriação de autoria, que auxilia na **legitimação** da narrativa de convocatória

coloca neste evento discursivo, assim como criar uma **ruptura** dos papéis normativos das mulheres na sociedade.

Na análise textual, temos uma forma de controle interacional pela proposta de tomada de turnos quando são feitos questionamentos *O que aconteceria se milhões de mulheres deixassem de lado seus trabalhos domésticos (não-remunerados) por um dia? Você já parou para pensar nisso?*, que devem trazer uma apropriação do leitor sobre como se portar na resposta e interação. A coesão do evento discursivo é evidenciada pela presença da repetição de palavras e o uso de sinônimos próximos como *mulher, mulheres, todas, trabalhadoras* é retomados como um mecanismo que cria um circuito de referência no próprio texto. Temos ainda a presença no processo de comunicação marcado por um vestígio de transitividade no quadro, em que há referência a como deve ser a dona de casa e às atividades que dadas às mulheres como responsabilidades, demonstrando a importância da valorização e distribuição dos papéis na sociedade por meio de apoio à greve. Busca, desta maneira, criar uma **unificação** e **visibilidade** pelos usos dos recursos da linguagem e da imagem.

A prática social está produzida dentro da narrativa que conta com dados sobre a exploração da força de trabalho das mulheres no Brasil por um viés que se divide entre um discurso para mudança social pela democratização e outro pela comodificação, que são mudanças efetivas discursivas. A democratização se dá pelas relações que segundo Fairclough (2001, p. 248) que a "democratização do discurso entendo a retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas", na tentativa de eliminar relações desiguais de poder na sociedade para acrescentar ao debate sobre as temáticas que envolvem os papéis de gênero a desconstrução da exploração das mulheres. Ainda objetiva, por argumentação e exemplos, que as interagentes compreendam a importância da greve e que participem dela. De outro lado,

> A comodificação é o processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para venda, vem não obstante a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias. [...] Em termos de ordens de discurso, podemos entender a comodificação como a colonização de ordens de discurso institucionais e mais largamente da ordem de discurso societária por tipos de discurso associados a produção de mercadoria. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 255)

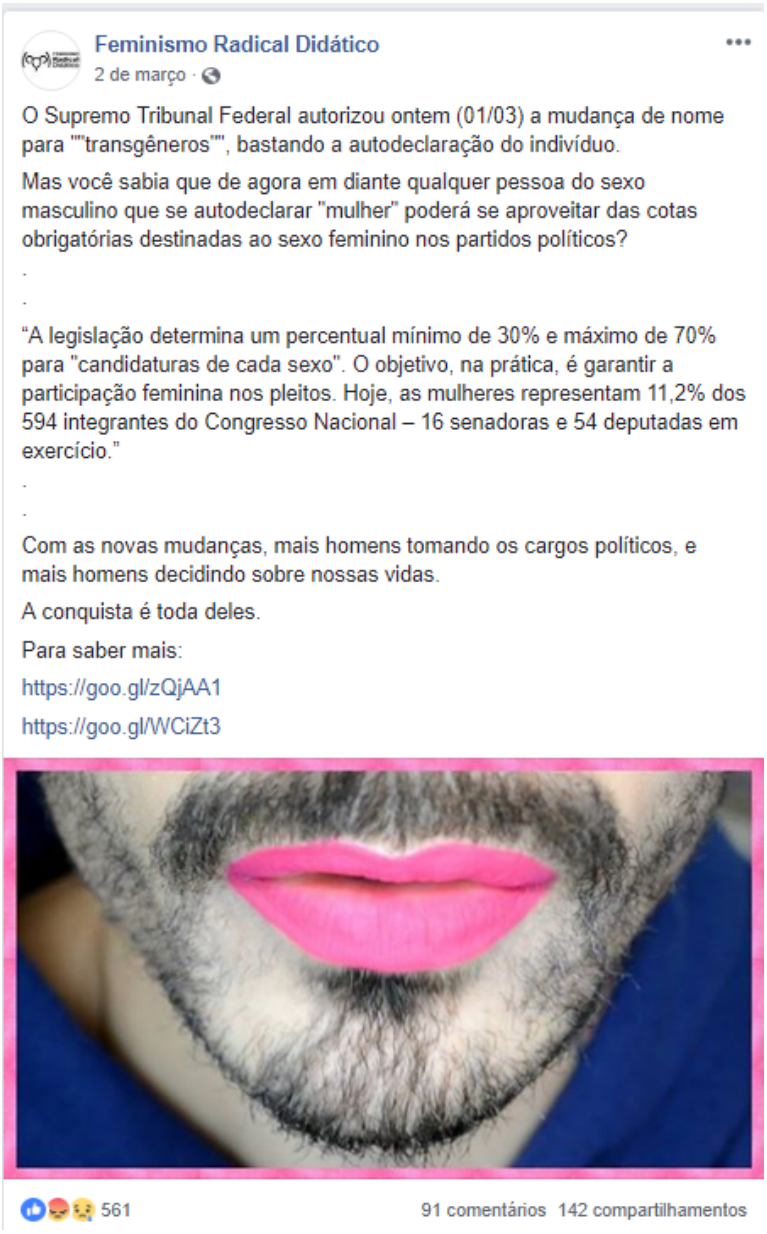
Temos uma combinação de informação e persuasão que se evidencia pelas marcações textuais de chamadas para participar da greve. Há também prática de marcar as *hashtags* para facilitar republicações sobre a mesma temática para facilitar o acesso à informação sobre o assunto e agregar mais interagentes.

5.2.1.4 Feminismo Radical Didático

Encontramos silêncio na página Feminismo Radical Didático, o que demonstra um posicionamento claro em relação à morte de Marielle Franco. Atribuímos essa situação ao fato de que a página adota uma vertente que não compreende as questões de gênero em sua diversidade. De acordo com Orlandi (2001), há uma política do silêncio. Existe um silenciamento constitutivo, como uma censura de dizer, levando em conta o contexto de como esta página busca representar o viés radical do feminismo, formado, inúmeras vezes, por pré-conceitos e exclusão. O silêncio não pode ser compreendido apenas com um vazio, pois ele é vestígio de um significado, produz um sentido. Desta forma, esse não-dito demonstra também as posições de ideologia formadoras dos administradores da página. Por não haver publicações, percebe-se que a página não está interligada ao movimento feminista de viés interseccional e que há um embate entre compreender o gênero feminino como um conjunto de mulheres, pois, para esta vertente, há apenas a mulher. Este posicionamento coloca-se no caminho oposto ao que vem sendo traçado pela mobilização nas redes sociais, de compreender as desigualdades presentes na sociedade. Temos traços de categorias de Thompson (2011) sobre ideologia de uma **fragmentação** por diferenciação, que é dar ênfase ao que um grupo tem diferente de outro, promovendo uma divisão entre as pessoas que legitima apenas uma parte da sociedade.

Para o recorte relativo ao mês de março, através dos grafos e dos dados obtidos na mineração chegamos à publicação com mais comentários e construção de laços mais densos. A postagem foi realiza no dia 2 de março, com o engajamento de 955, com 561 reações que se dividem em 221 curtidas e 3 amei, 7 uau, 7 haha, 123 triste e 200 grr. Os comentários ao total somam 252, incluindo comentários primários e respostas de comentários.

Figura 21 –Tela da publicação – Feminismo Radical Didático



Fonte: tela capturada em 18 de setembro de 2018 no site de rede social Facebook

> "A legislação determina um percentual mínimo de 30% e máximo de 70% para "candidaturas de cada sexo". O objetivo, na prática, é garantir a participação feminina nos pleitos. Hoje, as mulheres representam 11,2% dos 594 integrantes do Congresso Nacional – 16 senadoras e 54 deputadas em exercício."

Pela análise discursiva, percebemos que, assim como as outras publicações, esta é distribuída de maneira coletiva, com uma distribuição complexa. Há uma construção relativamente heteronormativa e binária de entender o gênero, pelo fato de naturalizar uma forma de preconceito com a escolha de *trans* pela apropriação de pensar que o homem começaria a ocupar espaço das mulheres, aproveitando-se de brechas como essas, como no

exemplo *A conquista é toda deles.* Já a intertextualidade discursiva presente se dá pela citação direta de fala na superfície do texto, como um metadiscurso, mas que ainda impõe uma interpretação do discurso sobre esta, pois a apropriação do uso de aspas nesta postagem se dá como uma forma de distanciar-se em relação ao que está exposto. Percebemos uma interdiscursividade já implícita dentro do texto, na qual existem pressuposições por memórias discursivas da exploração de uma sociedade patriarcal impõe e subjuga o papel das mulheres. Da mesma forma, pressupõe que, nas interações desta página, as interagentes concordam com o exposto. As aspas surgem, em outro momento, quando usadas em *"transgêneros*", uma forma de ironia negativa para marcar uma disparidade pelo enunciado e pelo tipo de espaço e voz que está sendo dado ao tema.

Na análise do texto, temos o controle interacional pelo controle de agendas, que significa que há uma determinação por elementos estabelecidas de modo explícito ao longo da interação, como uma forma de manter os participantes engajados no evento discursivo. Isso se fortalece pela coesão nas escolhas das palavras e pelo uso de aspas, criando mecanismos de referência sobre *mulheres e transgêneros*. Busca ainda uma interação com uma explicação através do *você sabia*, colocando-se como uma narrativa explicativa sobre fatos que podem modificar as relações e presença da mulher no ambiente político.

Assim, a prática social vai se dar pela forma da democratização, que determina-se por uma fragmentação por diferenciação e busca uma ruptura ao entendimento que foi aprovado pelo Supremo Tribunal Federal. E envolve-se novamente em uma publicação pela página que se justifica por essa **fragmentação** e **representação**.

Percebemos que existe uma forma de construções simbólicas dada ao mesmo tempo que busca criar um vínculo de unidade por questões de entendimentos do feminismo radical, há uma argumentação e uso de estratégias de discurso que buscam imposições de dominação e oposição que excluem minorias identificadas por mulheres e não aceitas por esse grupo. Como de acordo com Butler, usa-se um ponto de oposição que fortalece os poderes de dominação por meio de participações em ações assim.

5.3 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

A partir das informações coletadas e analisadas nas publicações das quatro páginas selecionadas para esta pesquisa e em conjunto com os estudos teóricos envolvidos, conseguimos perceber algumas questões importantes presentes nos exercícios de publicações no site de rede social Facebook.

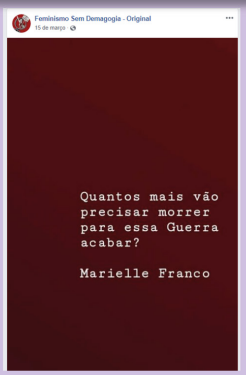
As publicações compreendidas nesta pesquisa que possuíam maior engajamento envolviam diretamente a publicação de uma imagem, assim como, na análise dos dados no recorte de tempo no mês de março de 2018, em todas as páginas, o engajamento é maior em postagens com fotos, seguidas das postagens com links. Esse resultado demonstra um recurso passível de apropriação, porque, na linha do tempo, entre várias outras publicações e diversas páginas e perfis, ganha destaque a postagem formada por uma imagem e que busca uma forma de criar uma ligação com os interagentes da rede. Os usos de recursos para buscar interação se deram através de perguntas, identificações por meio de contar histórias, relatar notícias e fazer comentários a partir dela.

A presença de heterogeneidade nas publicações, a partir de uma intertextualidade manifesta em grande parte delas, demonstra uma maneira de busca pela legitimação. São trazidas outras vozes aos eventos discursivos como uma forma de, a partir de outras posições de falar, tornar mais forte os laços nas interações, assim como criar alcance a novos usuários.

Acrescentamos a tabela abaixo sobre as categorias encontradas de construções simbólicas utilizadas nas estratégias discursivas nas postagens estudadas.

Quadro 1 - categorias de estratégias discursivas das páginas feministas

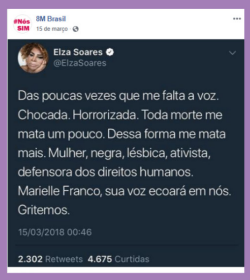
FEMINISMO SEM DEMAGOGIA



VISIBILIDADE,
LEGITIMAÇÃO
E UNIFICAÇÃO

RUPTURA,
LEGITIMAÇÃO,
NEGOCIAÇÃO
E ACONSELHAMENTO

8M BRASIL



VISIBILIDADE,
LEGITIMAÇÃO
E UNIFICAÇÃO

RUPTURA,
LEGITIMAÇÃO,
NEGOCIAÇÃO
E ACONSELHAMENTO

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir da captura das páginas e do referencial teórico

Identificamos construções a partir do entendimento de Thompson (2011), dentre as quais destacamos o uso da legitimação com maneira de criar posicionamento, mesmo que por outras vozes (intertextualidade) e também com abordagens com narrativas que funcionavam para justificar as notícias e informações relacionadas. Pois há uma percepção de que, em meio à diversidade de publicações e com uma onda forte de *fake news* e outras distorções de verdade nas redes, esta é uma forma de buscar uma identificação com as interagentes pela racionalidade. Segundo Thompson (2011), a legitimação originalmente é usada como uma maneira de justificar relações de dominação, ao utilizar de fundamentos que podem ser racionais, tradicionais e com narrativas que constroem raciocínio lógico. No entanto, o ativismo feminista demonstra uma apropriação dessas estratégias discursivas para construir um engajamento nos entrenós, nas interações nas redes sociais. O mesmo ocorre com as apropriações da unificação na construção de uma identidade coletiva que interligue os indivíduos independentemente de fragmentações que tenham ocorrido anteriormente.

Da mesma forma, há a fragmentação em que as relações são compostas por marcar uma diferenciação e afastamento do outro, como encontramos tanto no silenciamento, quanto nos posicionamentos da página Feminismo Radical Didático. Isso significa uma via de aproximação com seu público, já que ela se afirma parte de uma vertente do feminismo que ainda não aceita mulheres transexuais.

Temos uma categoria que significa a presença do feminismo nas páginas na quebra por barreias, em romper silêncios. A ruptura e o aconselhamento propostos, ao mesmo tempo que se coloca como uma interação de contrapoder e representante de uma minoria frente a uma sociedade hegemônica patriarcal, também fortalece laços, por demonstrar preocupação com as bandeiras de luta do movimento feminista e com as interagentes. Desse modo, cria nas interações laços sociais mais densos e, a partir destas interações, visa alcançar engajamento com novos usuários (como por exemplo, em marcações de comentários e compartilhamentos).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo compreender quais estratégias discursivas as redes do movimento feminista brasileiro utilizam na ambiência digital. Além disso, buscamos perceber a construção do ativismo em um espaço potencialmente democrático. Estudamos como se dão as apropriações dos discursos na formação das interações no site de rede social Facebook.

Para responder o problema desta pesquisa, elencamos como objetivo principal deste estudo de analisar as estratégias discursivas na construção da mobilização pelos movimentos feministas brasileiros no site de rede social Facebook, levando em conta como se estruturam as redes das páginas ativistas feministas no site de rede social. Para isso, tivemos como objetivos específicos mapear a estrutura da rede das páginas por meio do desenvolvimento das dimensões e o alcance das interações dos movimentos no site de rede social; identificar os elementos sociais e relacionais que vão levar às escolhas discursivas no site de rede social Facebook e identificar as estratégias discursivas que potencializam o ativismo feminista brasileiro no Facebook.

O quadro teórico e metodológico desta pesquisa conduz a um reflexo de um período desafiador que se instaurou nos últimos anos no Brasil. Em meio à busca pela equidade das identidades ainda enfrentamos casos como o acontecimento do assassinato de uma ativista feminista, negra e representativa da favela, Marielle Franco. Por isso foi importante percebermos como se dão as interações pelas redes de mobilização feminista com esta temática, já que nosso contexto também perpassa uma crise de representação política das mulheres na perspectiva de uma guinada ao conservadorismo patriarcal.

Há uma apropriação do espaço digital dos sites de rede sociais, no nosso caso o Facebook, para constituir relações entre os indivíduos na sociedade. Assim, demonstramos as possibilidades de construir a interação entre os atores sociais, os movimentos feministas e os usuários desta rede, mais dinâmica e aberta a participação, permitindo um intercâmbio de informações, consolidando o site de rede social como uma plataforma de diálogo entre diferentes áreas das sociedades sobre as pautas do feminismo contemporâneo. Portanto, novos processos são gerados a partir de experiências de construções simbólicas.

Utilizamos os pressupostos da Análise de Redes Sociais e realizamos o mapeamento de quatro páginas de movimentos feministas. Algumas conexões dos movimentos, como o uso de imagens, comentários e a utilização da fala da vereadora, foram percebidas como importantes para gerar mobilização. Os principais resultados apontam para uma narrativa pautada pelo

ativismo, cuja construção é marcada pelo olhar não apenas de quem produz as postagens, mas também de quem vivencia situações de discriminação e de violência. Assim, investigar novas formas de atuação de mobilizações feministas no Brasil representa alinhar-se às reflexões que incluem as lógicas das redes e o papel de contestação na sociedade.

Ressaltamos a dificuldade de apropriação e utilização dos programas e aplicativos para construirmos a análise de redes sociais na execução da pesquisa devido a fatores como a constante troca de política de segurança e privacidade do Facebook[43]. O uso *software* de análise quantitativa significou a interpretação de dados e tabelas das informações mineradas no site de rede social para concluirmos na construção de grafos que auxiliam no entendimento de como se estruturou a rede de cada página frente às publicações, em momentos de interações com os seguidores e com outras páginas. Os limitadores envolvem a capacidade de operação do computador para gerar os grafos e o tempo necessário para que a leitura fosse construída, assim como compreender o funcionamento dos programas e seus algoritmos no prazo de execução desta pesquisa.

A partir da abordagem da análise crítica discursiva, por meio de vestígios e utilizando o modelo tridimensional de Fairclough (2001), conseguimos perceber que a estrutura da rede reflete diretamente sobre as formas como as publicações e interações são geridas pelas páginas aqui estudadas. As postagens estão em uma contínua busca em dois fatores preponderantes: legitimação e rompimento silêncios. Cada perfil de vertente do movimento tem diferentes formas de buscar agregar novos atores sociais e fortalecer laços já existentes. Apesar das diferenças, percebemos que o feminismo na forma do ativismo digital se mantém como o lugar de fala e de espaço de cidadania para uma minoria que tem como uma das principais bandeiras de luta a ruptura dos silêncios e das imposições sociais e históricas que as mulheres sofrem em uma sociedade com papéis cristalizados.

Assim, as estratégias discursivas que percebemos na utilização da construção do ativismo digital incluem o uso da legitimação, unificação, aconselhamento, ruptura do silêncio, visibilidade, negociação e fragmentação. Estas estratégias demonstram como a comunicação não é apenas uma ferramenta, mas a prática social que se dá por agenciamentos simbólicos. Conseguimos perceber que como as práticas discursivas imbricam e são construídas pelas práticas sociais, também demonstrando o potencial e o funcionamento dos eventos discursivos na proposta de uma mudança social.

---

[43] Após as alterações da API (Application Programming Interface) em 5 de fevereiro de 2018, vários recursos foram removidos do módulo de página; contagens de reação foram adicionadas às estatísticas básicas para o módulo de página.

Os movimentos feministas percebem que a mobilização passa pelo uso e apropriação das programações da rede, pois ela permite convocações às manifestações nas ruas e disseminação de informações. Além disso, cria uma via alternativa aos veículos de comunicação de massa e um espaço de participação e compartilhamento, que faz com que cada indivíduo possa tornar-se parte de da coletividade na rede e com autonomia na busca de lugar contra um posicionamento hegemônico e patriarcal. Com o aprofundamento de mais pesquisas sobre o movimento no contexto atual, teremos uma demonstração de como está estruturada a mobilização feminista brasileira e a importância de posicionar-se frente à luta hegemônica. Também, percebemos a necessidade de incluir uma etapa de mapeamento de redes sociais que forneçam como as páginas selecionadas se interligam e proporcionam ou não interação entre usuários ou até mesmo com outros movimentos externos.

Há em curso um refluxo estrutural, em que uma nova onda conservadora está emergindo. Ela tem se utilizado de estratégias que envolvem um populismo patriarcal e fundamentalismos religiosos, buscando cercear as opções educacionais, políticas e sociais, como a presença de questões de gênero nos diversos meios comunicacionais e em políticas públicas. Busca controlar desde a educação até a aplicação de leis. É preciso compreender a importância de potencializar o papel do feminismo na sociedade para colocar-se no embate contra políticas não democráticas e que não buscam igualdade e legitimação entre as diversas identidades que permeiam o Brasil. Os problemas enfrentados pelas mulheres partem de uma vivência cotidiana que têm suas raízes em uma história de exclusão e sub-relação entre os gêneros. Os sites de redes sociais são um espaço a ser ocupado para operar ferramentas de luta por igualdade social. É preciso articular a interação para enfrentar o conservadorismo já colocado em uma memória discursiva, como esta ressurgência de retração de direitos.

Ao realizarmos este percurso, procuramos demonstrar a complexidade presente nas redes sociais digitais que se dão em torno de uma dinâmica que envolve novas apropriações de eventos discursivos. Além disso, buscamos evidenciar como as interações trazem a coparticipação na construção do feminismo nas redes, assim como o seu potencial de transformação social.

Nas redes, os atores sociais constroem projetos e encontram espaço de cidadania nos processos comunicacionais na internet. Essa construção de autonomia perpassa constituir como sujeitos uma nova formação social em rede, na qual o uso das tecnologias é incorporado nas relações sociais. Temos a possibilidade de perceber os movimentos sociais como atores em rede que possuem relevância no sistema democrático imbricado pelas ideologias presentes em nosso contexto. A autonomia compõe uma reestruturação dos usos de linguagem na aplicação das

práticas discursivas, refletindo nas representatividades sociais. Podemos perceber que os sites de redes sociais são mídias ativistas, no tocante à sua capacidade interação não institucionalizada e reprogramável. Assim, o engajamento acontece na apropriação e uso da comunicação digital.

Dessa forma, estudamos o ativismo feminista nas redes como um mecanismo de defesa e fortalecimento da representatividade democrática. Por meio desta dissertação foi possível perceber que os usos de recursos e estratégias discursivas se dão pela construção de um significado compartilhado, em constante busca por legitimidade. Significados são construídos dentro dos processos de interação nas redes.

Essa dinâmica em rede é aberta, interativa e com maior fluxo de informação entre os sujeitos que participam das relações de comunicação. Ela leva a compreender que a interação, a partir do uso de processos midiáticos nas redes, construídos pelos ativismos, constrói um espaço que agrega maior número no engajamento pelos usuários. É essencial perceber que a interação se enfatiza na participação em processos que possibilitam condições e situações de troca, compartilhamentos e a não fixação do papel de emissor e receptor. A construção da interação é o entre-nós, fundamentada no pertencimento dos indivíduos na rede. São as conexões entre os nós que se fazem por meio da linguagem que permitem o entrelaçamento das relações.

Destacamos ainda que novos cenários e discussões habitam o campo feminista e temos presenciado uma emergência de compreender a temática na ambiência digital com seus usos, práticas e construções sociais. Também vemos na constante evolução desse espaço na sociedade em rede um campo para possibilidades de representação democrática que possam subverter discursos, imposições ideológicas e locais de debates e aprendizagem. Da mesma forma, percebemos este momento como a construção de novos sentidos do papel da comunicação nos espaços de mobilizações em rede.

Considerando a existência de algumas lacunas nesta pesquisa, com a certeza de que esta temática, que não se iniciou aqui, também não se encerra aqui. Sobre o entendimento do ativismo feminista e das interações para as mobilizações, propõe-se ao campo de estudos perceber como as interações pelo uso e apropriação das ferramentas das plataformas que constroem as redes sociais também transformam – através da construção dos laços sociais – identidades que se dão entre individualização, autonomia e construção de identidades coletivas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo.** Soc. estado., Brasília , v. 15, n. 2, 2000

_____. **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Ed. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997.

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. Cad. Pagu . 2017, n.50, Jun 26, 2017.

BARREIROS, Bruna Provazi. **Estratégias de visibilidade e articulação no ciberespaço: uma análise do ativismo feminista brasileiro no Facebook.** Dissertação (Mestrado). Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do ABC, São Paulo, 2013.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo. (1949).** 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

Blumler, J., & Coleman, S. (2017). **A democracia e a mídia** — Revisitadas. Compolítica, 7(2), 7-34.

BOURDIEU, Pierre. **A construção do objeto**. In: A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas. Petrópolis, Vozes, 1999.

BOYD, D.; ELLISON, **Social Network Sites: Definition, history and Scholarship.** Journal of Computer-Mediated Communication 13(1):210–230, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo"**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 11, p. 11-42, jan. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. O poder da comunicação. São Paulo: Paz e Terra. 2ed. 2017.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____ **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Ruptura: A crise da democracia liberal.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia.** 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização**, in Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (org.) Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil, Edufu, Uberlândia, 2010a.

_____. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional,** In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012

CAPES. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em < http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política**. Revista Gênero. Rio de Janeiro, v.5, n.2, 2005.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares.** Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura (on-line). Salvador, v. 11, n. 02, p. 267–283, 2013

DI FELICE, Massimo (org). **Do público para as redes: A comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008.

FAIRGLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Feminismos Web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo.** Cadernos Pagu, 2015, n.44, pp. 199-228 - Dossiê: Percursos Digitais: corpos, desejos, visibilidade.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber. 7 ed.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A Ordem do discurso.** 5. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

GALINARI, Fabiana Flores de Carvalho. **Ativismo na internet e o Impeachment de Dilma Roussef (as estratégias de convocação dos movimentos pró e contra a presidenta do Brasil, 2014-2016).** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GOHN, Maria da Glória**. Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas**. Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13-32.

_____. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, maio/ago, 2011

_____. **Nova teoria dos movimentos sociais.** São Paulo: Editora Loyola, 2008

_____. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civis no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 7ed, 2013.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** 17 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2008.
HENRIQUES, Márcio Simeone**. A comunicação e a condição pública dos processos de mobilização social.** Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Paraná, V.2, n.º 1, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LATTES. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em < http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

LOURO, Guacira Lopes**. Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pósestruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997

MATTELART, Michèle. **Mujeres e industrias culturales**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1982.

MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista: e possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?** In: Revista de Sociologia e Política. V. 18, Nº 36: 67-92, 2010. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/rsp/article/view/31628/20162> Acesso em 11 de julho de 2015

MELO, Jacira**. Publicar é uma ação política**. Revista Estudos Feministas, vol.11, n.1, 2003. P. 298-301

MELUCCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais?.** Lua Nova, São Paulo , n. 17, p. 49-66, Jun.1989.

_____.**Challenging codes collective action in the information age.** Cambridge: Cambridge. University Press, 1996.

ONU Mulheres Brasil. **Nota Pública: ONU Mulheres externa preocupação com a redução de status das Secretarias de Políticas para as Mulheres e de Promoção de Políticas de Igualdade Racial**. Disponível em < http://www.onumulheres.org.br/noticia/notas-publicas/>. Acesso em: 24 de junho de 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2001.

PEREIRA, Marcus Abílio G. **Cyberativismo e democracia: movimentos sociais e novos repertórios de ação**. Tese de Doutorado. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2008.

PERUZZO, Cecilia. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que "o gigante acordou"**. Matrizes. n. 2. jul./dez. 2013, p.73-93.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos.** 2 ed. São Paulo: Hacker, 2002.

PINTO, Regina Celi. **Feminismo, História e Poder.** Revista Sociologia Política. Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010 p. 15-23.

_____. **Uma história do feminismo no Brasil**. Jardim. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Rafaela Caetano. **As estratégias ativistas do greenpeace para suscitar o debate sobre o meio ambiente na esfera pública.** Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet:** O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014.

_____. **Introdução à análise de redes sociais online. Salvador**: EDUFBA, 2017.

ROZA, André Érick. **Net-Ativismo: comunicação e mobilização em contextos reticulares.** Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Soc. estad**o.**, Brasília , v. 21, n. 1, p. 109-130, Abr. 2006 .

_____. **Sujeitos e movimentos conectando-se através de redes.** Política e Trabalho, Paraíba, n. 19, p. 29-37, out. 2003

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1995.

_____. **Entrevista. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. n. 1, p. 114-124, 1998

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (Orgs.).Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

VERÓN, Eliseo**. A produção de sentido.** São Paulo : Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1980

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS : Ed. Unisinos, 2004

TOMAZETTI, Tainan Pauli. **Movimentos sociais em rede e a construção de identidades: a marcha das vadias - SM e a experiência do feminismo em redes de comunicação**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

THOMPSON, John B.. **A nova visibilidade.** MATRIZes, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 15-38, 2008.

_____. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 9 ed, 2011

TORO, Jose Bernardo A.; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TOURAINE, Alain. **Na fronteira dos movimentos sociais.** Sociedade e Estado, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 17-28, maio 2011

_____. **O que é democracia.** Petrópolis: Vozes, 1996.

VIEIRA, Vera de Fátima**. Comunicação e Feminismo: As possibilidades da era digital.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
WICHTERICH, Christa. **Feminismo em Movimento. Contra o Retrocesso, Rumo a Novas Solidariedades.** 2016. Disponível em: < http://library.fes.de/pdf-files/bueros/mosambik/13051.pdf>. Acesso em jun de 2018.

WODAK, RUTH. **Introduction: Some important Issues in the Study of Gender and Discourse',** in Gender and Discourse. Pragmatics & Beyond New Series, London : Sage, 1997. p. 1-20